

BLUMENAU

em Cadernos

tomo 52 número 3 maio/junho 2011

Porque os comunistas, os criptos e os filo-comunistas ainda estão à postos. Nem todos foram detidos. Nem todos os nossos inimigos esmagados. Lembrem-se todos da notável frase de Sir Winston Churchill: "O preço da Liberdade é a eterna vigilância."

VOLKSWAGEN O BOM SENSO
SOBRE RODAS



BLUMENAU

em Cadernos

t. 52 n. 3 maio/junho 2011 Blumenau

ISSN 0006-5218

Blumenau cad.	Blumenau	t. 52	n. 3	p. 1-128	mai./jun. 2011
---------------	----------	-------	------	----------	----------------

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento
Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing
Vice-prefeito | Rufinus Seibt
Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schindwein
Diretor Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller
Diretor de Cultura | Vinícius da Cunha Wolff
Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli Maria Vanzuita Petry

Blumenau em Cadernos
Editor | Órgão de fomento | Divulgação | Distribuição | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010
Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br
Diretora | Sueli Maria Vanzuita Petry
Conselho Editorial
Presidente | Annemarie Fouquet Schünke
Carla Fernanda da Silva
Cristina Ferreira
Gervásio Tessaleno Luz
Ivo Marcos Theis
Marcos Schroeder
Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos
Capa | Elaborada por Nancy de Souza
Normatização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva
Revisão | Valdir Anselmo Petry | Secretária | Kátia Elizabeth Curti

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,
concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;
Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras;
Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.
Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.
Recuperado pelo diretório Ulrich's International Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. - T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . - Blumenau : [s.n.],
1957-
v.; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.
Fundada por José Ferreira da Silva.
Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.
Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome
para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.
Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.
Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos
45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.
Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral
com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração
alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.
Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide
Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9
ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos
1. Santa Catarina - História - Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Lembranças de imigrante

Depois de três anos

Nach drei Jahren

Emilie Heinrichs

Tradução: Adriana Maximino dos Santos / Manuela Acássia

Accácio

7

Artigo

O PCB em Blumenau: entre a história e a memória

Edison Lucas Fabricio

44

Memórias

Aulas de Datilografia

Ellen Crista da Silva

77

Correspondências de imigrantes

Um Jardim Zoológico no Sul do Brasil

Wilh. Schlüter de Halle a.S

86

Entrevista

O que o Samae atende hoje em Blumenau?

Luiz Antonio Soares / Danilo Gomes

93

Fragmentos da nossa história local

Avenida Beira Rio

Jornal LUME

115

Autores Catarineses

Curioso Capítulo de Nossa História

Enéas Athanázio

121

Blumenau cad., Blumenau, t. 52, n. 3, p. 1-128, mai./jun. 2011

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

APRESENTAÇÃO

Esta edição de Blumenau em Cadernos mais uma vez apresenta-se heterogênea, quer em questões temáticas abordadas, quer pelas diferentes opções teórico-metodológicas dos autores. Estas diferenças revelam a penetração desta revista entre os diversos segmentos acadêmicos e incitam o leitor quanto aos assuntos que traz para o seu público.

Na seção denominada **Documentos Originais**, é dada continuidade à narrativa da imigrante alemã Emilie Heinrichs. Neste capítulo a autora escreve sobre as dificuldades enfrentadas no processo de adaptação aos trabalhos de erguimento da propriedade adquirida, o enfrentamento das doenças que acometeram o casal, a gravidez e a solidariedade recebida dos vizinhos. O capítulo foi extraído da obra “A mulher do imigrante: vivências da esposa de um colono no sul do Brasil”, editada no ano de 1921 na Alemanha. A tradução é um trabalho da doutoranda em Estudos da Tradução, Adriana Maximino dos Santos, e a revisão ficou sob a responsabilidade da mestre em Estudos da Tradução, Manuela Acássia Accácio. A transcrição do texto em alemão teve a revisão da colaboradora senhora Annemarie Fouquet Schünke.

Em **Artigos**, é apresentada parte da dissertação de mestrado “A produção do espectro comunista: imprensa, política e catolicismo (Blumenau 1960-1964)”, de Edison Lucas Fabrício, tese defendida na UFSC. Ao tecer o artigo “O PCB em Blumenau: entre a História e a Memória”, ele mostra que a cidade, durante os anos iniciais da década de 1960, não estava isolada da efervescência política e social que tomava conta do Brasil. Apesar das escassas fontes de pesquisa, o autor encampou o desafio, abrindo caminhos para um novo capítulo da História Regional.

Reviver as lembranças de estudante no Colégio Sagrada Família. Com o texto “Aulas de Datilografia”, a ex-aluna daquele educandário, Ellen Crista da Silva, finaliza a série de recordações publicadas na seção **Memórias**. Neste texto relembra as aulas de datilografia, as amizades, a formatura, os cadernos de poesia e avalia as perspectivas de futuro.

Na coluna **Correspondência de imigrantes**, é transcrita uma carta relatando a existência de um Jardim Zoológico na Colônia Blumenau na década dos anos setenta do século XIX..

Em **Entrevista**, publica-se o depoimento do Diretor do Samae, Sr. Guelfo Roveri, concedido no programa de rádio Censura Livre de 03/03/1982, aos jornalistas Danilo Gomes e Luis Antonio Soares. Comenta os projetos, dificuldades e realizações deste órgão público. A transcrição da entrevista foi um trabalho das acadêmicas do Curso de História da FURB, Fernanda Sasse e Dayse Sehnem, monitoras do Centro de Memória Oral e Pesquisa – FURB.

Finalizando, o escritor Enéas Athanázio, na seção **Autores Catarinenses**, sob o título “Curioso capítulo de nossa história”, comenta a atuação da Companhia Lumber (Southern Brazil Lumber & Colonization Company), sinalizando-a como uma das causadoras da Guerra do Contestado ocorrida entre os anos de 1912/1916. Em outro momento comenta o lançamento do livro de poemas “Momentos”, do escritor Mario Tessari.

Deixamos o convite aos leitores e pesquisadores interessados a enviar suas contribuições para as colunas Artigos, Memórias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli M. V Petry
Diretora de Blumenau em Cadernos

DEPOIS DE TRÊS ANOS



6 NACH DREI JAHREN

Aus Wochen wurden Monate, und aus Monaten Jahre. Dreimal hatte der Mais schon geblüht und unsere immer größer werdende Roca in ein Blütenfeld verwandelt. Drei Jahre im Urwald, drei Jahre zusammengereicht aus vielen, vielen arbeitschweren Tagen. Ein Tag glich dem andern, jede Arbeit wiederholte sich im ewigen Einerlei. Immer dieselbe Landschaft, dieselbe Pflanzung. Ebenso immer dieselben Menschen, die Nachbarn, liebe Leute gewiß, die einem helsen und raten und stets gern zur Seite stehen. Dock kein Mensch, mit dem man auch nur eine Stunde von etwas sprechen könnte, was den Geist angeht. Wer die deutsche Einwanderung in Brasilien kennt, wird wissen, daß das geistige Leben und der Bildungsstand der Kolonisten aus niedriger Stufe steht. Die einwanderer des vorigen Jahrhunderts stammten größtenteils aus den untersten Schichten. Hierher verpflanzt, lebten sie jahrzehntelang in völliger Abgeschlossenheit, ohne Verbindung mit der Heimat, ohne von irgendeiner Stelle geistige Anregung zu erhalten. Die Jugend wuchs die ersten Jahrzehnte ohne Kirche und Schule heran. Alle trieb nur der eine Gedanke, die Arbeit zu bewältigen, die man von ihnen verlangte. So münden hier wirkliche Urwaldmenschen heran. Deshalb wunderte ich mich immer, daß, so frei ausgewachsen, sich solch liebe Menschen entwickeln konnten, friedliebende, mitleidige, ehrliche Menschen, die das Wort Sünde nicht kannten. Ohne Kirche und Schule waren sie von einer echten religiösen Empfindung beseelt, und sie hielten fest an all den religiösen Gebräuchen und Gebeten. Ueber etwas anderes aber, als worin sie ausgewachsen, konnte man keine Unterhaltung mit ihnen pflegen. Wie sehnte ich mich oft nach jemand, mit dem ich auch einmal von etwas anderem hätte sprechen können, als von der Arbeit aus der Kolonie. Ein schönes Konzert oder Theater zu besuchen, so weit gingen meine Wünsche schon lange nicht mehr.

Vor einiger Zeit, als Frau Zühlsdorf das letzte Mal bei uns war, sprach ich ihr gegenüber den Wunsch aus, ich möchte so gern eine katholische Kirche

6 DEPOIS DE TRÊS ANOS

Emilie Heinrichs*

As semanas se transformaram em meses, e meses em anos. O milho já brotou três vezes e nossa roça próspera se tornou um campo todo florido. Três anos na floresta, três anos, seguidos de muitos e muitos dias de trabalho pesado. Um dia se igualava ao outro, todo o trabalho se repetia em uma eterna monotonia. Sempre a mesma paisagem, a mesma plantação. Sempre as mesmas pessoas, os mesmos vizinhos, pessoas queridas, certamente eles sempre ajudam e aconselham e gostam de auxiliar. Porém, nenhuma pessoa, com a qual se pode conversar só por uma hora sobre o que diz respeito à nossa alma. Quem conhecer a imigração alemã no Brasil, saberá que a vida espiritual e o nível de educação dos colonos estão em um grau muito baixo. A maioria dos imigrantes do século anterior vinha das camadas mais baixas. Transferidos para cá, eles viveram décadas de total isolamento, sem ligação com a pátria, sem ter estímulo espiritual de qualquer lugar. Nas primeiras décadas, os jovens cresceram sem igreja e sem escola. Todos tinham o mesmo pensamento: dar conta do trabalho que se exigia deles. Aqui cresceram realmente como gente da floresta. Por isso, sempre me admirava com estas pessoas adoráveis, que crescidas livremente conseguiram se tornar tão amáveis, amantes da paz, piedosas, honestas, as quais não conheciam a palavra pecado.

Mesmo sem igreja e sem escola, elas eram repletas de um sentimento religioso verdadeiro e mantinham firmes todos os costumes

* Autora da obra "A Mulher do Imigrante: vivências da esposa de um colono no Sul do Brasil". Adriana Maximino dos Santos. Doutoranda em Estudos da Tradução - PGET - UFSC adriana.maxsan@gmail.com. Manuela Acássia Accácio. Mestre em Estudos da Tradução - PGET - UFSC. manuacassia@gmail.com
Prefácio do P. Georg Timpe, Secretário Geral da Comunidade de São Raphael. Friburgo em Brisgóvia, 1921.

besuchen, um meine Pflicht als Christin wieder einmal erfüllen zu können. Ohne weiteres bot sie mit Pferd und Wagen hierfür an. Vierzehn Tage hieraus holte mich der Sohn ab. An de, betreffenden Tag, es war an einem Samstag, fuhren wir nur bis zur Pilade Von Jesus. Am andern Morgen fuhren wir in aller Frühe weiter; bis zur nächsten katholischen Kirche waren es immer noch fünf Stunden. Glücklicherweise langten wir so zeitig an, daß ich noch vor Beginn des Gottesdienstes beichten konnte. Wer war wohl froher als ich! Es waren schon drei Jahre verstrichen, seitdem ich das letzte Mal die heiligen Sakramente empfangen hatte. Niemals in meinem Leben werde ich den Tag vergessen. Es war ein heiliger Tag der schönste für mich in der großen fremden Welt. Wir wußten ja bestimmt, daß unser Herrgott uns nicht im Urwald verlassen hatte. Doch auch wir hatten ihn nicht vergessen. In all den Jahren war er es gewesen, bei dem wir in den schlimmsten Stunden der Verzweiflung uns neue Kraft geholt hatten. Und nun konnte ich nach so langer Zeit wieder einmal in seinem Hause beten und danken.

Nach dem Gottesdienst waren Frau Zühlendorf und ich einige Stunden die Gäste des Geistlichen, eines Franziskanerpaters. Hier konnte ich einen Einblick tun in das beschwerliche Leben eines Waldgeistlichen. Zwei Schulen als Lehrer zu bedienen, drei Pfarven als Priester und dann noch einzelne abgelegene Pikaden zu besuchen, dazu gehört Ausdauer und Gottvertrauen. Wie groß muß unsere Bewunderung für die deutschen Geistlichen beider Bekenntnisse sein, die unter Hintansehung ihrer Gesundheit ein ganzes opfervolles Leben dem Urwald widmen! Immer weiter dringt die deutsche Kirche und Schule im Urwald vor. Alte Kolonien beißen beides, jüngere Kolonien finden an der Arbeit. Es fehlt nur an Hilfe. Der Kolonist kann nicht alles allein schaffen. Da ist es Pflicht für die Heimat, helfend einzugreifen, damit das Deutschtum aus deutschen Kolonien, bei Menschen, die gern deutsch bleiben wollen, erhalten bleibt. Auch der Pater sprach in diesem Sinne zu mir, und der kennt das Land und seine deutschen Leute.

Die Nacht blieb ich bei Zühlendorf, und den Montag auch; Dienstag endlich ging es zur eigenen Kolonie zurück. Wohl war es eine anstrengende Reise gewesen, aber neu gestärkt kam ich zurück.

religiosos e orações. Mas não era possível manter uma conversa sobre qualquer outra coisa a não ser em torno daquilo em que foram criadas. Como sentia falta de alguém com quem pudesse de vez em quando falar sobre qualquer outro assunto ao invés do trabalho na colônia! Assistir a um belo concerto ou teatro! Há muito tempo meus desejos já não iam além disso!

Uma vez, na última visita da Sra. Zühlsdorf à nossa casa, disse a ela sobre o desejo de ir à igreja católica para poder cumprir minhas obrigações como cristã. Sem delonga, ela me ofereceu um cavalo e uma carroça. Depois de catorze dias, o filho me buscou. O dia em questão era um sábado; fomos apenas até a estrada Bom Jesus. Na outra manhã, bem cedo, continuamos a viagem; levava ainda cinco horas até a igreja católica mais próxima. Felizmente chegamos tão cedo que ainda consegui me confessar antes de iniciar a missa. Como fiquei feliz! Já fazia três anos desde que recebera pela última vez os santos sacramentos. Nunca mais na minha vida vou esquecer desse dia. Foi um dia sagrado, o mais bonito para mim naquele grande e estranho mundo.

Claro que sabíamos que nosso Senhor Deus não nos abandonara na floresta. Também não esquecêramos dele. Em todos os anos, nas piores horas de desalento, foi nele que buscamos nova força. E agora eu podia novamente, depois de muito tempo, orar e agradecer em sua casa. Depois da missa, a Sra. Zühlsdorf e eu passamos algumas horas como hóspedes do presbítero, um padre franciscano. Ali pude ter idéia da vida penosa de um presbítero na floresta. Trabalhar como professor para duas escolas, atender a três padres como sacerdote e ainda visitar cidades distantes e isoladas é ter persistência e fé em Deus. Quão grande deve ser nossa admiração pelos padres alemães de ambos os credos! Eles dedicam a vida, cheia de sacrifícios, à floresta, deixando de lado a própria saúde. Cada vez mais a igreja e a escola alemãs estavam penetrando na floresta. As colônias antigas possuíam as duas, mas as colônias novas estavam trabalhando para consegui-las. O

Mein Mann hatte in den vier Tagen das Junggesellenleben aus der Kolonie hinreichend kennengelernt. Er meinte, dafür wäre er nicht mehr zu haben, als Kolonist und gleichzeitig als Küchenmädchen Dienste zu tun. Auch hatte sich die Kuh nicht damit einverstanden erklärt, daß er sie hatte melken wollen. Kurzerhand hatte er dies Geschäft vom Kalb besorgen lassen. Jeßt war ich wieder am Pláße und konnte das Melken besorgen. Mein Mann traf nun Vorbereitungen, aus den mit der Zeit geschnittenen Brettern ein Wohnhaus zu bauen. Es wurde langsam Zeit dazu, denn es gab in nächster Zeit große Aenderungen aus unserer Kolonie. Der deutsche Klapperstorch hatte in dem Urwald Brasiliens geklappert.

Der Hausbau wurde nur nebenbei geführt, also hieß es wieder mit Überstunden arbeiten. Als alle Stämme und Bretter bereit waren, kamen unsere drei Nachbarn eines Tages, um beim Hausbau zu helsen. Vier starke Männer konnten viel leisten. Der Tag war lang, am Abend stand das Valkenwerk sertig. Ein Haus von zwei Zimmern und vier Fenstern. Das Bekleiden mit Brettern konnte mein Mann ohne Hilse besorgen.

Drei Wochen später war das Haus zum Beziehen fertig. Gedeckt war es mit Holzschindeln. Die Fenster waren vorläufig mit Holzklappen versehen. Die Türen hatte uns Malzahn gschreinert; ebenso lieferte er uns eine Bettstelle und einen Schrank für Kleider und Wäsche. Es war für uns ein frohes Ereignis, als wir unsere neue Wohnung beziehen konnten. Sehr einsach war sie auch jeßt noch, aber bedeutend wohnlicher als unsere Holzhütte. Hier konnte man aus ordentlichem Holzfußboden lausen und nicht, wie bisher, aus feuchtem Lehm Boden. Auch gaben die Fenster Licht und Luft für unsere neuen Wohnräume.

Die Hütte brauchten wir von nun an als Küche. Der Herd wurde abgebrochen und neu aufgebaut. Dies war nun bereits die vierte Stuse unserer Wohnung in Brasilien. Zehn bis fünfzehn Jahre sollte das Holzhaus vorhalten, dann erst kam ein richtiges Kolonistenhaus aus selbstgebrannten Ziegelsteinen. Unser Backofen mußte auch erneuert werden. Er zeigte große Risse, und troß

colono não pode conseguir tudo sozinho. Isto é obrigação da pátria, intervir e ajudar, para que a germanidade possa ser mantida nas colônias alemãs, nas pessoas que querem continuar alemãs. O padre, que conhecia o país e o seu povo alemão, também conversou comigo neste sentido. Passei a noite na casa dos Zühldorfs e a segunda-feira também. Na terça-feira, finalmente fui para minha colônia. Foi uma viagem cansativa, mas voltei fortalecida.

Nos quatro dias, meu marido conheceu bem a vida de solteiro na colônia. Disse que não gostou de trabalhar ao mesmo tempo como colonista e dona-de-casa. A vaca também não aceitou ser ordenhada. Ele conseguiu fazer isso sem rodeios usando o bezerro. Agora eu já estava de volta ao meu lugar e podia fazer a ordenha. Neste tempo meu marido realizou preparativos para construir uma casa de tábuas cortadas. Lentamente foi chegando a hora de fazer isto, pois grandes mudanças ocorreriam na nossa colônia nos próximos tempos. A cegonha alemã chegara à floresta brasileira. A casa seria construída apenas paralelamente, isto significava de novo trabalhar horas a mais. Quando todos os troncos e as tábuas estavam prontos, num dia vieram nossos três vizinhos para ajudar na construção. Quatro homens fortes podiam realizar muito. O dia foi longo, e à noite a estrutura de vigas estava pronta. Uma casa de dois cômodos e quatro janelas. O preenchimento da parede com as tábuas, meu marido podia fazer sozinho. Em três semanas, a casa estava pronta para ser ocupada. Ela estava coberta com ripas de madeira. A janela foi feita provisoriamente com dobradiças de madeira. O Malzahn fez as portas na marcenaria. Ele também nos entregou uma armação de cama e um armário para nosso vestuário e roupas de cama. Foi um acontecimento muito feliz quando pudemos ocupar nossa nova casa. Era ainda bem simples, mas muito mais habitável do que nossa cabana de madeira. Ali se podia caminhar sobre um piso de madeira regular e não como antes no chão úmido de barro. As janelas também deram luz e ar aos nossos cômodos. Precisávamos da cabana

andauerndem Verschmieren ging beim Backen zu viel Hiße verloren. Ich backte jeßt ständig unser Brot aus je einem Drittel Weizen, Roggen und Maismehl. Dies gab ein vorzügliches Brot. Die Hefe machte ich mir selbst von gekochten Kartoffeln und Maismehl, wie ich es von den dortigen Kolonistenfrauen erlernt hatte. Sie trieb vorzüglich. Ich habe dies Verfahren auch hier beibehalten und backe damit besser als mit gekaufter Hefe.

Durch den Bau war meine Arbeit in der Roca zurückgeblieben. Der Mais war zu pußen, auch hatte ich dieKartoffeln und die Bohnen anzuhacken. Für diesmal hätten wir die Arbeit ruhig unterlassen können. Sechs Wochen später nämlich mußten wir alles noch einmal pflanzen. Wir bekamen Besuch: es war die Wanderheuschrecke, die wir bis dahin noch nicht kennengelernt hatten. Diese gefräßigen Tiere haben unsere ganze Roca in wenigen Stunden kahl gefressen. Nicht nur die Frucht, sogar die Blätter von den Bäumen fielen ihrer Gefräßigkeit zum Opfer. Auch legten diese Tiere zum größten Teil ihre Eier dort ab, und so hatten wir sechs Wochen Areit, die Brut zu zerstören. Dann hieß es von neuem pflanzen und hacken. Für die nächsten Wochen war es für das Vieh schlecht: es fehlte an Grünfutter. Die Heuschrecken hatten auch rein gar nichts übriggelassen. Ein paar Wochen aber, und die so fruchtbare Erde brachte wieder neues Futter hervor. Dann war nichts mehr zu sehen, daß die Heuschrecken dort gehaust hatten.

All das dortige Ungezießer weiß dem Kolonisten das Leben recht sauer zu machen. Es gibt zu viel dieser Art Tiere, so daß man nur noch die schlimmsten beachtet. Kurz nach der Heuschreckenzeit sah mein Mann in der Roca ein Reh. Schnell lief er nach Hause, um seine Flinte zu holen. Er hatte wirklich das Glück, das Reh zu schießen. Unsere Freude war groß, mein Mann freutesich als Jäger, ich als Hausfrau; ein schöner Rehbratenistzur Abwechselung nicht zu verachten. Dieses Reh war das einzige Wild, das wir in den vier Jahren aus der Kolonie gesehen haben, außer einigen wilden Tauben und Feldhühnern. Das Wild ist sehr felten. Was hatte sich mein Mann vorher alles für die ersten Jahre aus

apenas como cozinha. O fogão foi quebrado e um novo construído. Esta era a quarta etapa de nossa moradia no Brasil. A casa de madeira devia durar de dez a quinze anos, só então construiríamos uma verdadeira casa de colônia com tijolos fabricados por nós mesmos. Nosso forno também precisava ser renovado. Ele tinha grandes rachaduras e apesar de ser constantemente rebocado, perdia calor demais quando se assava. Agora preparava nosso pão sempre com um terço de farinha de trigo, centeio e milho. Isto dava um excelente pão. Eu mesma fazia o fermento usando batatas cozidas e farinha de milho do jeito que aprendi com as colonas. Funcionava excelentemente. Mantive este método aqui também e asso pão muito melhor do que com o fermento comprado.

Por causa da construção, o meu trabalho na roça ficou para trás. O milho precisava ser limpo e devia também colher as batatas e os feijões. Desta vez poderíamos deixar o trabalho parado. Seis semanas depois tínhamos que plantar tudo de novo. Recebemos visitantes: eram os gafanhotos, que não conhecêramos até então. Estes animais devoradores tinham comido toda nossa roça em poucas horas. Não só o fruto, mas até mesmo as folhas das árvores foram vítimas de sua voracidade. Eles também deixavam seus ovos ali e, portanto, tínhamos seis semanas de trabalho para destruí-los. Depois novamente plantar e capinar. Nas próximas semanas, a criação de animais foi mal servida: faltavam folhas verdes para a alimentação deles. Os gafanhotos não deixaram uma folha sequer. Mas em algumas semanas, esta terra fértil produziu novos alimentos outra vez. Não se via mais nada daquilo que os gafanhotos tinham devastado ali. Todas estas pragas sabem realmente tornar a vida do colono difícil. Há tanto destes tipos de animais que só podemos enxergar o pior. Um pouco depois dos gafanhotos, meu marido viu um veado na roça. Rapidamente correu para casa e buscou sua espingarda. Ele teve sorte mesmo em acertar o veado. Como foi grande a nossa alegria! Meu marido se alegrou como caçador

der Kolonie ausgerechnet! Da hieß es, wenn sie Fleisch mehr da ist, gehe ich in den Wald und schießwas. Zwei Tage aus der Kolonie, und es war vergessen. Zahme Schweine find dasbeste Wild im Urwald.

7 DIE SCHWERSTE ZEIT

Wieder hatten wir das hl. weihnachtsfest im Urwald gefeiert. Troß einer Hiße von mehr als vierzig Grad brannte in unserer Wohnung ein Christbaum, eine herrliche Edeltanne. Mein Mann hatte sie im Walde entdeckt und sie kamt Wurzeln herausgeholt; sie sollte später in unsern Gatern gepflanzt werden. Ich hatte zu dem Fest wieder einige liebe Briese aus der Heimat erhalten, die gottlob nur gute Nachrichten brachten.

Unser Holzhaus war jeßt recht wohnlich. Gleich vor der Tür war ein schöner Blumengarten mit Orangen und Pffirfichbäumen. Um den Garten der Portreiro, der Tummelplaß für unsere Vieh. An Schweinen hatten wir jeßt ein ganzes Dußend. Die ertn vier hatten wir schon geschlachtet. Zweihundert Hühner, eimas Enten und Gänse forgten für Eier. Einen Mangel an Lebensmittel gas es nicht mehr. Alle Töpfe waren gefüllt. So lebte es sich jeßt ganz gut im Urwald, denn an die schwere Arbeit gewöhnt man sich schließlich. Wire nur das eine nicht gewesen, die Sehnsucht nach dem Unerreichbaren, das Heimweh. Wie ost schon hatte ich es bekämpft, immer kam es wieder, ehe man sich versah, hatte es einen gepackt. Dabei die unbestimmte Furcht vor dem kommenden Familienzuwachs. Zu meinen größten Schrecken hatte ich schon gehört, daß es aus der Kolonie keine gelernte Hebammen gäbe. Es half eine ältere Frau, die felbst mehrere Kinder gehabt hatte und die der ganzen Nachbarschaft als Hebamme angesehen wurde. Und hatte ich es nicht gehört, die und die Frau mußte im Wochenbett ihr Leben lassen? Keine Hebamme, kein Arzt! Wehe den armen Frauen, wenn nicht alles aus natürlichem Wege zuing!

Die Zeit verging wie gewöhnlich, unter schwerer Arbeit. Mein

e eu como dona-de-casa. Para variar a comida, não se pode desprezar um lindo veado assado. Este veado foi o único animal selvagem que vimos na colônia em quatro anos, além de alguns pombos e perdizes. O animal selvagem é muito raro. Como meu marido contava com eles nos primeiros anos na colônia! Ou seja, quando não tiver mais carne, vou à floresta e atiro em qualquer coisa. Dois dias na colônia, e isto já estava esquecido. Porcos domésticos eram a melhor caça na floresta.

7 OS PIORES MOMENTOS

Comemoramos novamente a festa de Natal na floresta. Apesar do calor de mais de quarenta graus, uma árvore de natal estava acesa em casa, um esplêndido pinheiro. Meu marido o descobriu na floresta e o arrancou pela raiz; posteriormente ele deveria ser plantado no nosso jardim. Recebi, na época da festa, algumas adoráveis cartas do nosso país que, graças a Deus, trouxeram apenas boas notícias. Nossa casa agora era verdadeiramente habitável. Bem na frente da porta havia um lindo jardim com pés de laranja e pêssego, em volta do jardim do potreiro, o campo para a nossa criação. Agora já tínhamos uma dúzia de porcos. Já tínhamos abatido os primeiros quatro. Duzentas galinhas, alguns patos e gansos nos davam ovos. Não havia mais falta de alimentos. Todas as panelas estavam cheias. Desta forma se vive muito bem na floresta, já que se acaba acostumando com o trabalho pesado. Se não fosse só uma coisa: a saudade pelo inatingível, a saudade da terra natal. Quantas vezes já lutei, e ela sempre volta. Sem nos darmos conta, ela nos acomete. Também havia o medo pelo crescimento da família que estava por vir. Para o meu maior terror, fiquei sabendo que não havia nenhuma parteira experiente na colônia. Uma senhora mais velha, era quem auxiliava, uma vez que já tivera vários filhos e era vista por parteira em toda

Mann hatte wieder begonnen, ein Stück Wald zu schlagen.

Eines Nachmittags kam er zu ungewöhnlicher Stunde zurück, geplagt von heftigem Kopfschmerz. Er legte sich nieder und meinte, ein Tag Bettruhe würde ihn schon wiederherstellen. Vierundzwanzig Stunden später wälzte er sich in schwerstem Fieber. Eine schwere Krankheit hatte den sonst so Gefunden ersaßt. Was nun beginnen? So ost hatte ich zu Gott gefleht, mich von Krankheit im Urwald zu verschonen. Hilflos stand ich nun an seinem Bett, ohne helsen zu können. Kein Arzt, keine Apotheke war zu erreichen.

In dieser großen Not lernte ich so ganz die Menschen kennen, die mit uns im Urwald lebten. In solcher Not sich einander beistehen, war ihnen etwas Selbstverständliches. Ohne erst lange darum gebeten zu sein, kamen unsere Nachbarn und halsen. Keine Stunde, ob Tag oder nacht, ließen mich die guten Leute mit dem Kranken allein; bei Tage wechselten sich die Frauen ab, des Nachts kamen auch die Männer abwechselnd mit. Stets hatte ich drei, auch vier helsend bei mir. Was hätte ich armes Weib auch in solcher Not allein beginnen können? Immer heftiger wurde das Fieber, immer unheimlicher seine grausigen Träume. Ost sprang er im Fieberwahn mit einem Saß aus dem Bett und wollte fort, so daß die Männer ihn kaum bewältigen konnten. Man kann sich nicht vorstellen, welche Kraft dann solch ein Fieberkranker besitzt. Ließ das Fieber etwas nach, dann lag er wie tot. Am achten Tage kam meine mütterliche Freundin aus der Pikade Von Jesus. Ich hatte ihr sagen lassen, daß mein Mann schwer krank daniederliege. Diese gute und wieder so entschiedene Frau hatte zu gleicher Zeit ihren Sohn zu einem evangelischen Pfarrer gesandt, der hier die Stelle eines Arztes mitversah. Wenigstens ein Lichtblick in dieser schweren Zeit.

Tags daraus kam der Pfarrer nach einem sechsftündigen Ritt bei uns an Inphus, war sein niederschmetternder Auspruch. Medizin, um das starke Fieber zu bekämpfen, hatte der Urwaldarzt gleich mitgebracht. Frau Zühlsdorf und der Herr Pfarrer überredeten mich dann, auch an meine Gesundheit zu denken und im Nebenzimmer für ein paar Stunden aus einem Strohlager

vizinhança. E eu já ouvira que mulheres perderam suas vidas durante o puerpério! Sem parteira, sem médico! Ah, pobres mulheres se tudo não tomasse seu rumo normal!

O tempo passava como de costume, sob trabalho árduo. Meu marido começou novamente a derrubar uma parte da floresta. Numa tarde, em uma hora não habitual, ele voltou, atormentado por uma forte dor de cabeça. Ele se deitou e pensou que passando um dia na cama, logo estaria recuperado. Vinte e quatro horas depois ele estava ardendo em febre. Uma doença grave tinha acometido o homem até então saudável. O que fazer agora? Sempre suplicava a Deus para que me poupasse das doenças na floresta. Desamparada, fiquei ao lado de sua cama sem poder ajudar. Nenhum médico, nenhuma farmácia estava ao nosso alcance. Foi nesta grande atribulação que aprendi a conhecer bem as pessoas que conviviam conosco na floresta. Para elas era algo comum ficar ao lado um do outro em situações como esta. Sem demora, nossos vizinhos vieram e ajudaram. Não me deixaram sozinha com o doente nem por uma hora, fosse dia ou noite. Durante o dia as mulheres se revezavam, à noite os homens também vinham se revezar. A todo o momento havia três, até quatro pessoas me ajudando. O que eu, uma pobre mulher, poderia fazer sozinha em tal sofrimento? A febre foi ficando cada vez mais forte, e seus pesadelos cada vez mais horríveis. Frequentemente ele pulava da cama delirando de febre, e querendo ir embora. Os homens mal davam conta de segurá-lo. Não dá para imaginar quanta força tem um febril. Quando a febre o deixava, ele ficava deitado como morto. No oitavo dia, chegou minha afetuosa amiga da estrada Bom Jesus. Pedi para avisá-la que meu marido estava muito doente e de cama. Esta boa e decidida mulher enviou seu filho na mesma hora a um pastor evangélico que desempenhava a tarefa de um médico. Ao menos uma luz nesta hora difícil! Dias depois chegou o pastor a nossa casa, após seis horas de cavalgada. O seu fulminante diagnóstico: tifo. Ele

Ruhe zu fuchen. Ich war ja die ganze Zeit nicht vom Bette meines Mannes gewichen. Hätte ich in dieser schweren Lage nicht all die guten Leute gehabt, ganz gewiß, mein Mann und ich wären elend im Walde zugrunde gegangen.

Die Krankheit wurde schlimmer und schlimmer. Als nach weiteren vierzehn Tagen noch keine Besserung eintrat, fragte ich Frau Zühlsdorf, die ich während dieser Zeit wie meine Mutter lieb gewonnen hatte, ob es nicht besser sei, nach einem katholischen Geistlichen zu schicken. Meinen Mann selbst konnte ich deshalb nicht befragen, lag er doch nun schon drei Wochen vollständig ohne Besinnung. Frau Zühlsdorf, der ich es anmerkte, daß sie selbst nur wenig Hoffnung hatte, wollte einen Boten zu dem fünfzehn Stunden entfernt wohnenden Pater senden, der mich damals so freundlich empfangen hatte.

Zwei Tage später, gegen Abend, als die Sonne schon hinter dem Walde versunken war, kam der Pater in Begleitung seines Küsters. Warlich ein schwerer Verseshang im Urwald!

Der Pater gab meinen Manne die hl. Ölung und die allgemeine Losprechung, da er immer noch besinnungslos war. Daß ich dies alles überlebt habe, und das bei meinem damaligen Zustand, kann ich heute, wenn mir die Erinnerung kommt, kaum begreifen.

Als der Pater fortritt, versprach er mir, zu einem ihm bekannten Arzt zu reiten, um mir Medizin zu besorgen, die das Fieber brach. Es ging ja aus Leben und Tod. Er meinte, wenn nicht bald Hilse käme, wäre mein Mann rettungslos verloren, denn er verbrenne innerlich vom Fieber

Der gute Pater hielt Wort. Nach zwei Tagen war ich im Besiße der Medizin, aus die ich so große Hoffnung setze. Ein Bote brachte sie mir, es waren nämlich zweierlei, eine gegen das Fieber und eine, um meinem Mann endlich dan Schlaf zu bringen.

Nun wollte Frau Zühlsdorf, die über die ganze Zeit bei mir geblieben war, für einige Tage nach Hause reiten. Sie meinte am Tage nach Ostern käme sie bestimmt zurück. Wie erschrak ich, als ich das Wort Ostern hörte, hatte ich

trouxera remédio para combater a febre forte. A Sra. Zühlsdorf e o pastor conversaram comigo para que eu pensasse também em minha saúde e procurasse descansar por algumas horas em uma cama de palha no quarto ao lado. O tempo todo não saí de perto da cama de meu marido. Se eu não tivesse todas estas boas pessoas nestes dias complicados, com certeza, eu e meu marido teríamos perecido miseravelmente na floresta. A doença foi piorando cada vez mais. Como não houve sinal de melhora depois de catorze dias, perguntei a Sra. Zühlsdorf, que foi como uma mãe para mim neste período, se não seria melhor mandar alguém a um padre católico. Não poderia mesmo perguntar ao meu marido, pois estava inconsciente na cama há três semanas. A Sra. Zühlsdorf, que notei estava com poucas esperanças, e queria enviar um mensageiro ao padre que morava há quinze horas de distância e que certa vez me recebera amigavelmente.

Dois dias mais tarde, quase a noitezinha, quando o sol já descera atrás da floresta, o padre chegou na companhia de seu sacristão. Uma extremaunção deveras difícil na floresta. O padre deu ao meu marido o óleo sagrado e a absolvição comum, já que ele ainda estava inconsciente. Quando as lembranças vêm, mal consigo compreender que vivi tudo isto e ainda na situação em que estava naquela época. Quando o padre foi embora, me prometeu ir até um médico conhecido providenciar remédio para acabar com a febre. Era questão de vida ou morte. Ele acreditava que se a ajuda não viesse logo, meu marido não teria mais salvação, porque queimava de febre interna. O bom padre manteve sua palavra. Depois de dois dias estava em posse do remédio, no qual depus grande esperança. Um mensageiro o trouxe para mim; eram dois: um contra a febre e um para meu marido finalmente conseguir dormir. Neste momento, a Sra. Zühlsdorf, que ficara comigo o tempo todo, queria ir para casa por alguns dias. Ela pensava em retornar no dia depois da Páscoa. Como me assustei quando ouvi a palavra Páscoa. Nas últimas semanas não havia pensado

doch die letzten Wochen nicht mehr an die bevorstehenden Frierstage gedacht. Übermorgen war also Ostern, das Fest der Auferstehung des Herrn. Wie wollte ich da Gott bitten, daß es auch für mich das Fest der Auferstehung werden möge, indem er mich nicht ohne dem Schuß meines Mannes im Walde zurücklassen solle. Gott hat mein Gebet erhört.

Ich reichte meinem Mann, im festen Vertrauen aus Gott, abwechselnd die Medizinen, wie der Arzt sie verordnet hatte. Ich selbst Pater mußte ihm wohl meinen Zustand verraten haben. Wie konnte ich aber an mich denken, wenn das Leben meines Mannes nur an einem Fädchen hing. Ich gab also meinem Mann Schlafpulver, denn bevor er keine Ruhe gefunden durste ich für mich nicht daran denken. Wem könnte ich mein Empfinden schildern, als nach einigen Stunden wirklich eine Underung eintrat. Der Kranke wurde allmählich ruhiger und schließlich, es mochte um Mitternacht sein schlief er fest ein. Die Krankheit war gebronnen - Gott sei Dank! Der Schlaf hielt an bis zum späten Morgen. Dann verlangte er - es war die ganze Zeit nicht vorgekommen - zu trinken. Doch war die Besinnung noch nicht so weit zurückdekehrt, daß er mich erkannte. Dann schlief er wieder ein und schlief der Genesung entgegen. Einige Tage hielt der Zurstande so an. Eines Morgens endlich, nach einer ruhigen Nacht, kam er endlich zur Besinnung. Als ich werkte, daß er mich wiederkannte, konnte ich mir einfach nicht helsen; vor Freude habe ich laut geweint. Nun durste ich auch wieder für mich an Ruhe denken. Meine Nerven waren aber so überreizt, daß ich noch vierzehn Tage keinen Schlaf finden konnte. Der Zustand meines Mannes besserte sich von Tag zu Tag. Als er zwei Tage später am Tage einmal erwachte, wunderte er sich, daß er bei Tage im Bett lag. Von seinem Kranksein wußte er nichts. Erst allmählich siel ihm alles wieder ein. Wie frente sich Frau Zühlsdorf, als sie wieder zu uns kam und mein Mann ihr vom Bett aus ein Willkommen zuries.

Doch icßt kam die Erschöpfung über mich. Die ganzen Wochen hatten mich Angst und Sorgen aufrecht erhalten. Nun war es vorbei. Mein Körper war durch die wochenlange Aufregung und Nachtwache so geschwächt, daß ich mich legen mußte. So hatte Frau Zühlsdorf zwei Kranke zu pflegen. Mein Zustand bedurste

mais no feriado que estava bem a nossa frente. Então depois de amanhã seria Páscoa, a celebração da ressurreição de Cristo. Queria pedir a Deus que a celebração do renascimento também fosse para mim e que ele não me deixasse na floresta sem a proteção do meu marido. Deus ouviu minha prece. Com muita fé em Deus, ofereci alternadamente os remédios ao meu marido, como o médico prescrevera. Eu mesma deveria tomar também um daqueles remédios para dormir, conforme ordem do médico. O padre deve ter dito a ele sobre o meu estado. Como poderia pensar em mim se a vida de meu marido estava por um fio? Portanto, dei ao meu marido o remédio para dormir, e se ele não conseguisse descansar, não deveria pensar em mim mesma. Como poderia descrever o que senti, quando depois de algumas horas uma mudança começou ocorrer. O enfermo foi ficando pouco a pouco mais calmo e até, que finalmente, devia ser meia-noite, pegou no sono. A doença foi debelada – Graças a Deus! O sono perdurou até o final da manhã, quando pediu algo para beber, o que não ocorrera durante todo este tempo. Porém, a consciência não voltou muito ao ponto de me reconhecer. Depois adormeceu novamente e dormiu até se restabelecer. Por alguns dias, ele se manteve neste estado. Finalmente, em uma manhã, depois de uma noite tranquila, voltou à consciência. Quando notei que me reconhecera, não pude me conter e chorei alto de alegria. Agora sim podia pensar outra vez em descansar um pouco. Estava tão nervosa que não conseguia dormir, mesmo depois de catorze dias. O estado de meu marido foi melhorando diariamente. Dois dias depois, ao acordar durante o dia, ele ficou surpreso por estar muito tempo na cama. Não sabia nada do seu estado enfermo. Pouco a pouco foi se lembrando de tudo novamente. Como a Sra. Zühlsdorf se alegrou quando chegou em casa e meu marido, da cama, lhe desejou boas-vindas!

Agora o cansaço tomava conta de mim. Todas estas semanas o medo e a preocupação me mantiveram em pé. Agora tudo acabou. Meu

möglichst der Ruhe, da ich acht Wochen später meine Niederkunft erwartete. Die Pflege der auten Frau brachte uns bald wieder zu Kräften. Jeden Tag ein Huhn, dazu viel frische Milch und Eier, und wir waren bald wieder so kräftig, daß wir das Bett verlassen konnten.

Die letzten Tage lag mein Mann so ruhig in Gedanken versunken. Ich sah es ihm an, daß er über etwas nachgrübelte. Schon einige Male hatte ich ihn nach seinen Gedanken gefragt, hatte aber keine Antwort bekommen. Endlich sing er von selbst an zu sprechen. Er saßte mich an der Hand und sagte: "Was meinst du, Frau, ist das Leben im Urwald nicht zu schwer für uns beide?" Sollen wir nicht lieber heimkehren?" Mein Mann war durch seine Krankheit auch vom Heimat erfaßt. Ich konnte nicht antworten. Als ich das Wort "heimkehren" hörte, da war es mir wie Musik. Ich kniete an seinem Betten nieder und dankte ihm für diesen Entschluß. Wie ost hatte ich ihn von selbst darum bitten wollen. Heimkehren! Heim zu meiner Mutter und zu meinen Geschwistern! Als nun Frau Zühlsdorf ins Zimmer trat, konnte ich nicht anders, ich siel ihr um den Hals und weinte vor Freude. Nun war das Leben wieder leicht, nun hatte der Urwald mit all seinen Schrecken keine Gewalt mehr über mich, ich liebte ihn jeßt in dem Gedanken an diese schwere Zeit, die wir in ihm zugebracht hatten. Wir hatten in den Jahren die Überzeugung gewonnen, daß das Leben in dem Urwald nicht so leicht war, wie man es sich vorher gedacht halte. Nicht die schwere, unendlich schwere Arbeit war es, die uns forttrieb, nicht die Schlangen und Spinnen und das andere Ungezieher nein, der Drang nach Menschen und nach Geistesnahrung und der Wunsch, unsere Kinder nicht als Urwaldmenschen auswachsen zu lassen. Nicht der Körper, nein, der Gedanke zieht einen fort.

Es war, als wenn der Gedanke an baldige Heimkehr auch meinem Manne neue Kräfte verlieh. Er verließ heute nach acht Wochen zum erstenmal das Bett. Nun planten wir die Heimreise. Vorerst wollten wir meine Niederkunft abwarten und einige Wochen danach die Reise zu dritt antreten. Nur hatten wir die Mittel zu dieser Reise noch nicht. Zwar hatten wir unsere Kolonie, woraus wir 500

corpo estava tão enfraquecido pelo nervosismo e noites em claro que passei durante semanas, que precisei repousar. A Sra. Zühlsdorf passou a ter dois doentes para cuidar. O meu estado exigia repouso, o quanto antes, porque em oito semanas daria à luz. O cuidado desta boa senhora logo nos fortaleceu. Todo dia um frango, além disto, leite e ovos frescos. Ficamos tão fortes que logo pudemos deixar a cama. Nos últimos dias, meu marido estava muito calmo mergulhado em seus pensamentos. Via que ele estava matutando sobre alguma coisa. Já perguntara algumas vezes sobre o que estava pensando, mas não recebi nenhuma resposta. Finalmente, começou a falar. Pegou a minha mão e disse:

-O que você acha mulher, a vida na floresta não é muito dura para nós dois? Será que não é melhor voltarmos?

Meu marido foi arrebatado pela saudade de seu país por causa da doença. Não consegui responder. Ouvir a palavra “voltar”, soou como música para mim. Ajoelhei-me à sua cama e o agradei por essa decisão. Quantas vezes quis pedir-lhe isto. Voltar ao nosso país! De volta para minha mãe e meus irmãos! Quando a Sra. Zühlsdorf entrou no quarto, não resisti me atirei em seus braços, abracei-a e chorei de alegria. A vida ficou mais leve outra vez. A floresta com todos seus horrores não exercia mais poder sobre mim. Eu a amava naquela hora em pensamento, nesses momentos difíceis que nela passamos. Tivemos a convicção que a vida na floresta não era tão fácil, como imagináramos anteriormente. Mas não foi o árduo, o infinito trabalho árduo, que nos fez recuar, nem as cobras, nem as aranhas e outros animais nocivos, não! Foi a falta de pessoas e de alimento para a alma e o desejo que nossos filhos não crescessem como pessoas da floresta. Não é o corpo, mas o pensamento que nos faz partir.

Era como se a idéia de regressar logo desse também novas forças ao meu marido. Hoje, depois de oito semanas, ele saiu da cama pela primeira vez. Planejamos nossa viagem de volta. Antes disso, queríamos

Milreis angezahlt hatten. Woher so schnell einen Käufer nehmen! Frau Zühlsdorf mußte Rat; sie kannte jemand, der uns die Kolonie abkaufen würde. Sie hatte sich Ostern schon gedacht, daß wir nicht blieben und hatte sich nach einem Käufer umgesehen. Es war ein Kolonistensohn aus ihrer Pikade; er wollte uns 1500 Milreis bezahlen und die Schuld übernehmen, die noch daraus ruhte. 500 Milreis hatten wir angezahlt, so blieben uns für die vierjährige Arbeitszeit für jedes Jahr 250 Milreis. Fürwahr nicht viel, aber ein besseres Angebot würden wir schwerlich bekommen. Dann konnten wir unser Vieh verkaufen, das brachte noch 3--400 Milreis, uns sämtliches Hausgerät, das die uns besuchenden Kolonisten schon immer bewundert hatten. Dazu die diesjährige Ernte, und die nötigen Reisegelder waren beisammen. Dann gingen wir schlafen und träumten von der Heimat.

Zwei Tage daraus ging mein Mann das erste Mal wieder nach draußen. Es wäre ihm bald schlecht bekommen. Schwach, wie er war, humpelte er, aus zwei Stöcken gestützt, zur Tür hinaus. Kaum war er draußen, sah ihn Cäsar, unser Hund, der ihn nun acht Wochen nicht gesehen hatte. Das tier hing sehr an ihm; jeßt, nach wochenlangem Suchen, hatte es ihn endlich entdeckt. Ich sah von Fenster aus, wie der Hund über den meterhohen Gartenzaun setzte - der Garten war fonst für ihn verbotenes Gebiet - dann auf meinen Mann losstürzte und im Freudengeheul an ihm hinausprang. Das war für die schwachen Veine meines Mannes zu viel; er sank in die Kuie. Der Hund sprang wie toll gegen ihn, heulte und bellte sprang über ihn und wieder gegen ihn an. Ich war meinem Manne zu Hilse geeilt, konnte aber gegen den großen Hund nicht an. Mein Mann hatte sich auf die Erde geseßt und ließ jeßt willenlos die Freudenausbrüche des Hundes über sich ergehen. Hernach mußte ich ihn in die Ställe führen; ich hatte mich selbst die ganze Zeit nicht um das Vieh kümmern können. Dank der guten Nachbarn war aber für alles aufs beste geforgt.

Der Zustand meines besserte sich von Tag zu Tag, die alte Krast und Arbeitsluft kam allmählich zurück. Das Leben nahm wieder seinen regelmäßigen Laus. Es wurde wieder geplanst und gepußt, aber kein Wald mehr geschlagen. Einige

esperar pelo meu parto, e algumas semanas depois, partir para a viagem em três. Recursos para tal viagem, entretanto, não dispúnhamos ainda. Na verdade tínhamos a nossa colônia, pela qual pagáramos 500 mil réis. Como conseguir um comprador tão rápido? A Sra. Zühlsdorf sabia o que fazer; ela conhecia alguém que compraria nossa colônia. Na Páscoa, ela já pensara que não ficaríamos e procurou um comprador. Ele era filho de um colono, lá de sua estrada. Ele queria nos pagar 1500 mil réis e assumir a dívida que ainda existia. Pagáramos 500 mil réis, assim nos restavam 250 mil réis para cada ano dos quatro anos de trabalho. Na verdade não era muito, mas dificilmente encontraríamos uma oferta melhor. Pudemos vender nossa criação, o que nos trouxe mais 3 -400 mil réis e todos os utensílios domésticos, que eram admirados por todos os colonos que nos visitavam. Além disso, a colheita desse ano e o dinheiro da viagem necessário foram guardados. Então íamos dormir e sonhávamos com o nosso país. Dois dias depois, meu marido saiu para o lado de fora pela primeira vez. Foi difícil para ele. Fraco, como estava, saiu coxeando porta afora se apoiando em duas bengalas. Mal chegara lá, Cäfar, nosso cachorro que não o via por oito semanas, o avistou. O animal gostava muito dele; e naquele momento, depois de semanas procurando-o, ele finalmente o encontrou. Vi da janela, como pulou a cerca do jardim que era acima de um metro de altura – o jardim era local proibido para ele – e depois se jogou sobre meu marido e com aulidos de felicidade pulava nele. Isto era demais para as pernas fracas de meu marido: ele caiu de joelhos. O cachorro saltava como um louco, gania e latia e pulava novamente em cima dele. Corri para ajudá-lo, mas não pude fazer nada contra aquele cachorro grande. Meu marido se sentou na terra e permanecia inerte perante à explosão de alegria do cachorro. Mais tarde precisei levá-lo aos estábulos; eu mesma não pude me preocupar o tempo todo com a criação de animais. Mas graças aos bons vizinhos, tudo foi cuidado da melhor maneira.

Wochen später kam der junge Kolonist, der unsere Kolonie kausen wollte. Mein Mann wurde bald mit ihm einig, Mitte August konnte er sie haben. Er übernahm auch unser Vieh und allerlei Haushaltungsgegenstände. Ebenso die Herdplatte. Mein Mann hatte sie in der Heimat für 10 Mk. gekauft, er bot uns ohne weiteres 100 Milreis dafür. Für alles, was wir in Zukunft von unsern deutschen Sachen verkauften, bekamen wir Preise geboten, die ost das Zehnsache des Kauspreises betrugen. Emaille und Eisentöpfe und Porzellangeschirr waren gesuchte Gegenstände. Noch gaben wir die Sachen nicht ab, damit wir uns die letzte Zeit nicht zu behlsen brauchten. Was sollten wir sie wieder mitnehmen, wenn wir sie in Deutschland für wenig Geld wiederbekommen konnten! Nur die Betten und die Wäsche behielten wir; die Betten wollten wir aus dem Schiff wieder gebrauchen.

Mein Mann hatte sich mit unserm Nachfolger verabredet, er sollte im nächsten Monat 14 Tage hierherkommen. Diese Zein wollte er zu einem Ritt in das Innere des Landes benußen, um die deutschen Landsleute zu besuchen, die sich weiter im Innern niedergelassen haben. Er wollte, ehe er Brasilien verließ, das Land genau kennenlernen. Es sollte eine Erholungsreise sein, obschon ich mir das von einem vierzehntägigen Ritt schlecht vorstellen konnte.

Als unser Nachbar kam, waren wir reisefertig. Das Pferd meines Mannes wurde gesattelt und bedapckt. Einige trockene Mettwürste und geräucherte Gänsebrüste als Wegnahrung, das Gewehr über den Rücken, und der Forschungsreisende war sertig. Ein leßtes „Aus Wiedersehen“, und dann ging es die Waldstraße entlang.

Der Wagen, der unseren Nachsolger hierher gebracht hatte, suhr dann mich zur Kolonie der Frau Zühlsdorf. Hier verlebte ich vierzehn schöne Tage. Bei Tage half ich im Haushalt und im Garten, des Abends saßen wir im Familienkreise und erzählten uns von der Heimat. Fünfunddreißig Jahre waren diese Leute schon hier. Sie waren aus Pommern ausgewandert. Frau Zühlsdorf als junge Frau mit ihrem Mann und zwei Kindern und ihrem Vater. Ich bekam auch einen Einblick in die ersten Entstehungsjahre der Kolonie.

O estado de meu marido estava melhorando dia após dia. A antiga força e a vontade de trabalhar voltavam aos poucos. A vida tomava outra vez o seu curso normal. Plantamos e limpamos, mas não derrubamos mais a floresta. Algumas semanas depois veio o jovem colono que queria comprar nossa colônia. Meu marido logo entrou em um acordo com ele: no meio de agosto poderia tomar posse. Ele assumiu também nossa criação e todos os tipos de utensílios domésticos, e assim como a chapa de fogão. Meu marido comprou-a em nosso país por 10 DM, já o jovem nos ofereceu sem delongas 100 mil réis por ela. Por tudo o que vendemos das nossas coisas alemãs posteriormente, recebemos ofertas que logravam dez vezes seu preço de compra. As panelas esmaltadas e de ferro e a louça de porcelana eram objetos procurados. Mas não entregamos prontamente as coisas para que não precisássemos improvisar sem elas nos últimos dias. Para que levá-las de volta se na Alemanha poderíamos comprá-las por pouco dinheiro? Ficamos apenas com as roupas e os colchões, pois queríamos usá-los no navio novamente. Meu marido combinou com nosso sucessor para vir no próximo mês por catorze dias. Queria usar este tempo para viajar pelo interior do país e assim visitar os compatriotas alemães que se estabeleceram nestes locais. Ele queria conhecer bem o Brasil, antes de deixá-lo. Deveria ser uma viagem de descanso, apesar de mal conseguir imaginar como seria uma viagem cavalcando catorze dias. Quando nosso vizinho chegou, já estávamos prontos para a viagem. O cavalo de meu marido foi selado e carregado. Alguns salames e peitos de ganso defumados para comer na viagem, a espingarda nas costas, e o explorador estava pronto. Um último “Até logo” e depois seguiu pela rua da floresta.

A carroça que trouxe nosso sucessor, levou-me para a colônia da Sra. Zühlsdorf. Lá passei catorze belos dias. Durante o dia ajudava cuidando da casa e da horta; à noite sentávamos em família e falávamos sobre nosso país de origem. Essa gente já estava ali há trinta e cinco anos.

Die ersten Anfidler hatten es noch viel schlimmer gehabt als wir. Schon die Fahrt über den Ozean war viel gefährlicher als zu unserer Zeit. Drei Monate und zehn Tage hatten sie zu ihrer Überfahrt gebraucht. Ein Segelschiff war es gewesen, und dazu schlechte Kost und schlechtes Trinkwasser, so daß drei ihrer Mitreisenden ihr Grab aus dem Meeresgrunde sanden. Als die Auswanderer in Brasilien ankamen, wurden sie in den damals noch unerforschten Urwald verseßt. Es gab keine Straßen und Pikaden, und sie sanden nicht wie wir gute Nachbarn und hilfsbereite Hände. Alle diese Pommern, die sich später dort ansiedelten, sie haben alles das Heimweh kennengelernt, haben ost den Wunsch geäußert: wären wir doch in der Heimat geblieben! Und was waren diese Leute in der Heimat gewesen? Sie lebten in den vierziger bis sechziger Jahren des vorigen Jahrhunderts als Knechte, Schäser oder Kötter der Großgrundbesitzer, lebten als Leibeigene, als unfreie Leute für ihren Herrn. Die wenigsten konnten schreiben und lesen. Kurz, es waren Menschen vom Lande, die wenig Ansprüche an das Leben stellten. Solche Leute konnten von den Agenten und Maklern leicht zum Auswandern gewonnen werden. Und keiner war darunter, wie mir Frau Zühlsdorf versicherte, der in den ersten 10 bis 15 Jahren nicht mit Freuden das schwere Los unter der pommerschen Herrschaft wieder aus sich genommen hätte, um nur aus dem Wald herauszukommen. Heute aber find es keine Leibeigenen, die auswandern wollen, nein, ich kann sagen, alle die vielen, die schon zu mir kamen, um sich Rat zu holen, waren Arbeiterfrauen, die höhere Ansprüche an das Leben stellten als damals die einstigen Frauen aus Pommern. Die Klasse der Auswanderer hat sich verändert. Der Urwald, die Arbeit, der Werdegang der Kolonie hat sich nicht geändert. Heute noch, nach vielen Jahren, bekomme ich Briese von den lieben Bekannten im Urwald, weiß, wie es ihnen geht, und lese darin immer noch die Sehnsucht nach der alten Heimat.

An einem Abend bekamen wir Besuch von einem Kolonisten, der nicht weit von Frau Zühlsdorf wohnte. Er war ein Mann von vielleicht 50 Jahren. Seit 25 Jahren war er in Brasilien. Er war aus Schleswig-Holstein gebürtig und hatte in der Heimat das Anstreichergeschäft. Er hieß hier der Maler. Als junger Mann ausgewandert, hatte er sich aus einer Kolonie eingeheiratet und war jeßt Vater

Eles tinham vindo da Pomerânia. Quando jovem, a Sra. Zühlsdorf veio com seu marido, dois filhos e seu pai. Pude ter uma idéia dos primeiros anos de formação da colônia.

Para os primeiros colonizadores foi muito pior do que para nós. Começando pela viagem sobre o oceano que era muito mais perigosa do que na nossa época. Precisaram de três meses e dez dias para esta travessia. Era uma caravela e ainda com comida e água potável tão péssimas que três viajantes tiveram o fundo do mar como sepultura. Quando estes imigrantes chegaram ao Brasil, foram deslocados para uma floresta, naquela época, ainda inexplorada. Não havia ruas, nem estradas e eles não encontraram, como nós, bons vizinhos e mãos dispostas a ajudar. Todos estes pomeranos, que imigraram para lá, conheceram a saudade de sua terra natal e com frequência expressavam o desejo:

-Ah, se tivéssemos ficado em nosso país!

E o que teriam sido estas pessoas em seu país de origem? Eles viveram nas décadas de quarenta a sessenta do século passado como peões, pastores ou pequenos camponeses de latifundiários; viviam como servos, como subordinados ao seu senhor. A minoria sabia ler e escrever. Resumidamente, eram pessoas do campo, que tinham poucas pretensões na vida. Estas pessoas podiam ser facilmente convencidas a imigrar pelos agentes e corretores. A Sra. Zühlsdorf assegurou-me que não havia ninguém entre eles, que nos primeiros dez a quinze anos não aceitasse com alegria o difícil destino sob o domínio pomerano outra vez, só para sair da floresta. Hoje, no entanto, não há mais servos que queiram imigrar, não, posso dizer, que todas aquelas mulheres que vieram pedir-me conselhos, eram esposas de trabalhadores, que tinham pretensões maiores na vida do que as pomeranas daquela época. A classe social dos imigrantes mudou. A floresta, o trabalho, o processo de desenvolvimento da colônia não mudaram. Hoje ainda, depois de muitos anos, recebo cartas destes queridos conhecidos na

von fünf Kindern. Dieser Mann lebte nur in dem einen Gedanken, noch einmal zurück in seine Heimat zu kommen. Als ich ihm erzählte, daß wir in nächster Zeit wieder in die Heimat reisten, da weinte er wie ein Kind. Ich machte ihm den Vorschlag, sein Anwesen zu verkaufen und samt seiner Familie mit uns zurückzukehren. Da sagte er zu mir: „Liebe Frau, ich habe das schon ost überlegt, aber immer bin ich wieder davon abgekommen. Denn sehen Sie: meine Frau und meine Kinder find hier im Urwald geboren und großgezogen. Die ältesten Mädchen find 17 und 18 Jahre. Kann ich solche Kinder, die noch nie einen Schuh an den Füßen, noch keinen Hut aus dem Kopse gehabt haben, nach Deutschland bringen? Sollen sich diese braven Kinder auslachen lassen?“ „Der Mann hatte recht. Ein Urwaldkind kann man nicht nach Deutschland verpflanzen, ebensowenig wie einen Baum des Urwaldes; es würden beide zugrunde gehen.

Einmal besuchte ich auch mit den Kindern von Frau Zühlsdorf die Kolonieschule. Gern wurde mir von dem Lehrer, ebenfalls einem alten Pommern, erlaubt für einem Morgen den Unterricht zu übernehmen. Er gab mir die Schlüssel und ließ mich mit den Kindern allein. Es waren 60 an der Zahl, Knaben und Mädchen. Es wurden keine zu großen Ansprüche an die Kinder gestellt, etwas Lesen, Schreiben und Rechnen, aber nur das einfachste; ganz gewöhnliche Bruchrechnung konnte keins der Kinder. Mit den Lehrbüchern stand es sehr schlecht, fast jedes Kind hatte ein anderes Buch, so daß ein einheitliches Lesen nur stattfinden kann durch Weitergabe eines Buches. Ebenso war es mit dem Rechnen und in der Religion, soviel Kinder, soviel verschiedene Bücher. Ich habe die Kinder in den paar Stunden nicht viel mit Lernen beschäftigt; ich habe ihnen von Deutschland erzählt, von den deutschen Schulen und Kirchen, von Kinderspielen und Unterhaltung, und ich fand dankbare Zuhörer. Es find wirklich die Kinder des Urwalds brave Kinder; sie leiden nicht unter den bösen Beispielen der Straße. Groß war der Tubel, als ich die letzte Stunde mit ihnen hinauszog und ihnen deutsche Kinderspiele zeigte. Ich bin überzeugt, daß die Spiele in dieser Schule noch fortleben, und auch heute wird dort sicherlich „Blinde Kuh usw.“ Im Urwald gespielt. Nachdem

floresta. Sei como estão e sempre leio dentro delas a saudade da velha terra natal.

Numa noite recebemos a visita de um colono que não morava muito longe da casa da Sra. Zühlsdorf. Era um homem com talvez cinquenta anos. Estava no Brasil desde os vinte e cinco. Tinha nascido em Schleswig-Holstein, na Alemanha, e lá aprendeu o ofício de pintor. Era chamado ali de *Maler*, Pintor. Como imigrou jovem, se casou na colônia e agora era pai de cinco filhos. Este homem vivia com um único pensamento: voltar mais uma vez para o país de origem. Quando contei-lhe que em pouco tempo viajaria para a Alemanha, chorou como uma criança. Aconselhei-o a vender sua propriedade, reunir sua família e regressar conosco. Então disse-me:

- Prezada senhora, já pensei nisso várias vezes, mas sempre desisto da ideia. Veja bem, minha esposa e meus filhos nasceram e cresceram aqui na floresta. As meninas mais velhas têm 17 e 18 anos. Posso eu levar para a Alemanha estes filhos que nunca usaram sapatos nos pés ou um chapéu na cabeça? Devo permitir que lá riam destes filhos tão bons?

O homem tinha razão! Uma criança da floresta não pode ser simplesmente transplantada para a Alemanha, assim como uma árvore da floresta: ambas pereceriam.

Certa vez visitei a escola da colônia com os filhos da Sra. Zühlsdorf. De bom grado, o professor, também pomerano, me permitiu dar aulas numa manhã. Deu-me as chaves e deixou-me sozinha com as crianças. Eram sessenta, entre meninos e meninas. Não era exigido muito delas, apenas algo como ler, escrever e calcular, mas só o mais simples; o tão habitual cálculo com frações nenhuma delas sabia. A situação era ruim em relação aos livros didáticos: quase toda criança tinha um livro diferente, de modo que uma leitura uniforme só ocorria quando um único livro passava de mãos em mãos. O mesmo acontecia com o cálculo e a religião, o número de crianças era o mesmo de livros diferentes. Não ocupei muito as crianças

ich den kleinen Leuten Lebewohl gesagt hatte, brachte ich dem Kolonistenlehrer die Schlüssel zurück. Ich hörte von ihm noch viel über Kirche und Schule.

Zu der Pikade Von Jesus gehören an 40 Familien. Sie unterhalten die Schule und besolden den Lehrer. Schulzwang gibt es nicht. Der Unterricht ist von morgens 7 bis 11 Uhr. Zur Pflanzund Erntezeit wird keine Schule gehalten; ebenso fällt der Unterricht aus, wenn er regnet. Als ich Abschied von dem Waldschulmeister nahm, gab ich ihm das Versprechen, ich wollte ihm, wenn ich wieder in Deutschland sei, für jedes Kind ein Lese und Rechenbuch schicken, damit diese Bücher einheitlich wären. Da bei uns früher und heute alle paar Jahre neue Schulbücher von der Schulbehörde eingeführt werden und die alten in die Papierstampfe kommen, könnte man für wenig Geld Hunderte solcher Bücher kaufen und sie nach Südbrasilien schicken. Sie würden den Kindern dort große Dienste leisten. Ich habe damals veranlaßt, daß diese Schule mit Büchern versorgt wurde.

Aus neuen Kolonien gibt es noch keine Schulen, die ersten zehn Jahre kann der Kolonist an nichts denken als an seine Hütte und sein Stück Wald. Da ist dann die Mutter die Stellvertreterin der Schule. Sie muß ihre Kinder selbst unterrichten und ihnen auch den ersten Religionsunterricht geben. Die Frau muß als Mutter sehr vielseitig sein, Frau Zühlsdorf wußte hierüber sehr viel zu erzählen. Ihre ältesten Kinder hatten nur das gelernt, was sie ihnen hatte beibringen können; die jüngeren konnte sie zur Schule schicken.

Am folgenden Sonntag folgte ich der Einladung von Frau Zühlsdorf und besuchte mit ihr die evangelische Kirche. Alle drei Wochen kam der Pfarrer geritten, um Gottesdienst in der Schule zu halten. Längst vorher hatten sich die Kolonisten eingesunden, Pferde und auch zu Fuß; nahezu dreißig Pferde standen an dem Zaun angebunden. Fast alle Kolonisten der Pikade waren mit ihren Frauen und erwachsenen Kindern gekommen. Es war eine werkwürdige Versammlung. Gesprochen wurde nur Pommersch Platt; da konnte ich mein Westfälisch Platt nur eben zur Geltung bringen. Die Unterhaltung dochte sich um das, was dem Kolonisten die Hauptsache ist, um Roca und Vieh, alles andere kümmert diese

com estudos durante aquelas horas; contei-lhes sobre a Alemanha, as escolas e as igrejas alemãs, as brincadeiras de crianças e divertimento, e encontrei ouvintes muito agradecidos. Realmente, as crianças da floresta são crianças boas. Eles não sofrem as influências ruins da rua. Como foi grande a alegria quando saí com elas na última aula para fora e mostrei brincadeiras infantis alemãs! Tenho certeza que essas brincadeiras ainda continuam sendo feitas nesta escola e que certamente até hoje se brinca de cabra-cega na floresta. Depois de dizer adeus aos pequenos, devolvi as chaves ao professor da colônia. Ainda fiquei ali ouvindo-o contar muito sobre a igreja e a escola.

Quarenta famílias pertencem à estrada Bom Jesus. Elas mantêm a escola e pagam o professor. Ensino obrigatório não há. A aula é das 7 às 11 horas da manhã. Na época de plantio e colheita não tem aula; da mesma forma quando chove. Quando me despedi do mestre da escola da floresta, prometi-lhe assim que estivesse na Alemanha, enviaria um livro de leitura e de cálculos para cada criança, para que todas pudessem ter os livros iguais. Em nosso país, antigamente e hoje, com intervalo de alguns anos, livros novos são implantados pelas autoridades de ensino, e os velhos vão para a prensa de papel, sendo que centenas deles poderiam ser comprados por pouco dinheiro e enviados ao sul do Brasil. Eles iriam ter uma grande função para as crianças de lá. Incumbi-me, naquele tempo, de prover esta escola com livros.

Nas novas colônias não há escolas. Nos primeiros dez anos, o colono não pode pensar em mais nada a não ser na sua cabana e no seu pedaço de floresta. Então a mãe passa a substituir a escola. Ela mesma tem que ensinar seus filhos e dar-lhes as primeiras aulas de religião. A mulher, enquanto mãe, deve ser muito dinâmica e a Sra. Zühlsdorf podia falar muito sobre isto. Seus filhos mais velhos puderam aprender apenas aquilo que ela os ensinou; já os mais novos ela pôde mandar para a escola. No domingo seguinte, aceitei o convite da Sra. Zühlsdorf e fui com ela à igreja evangélica.

Urwaldmenschen nicht. Dann kam der Getstliche geritten, aus einem ziemlich halsstarrigen Maultier.

Der Gottesdienst konnte nun beginnen. Alte deutsche Lieder wurden gesungen, ohne Orgel oder sonstige Begleitung. Der Lehrer war Vorsänger, und die Gemeinde stimmte mit ein.

Schlichte deutsche Worte waren der Inhalt der Predigt. Worte, die diese Leute verstehen, und denen sie auch folgen können. So war es recht für den Urwald. Ein schlichter Schulram als Kirche und schlichte Menschen dazu als Gläubige, die keinen Hader gegen Gott in sich auskommenm ließen.

Nach dem Gottesdienst war Gemeindeberatung. Die gesamten Fragen der Pikade wurden besprochen. Eine Straße mußte gebessert werden, der Zaun um dem Kirchhof ennuert werden, der Lehrer wünschte Ausbesserungen an seinem Wohnhaus, eine Witwe, deren Mann vierzehn Tage vorher am Schlangenbißgestorben war, brauchte Hilse. Alles wurde ohne lange Reden bald erledigt. Ein kurzes Besinnen: die Männer und Witwen nicken mit dem Kopf, und die Sache ist erledigt. Nur die Männer und Witwen haben Bestimmungsrecht; für die übrigen Frauen bestimmt der Mann. Kommen Fragen vor, die nicht einstimmig von den Kolonisten gelöst werden, gibt der Pfarrer den Ausschlag.

Am Nachmittag besuchten wir den Maler, den das Heimweh so gepackt hatte. Er hatte nur eine halbe Kolonie und wohnte ties im Walde verseteckt. Fünf Kinder nannte er seinem Stolz, vier Mädchen und einen Knaben, alle mit blauen Augen und blonden Haaren, echte Germanen. Unsere Unterhaltung drechte sich natürlich um Deustchland. Dabei wollte er den Seinen begreiflich machen, wie seine Heimat ausschaue. Alles konnten sie begreisen, nur den Winter nicht. Das Wasser sollte so hart werden, daß man es mit der Art zerschlagen konnte, daß der Regen zu Schnee würde, den man zusammendrehen und Ball damit werfen könne, das wollten sie nicht glauben. Bei dem zehnjährigen Knaben weckte es nur ein mitleidiges Lächeln. Gerade den Kindern, die nie Eis und Schnee gesehen haben, dies zu beschreiben, ist sehr schwer. Als wir am Abend

O pastor vinha a cada três semanas para realizar o culto na escola. Muito antes disto, os colonos tinham vindo a cavalo e também a pé; aproximadamente trinta cavalos estavam amarrados na cerca. Quase todos os colonos da estrada vieram com suas esposas e filhos adultos. Era uma notável reunião. O dialeto falado foi pomerano, só pude fazer valer o meu dialeto vestfaliano. A conversa girava em torno do que é o mais importante para o colono: a roça e a criação; sobre todo o resto estas pessoas da floresta não se preocupavam. Logo chegou o pastor cavalgando em uma mula bastante teimosa. Agora o culto podia começar. Velhas canções alemãs eram cantadas sem órgão ou qualquer outro acompanhamento. O professor era o hantre, e a comunidade acompanhava. Palavras alemãs simples eram o conteúdo do sermão. Palavras, que estas pessoas entendiam e as quais poderiam seguir também. Assim era o correto para a floresta. Uma sala simples de escola como igreja, e pessoas simples como fiéis que não se permitiam ter nenhum descontentamento contra Deus.

Depois do culto, houve o conselho da comunidade. Foram discutidas questões relacionadas à estrada Bom Jesus: uma rua tinha que ser melhorada, a cerca em volta do pátio da igreja renovada, o professor queria reparos em sua casa, uma viúva, cujo marido morreu há catorze dias picado por cobra, precisava de ajuda. Tudo foi resolvido sem longas conversas. Uma observação: os homens e as viúvas acenam com a cabeça e o assunto está solucionado. Apenas os homens e as viúvas têm o direito de decidir; para as outras mulheres quem decide é o homem. Se há questões que não são resolvidas por unanimidade entre os colonos, então o pastor decide.

À tarde visitamos o pintor que estava com saudades da terra natal. Tinha apenas metade de uma colônia e vivia embrenhado na floresta. Referia-se com orgulho a cinco crianças, quatro meninas e um menino, todos com olhos azuis e cabelos loiros, germanos legítimos. Naturalmente, nossa conversa girava em torno da Alemanha. Queria que os seus familiares

Abschied nahmen, ging der Maler ein Stück Weg mit. Zum Schluß meinte er, wenn seine Kinder alle erwachsen seien, wollte er Deutschland noch einmal besuchen, wenn auch bloß aus ein paar Wochen. Sein Wunsch ging nicht mehr in Erfüllung. Kurz bevor wir Brasilien verließen, hörten wir, daß er gestorben war.

So verstrichen für mich die Tage aus der alten Kolonie, einer wirklichen Musterwirtschaft an Fleiß und Arbeit. Zehn Paar kräftige Hände fanden stets Arbeit genug, um Roca und Vieh in Ordnung zu halten. Nach vierzehn Tagen kam mein Mann zurück. Gesund und braungebrannt kam er heim.

Nun mußte er am Abend unter dem Orangenbaum erzählen.

Sein Ritt hatte ihn bis an den Fluß Rio Uruguay gebracht, dann den Fluß Varzea hinunter nach der deutschen Kolonie Xingu, von da über Palmeira nach Neu-Württemberg, der Kolonie des Leipzigers Dr Meher. Was wußte er nicht alles zu berichten von den Pionieren des Urwaldes, die er aus seinem Ritt angetroffen hatte. Blühende deutsche Kolonien hatte er gefunden. Aber auch viele im Urwalde verkommene Landsleute, die ihr Leben dort elend fristen. Zum Teil mit Mulattinnen und Regerinnen verheiratet, schämen sie sich, zu gestehen, daß sie einstmals Deutsche waren. Überall, wo sich der deutsche Kolonist nicht unter Deutschen ansiedelt, sondern unter Portugiesen, Italienern und Mulatten, da ziehen ihn seine Nachbarn zu sich hinunter. Da find der deutsche Mann und die deutsche Frau die ersten, die ihr Volksbewußtsein verlieren. Sie find verloren im ßen Urwald, verschlungen von ihm. Besonders hatte meinem Manne die Kolonie Neu Württemberg gefallen. Es ist eine wahre Musterkolonie. Sie est nur schon ganz besiedelt und hat so für neue Einwandernde keinen Plaß mehr. Ganz begeistert war er von dem weiten Ritt durch Rio Grande do Sul, von den unendlichen Strecken Urwald und von den großen fruchtbaren Kämpfen. Er hatte das Land genau so gefunden, wie er von begeisterten Reiseberichterstatern darüber gelesen hatte. Nun wußte er jeßt aus eigener Erfahrung, welch eine riesige Arbeit es kostet, das Land so weit zu bringen, daß es einen ernährt.

Zwei Tage blieben wir noch bei Zühlsdorfs, dann fuhr uns der Vater wieder

compreendessem como era o seu país de origem. Tudo eles puderam compreender, só o inverno que não. Não queriam acreditar que a água ficaria tão dura que poderia ser quebrada com o machado, que a chuva se transformaria em neve, e dela se poderia fazer uma bola e jogá-la. Só despertou um sorrisinho de compaixão no garoto de dez anos. É muito difícil descrever isto para crianças que nunca viram gelo e neve. À noite quando nos despedimos, o pintor nos acompanhou até uma parte do caminho. Por fim, pensava que quando seus filhos fossem adultos, ele visitaria a Alemanha mais uma vez, nem que fosse por apenas algumas semanas. Seu desejo não pôde ser realizado. Pouco antes de deixarmos o Brasil, soubemos que falecera.

Assim passaram-se os dias na velha colônia, uma verdadeira economia modelo de esforço e trabalho. Dez pares de mãos fortes sempre encontraram trabalho suficiente para manter em ordem a roça e a criação. Depois de catorze dias meu marido voltou. Saudável e queimado do sol retornou pra casa. À noite, sob o pé de laranja, ele teve que contar sobre sua viagem. Sua cavalgada levou-o até o rio Uruguai, depois desceu o rio Várzea até a colônia alemã Xingu, de lá passando por Palmeira até Neu-Württemberg, a colônia do Dr. Meher de Leipzig. Ele sabia narrar tudo sobre os pioneiros da floresta que encontrou em sua viagem. Encontrou colônias alemãs prósperas, mas também muitas pessoas do campo decadentes, que levam suas vidas miseravelmente lá. Muitos colonos estão casados com mulatas e negras e se envergonham em declarar que são alemães. Em todo lugar, onde o colono alemão não se estabelece entre alemães, mas entre portugueses, italianos e mulatos, estes arruinam-no. O homem e a mulher alemães são os primeiros a perder sua consciência de nação. Eles estão perdidos na grande floresta e engolidos por ela. Meu marido gostou, principalmente, da colônia Neu-Württemberg. É uma verdadeira colônia-modelo. Está, no entanto, completamente colonizada e não tem mais lugar

nach Hause. Aus unserer Kolonie fanden wir alles in bester Ordnung. Nur noch ein paar Wochen, dann konnten wir der alten Heimat zueilen.

Unser Nachsolger wollte erst noch einmal nach Hause, doch bald ganz nach hier übersiedeln. Mit dem Vater der Frau Zühlsdorf fuhr er heim. Nun waren wir wieder allein im Urwald. Mein Mann schaffte nur noch zum Zeitvertreib in der Roca.

Die Zeit meiner Niederkunft kam heran. Troßdem ich den festen Willen hatte, stark zu bleiben, sah ich mit Schrecken der Stunde entgegen. Keine Hebamme, im Falle der Not keinen Arzt; und es war ja mein erstes Kind! Ich war froh, daß wenigstens Frau Zühlsdorf um mich war; sie war auf Wunsch meines Mannes schon acht Tage vorher gekommen. Sie sprach mir Mut zu, hatte sie ja selbst mehrere Kinder im Urwald geboren. Aber hatte ich nicht aus dem Friedhof in der alten Kolonie viele Gräber von jungen Frauen gesehen, die im Wochenbett gestorben waren? Gott hatte uns bisher geholsen, er würde uns weiter helsen, das war mein einziger Trost und meine Hoffnung.

Ich will von den schwesten Stunden nichts schreiben. Doch stelle sich eine Frau einmal vor Augen, was eine werdende Mutter zu leiden hat ohne jegliche Hilse, nur aus sich selbst angewiesen. Sind auch die Nachbarfrauen hilfsbereit, aber wehe der armen Frau, wenn nicht alles natürlich zugeht. Ich machte nun selbst durch, was Hunderte von Frauen vor mir im Urwald hatten durchmachen müssen. Erlebte die Schreckenstage und Nächte einer Mutter in solchen Noten, sah die Nachbarsfrauen weinend mich umstehen, sah meinen Mann mit verstörtem Gesicht umherirren - niemand konnte mir helsen. Am liebsten wär' ich gestorben. Daß ich überhaupt noch vin - es ist mir ost wie ein Wunder Gottes. Drei Tage und Nächte dem Wahnsinn nahe. Als ich endlich von meinen Oualen erlöst war, da war der Traum meines Mannes zerstört: eine kleine Kinderleiche lag neben mir, ein kleines Mädchen, erstickt in der Geburt.

Nur um meine Leindensgesährtinnen zu warnen, schreibe ich dieses nieder. Jede Frau, die in den Urwald zieht, soll auch hierin ganz klar sehen. Es sollte hinreichen, eine junge Frau vor dem Auswandern zurückzuschrecken. Als

para novos imigrantes. Ele ficou muito entusiasmado com a cavalgada pelo Rio Grande do Sul, com os trechos intermináveis de floresta e com os grandes campos férteis. Ele encontrou a terra exatamente como tinha lido nas descrições dos animados relatores de viagem. Mas agora sabia, através da experiência própria, quanto trabalho custava preparar a terra para que esta pudesse alimentar alguma pessoa. Ficamos ainda mais dois dias na casa dos Zühlsdorfs, então o Pai nos levou de volta para casa outra vez. Encontramos tudo em perfeita ordem na nossa colônia. Só mais algumas semanas e poderíamos ir correndo para a velha pátria. Antes disso, nosso sucessor queria ir mais uma vez para casa, só depois mudar definitivamente. Ele voltou com o pai da Sra. Zühlsdorf. Estávamos sozinhos na floresta novamente. Meu marido trabalhava na roça apenas para passar o tempo.

Estava chegando a hora de meu parto. Apesar de ter o firme desejo de ficar forte, via com assombro este momento. Sem parteira, sem médico em caso de emergência; e ainda além disso era o meu primeiro filho! Ficava feliz em saber que ao menos a Sra. Zühlsdorf estava ao meu lado. Ela chegou oito dias antes, atendendo ao desejo de meu marido. Encorajava-me, pois ela mesma já tinha dado à luz vários filhos na floresta.

Mas já não vi no cemitério da velha colônia muitas sepulturas de jovens mulheres que morreram durante o puerpério? Se Deus nos ajudou até aqui, vai continuar nos ajudando, isto era meu único consolo e minha esperança. Não quero escrever sobre as horas mais difíceis. Mas imagine uma mulher, que vai se tornar mãe, tem que sofrer sem qualquer tipo de ajuda, dependendo apenas de si mesma. As vizinhas também são prestativas. Mas ah! Pobre mulher, se tudo não correr naturalmente! Eu mesma estava experimentando o que centenas de mulheres antes de mim já passaram na floresta. Vivi os dias e noites de horror de uma mãe em dificuldades, vendo as vizinhas que estavam à minha volta chorando, meu marido com o rosto transtornado andando de lá pra cá – ninguém podia

alles vorbei war und ich meinem Herrgot danken konnte, daß er mir mein Leben erhalten, sagte mir mein Mann, daß er den jungen Zühlsdorf mit seinem Wagen, bespannt mit seinen zwei Pferden des Nachbarn, zum Arzt geschickt hätte. Ich hatte keinen Arzt mehr nötig. Gottlob! Am folgenden Morgen kam der junge Zühlsdorf zurück, doch ohne den Arzt. Dieser menschenfreundliche Helser, der sich Deutscher nannte, hatte seine Nachtruhe nicht opfern wollen. Auch war ihm der Weg zur neuen Kolonie zu weit gewesen, trotzdem er sich nur aus den Wagen hätte zu setzen brauchen.

Was ich jeßt nötig hatte, war Ruhe, um Kräfte zu sammeln für die Heimreise. Meine Freundin, Frau Zühlsdorf, blieb bei mir, so konnte ich es, denn die sorgte für alles. Nach vierzehn Tagen verließ ich, gestützt auf meinen Mann, zum erstenmal das Zimmer, um im Garten etwas Luft zu schöpfen. Da vermißte ich sofort unsern schönen Weihnachtsbaum, die herrliche Edeltanne, die wir nach Weihnachten mitten in unserm Garten gepflanzt hatten. Ich fragte meinen Mann danach, und er sagte es mir.

Der Baum beschattete das kleine Grab im Urwald.

me ajudar! Teria preferido morrer! Se ainda estou aqui – para mim é um milagre de Deus! Três dias e três noites perto da loucura.

Quando finalmente acabou minha agonia, o sonho de meu marido fora destruído: um pequeno cadáver jazia ao meu lado, uma pequena menina que morrera asfixiada no parto. Descrevo este fato apenas para alertar minhas companheiras de sofrimento. Toda mulher que se muda para a floresta deve saber disto também, e de forma muito clara. Deve ser o suficiente para que uma jovem mulher desista da imigração. Quando tudo já havia passado, e pude agradecer ao meu Deus por ter mantido minha vida, meu marido disse-me que enviara o jovem Zühlsdorf ao médico na sua carroça atrelada com dois cavalos seus e dois do vizinho. Eu não precisava mais de médico. Graças a Deus! Na manhã seguinte, o jovem Zühlsdorf retornou, porém sem o médico. Este assistente e amigo das pessoas, que se denominava alemão, não quis sacrificar sua noite de sono. Para ele, também era muito longe o caminho para a nova colônia, embora precisasse apenas se sentar na carroça.

O que eu realmente precisava agora era de repouso para reunir forças para a viagem de volta. Minha amiga, a Sra. Zühlsdorf, ficou na minha casa, assim pude mesmo descansar, pois cuidava de tudo. Passados os catorze dias, deixei o quarto pela primeira vez, apoiando-me no meu marido para respirar um pouco de ar. Imediatamente senti falta da nossa árvore de Natal, o esplêndido pinheiro que plantáramos no meio de nosso jardim depois do Natal. Perguntei dele ao meu marido, que me disse:

"A árvore faz sombra à pequena sepultura na floresta."

O PCB EM BLUMENAU



O PCB EM BLUMENAU: ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA

Edison Lucas Fabricio*

No início da década de 1960, o Brasil vivia um momento de grande efervescência política e social. Durante o governo de João Goulart (1961-1964), a política deixou de ser praticada somente nos espaços habituais do parlamento e nas esferas oficiais, e ganhou as ruas, os quartéis, a imprensa, a universidade, a fábrica, o campo, etc.

Neste contexto, havia forte polarização político-ideológica. Numa margem estavam estudantes, operários, camponeses, sindicalistas, artistas e intelectuais militantes, o clero e os leigos da Igreja Católica progressista e outros setores sociais. Todos comungavam a expectativa da implementação de reformas estruturais e de base, e um forte apelo ao governo por políticas nacionalistas e até socializantes. Na outra margem havia uma forte resistência aos movimentos populares e as políticas nacionalista e reformista do governo Goulart. Integravam este grupo os grandes latifundiários, setores do empresariado (IPES/IBAD), militares da Escola Superior de Guerra (ESG), parlamentares da União Democrática Nacional (UDN), setores da Igreja Católica conservadora, indo desde bispos e cardeais até movimentos leigos de mulheres. Embora não se possa falar num projeto ou programa político homogêneo desse grupo, podemos apontar alguns pontos consensuais. A defesa do crescimento econômico com abertura ao capital internacional, a defesa da propriedade privada através da manutenção da estrutura agrária do país e o combate aos movimentos de esquerda com orientação socialista.

* Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Este artigo é parte da dissertação de mestrado: "A produção do espectro comunista: imprensa, política e catolicismo (Blumenau 1960-1964)". O trabalho foi orientado pelo professor Dr. Rogério Luiz de Souza e contou com apoio da CAPES.

No centro do fogo cruzado estava o governo Goulart, síntese da época, uma vez que num mesmo corpo ministerial congregava elementos tão díspares, como os ministros militares conservadores e personagens como o ministro San Tiago Dantas e o economista Celso Furtado, com posições claramente progressistas.

Neste contexto, o Partido Comunista ganhou um destaque relevante. Ainda que o final da década de 1950 ficasse marcado pelas denúncias feitas por Nikita Krushev, no XX congresso do Partido Comunista da União Soviética, dos crimes cometidos na União Soviética no período stalinista. Tudo indicava que a credibilidade do socialismo no plano internacional seria duramente abalada e que o Partido Comunista Brasileiro, ilegal na época, estaria fadado ao fracasso. No entanto, “por ironia do destino”, nos anos que se seguiram até o golpe civil-militar de 1964, o PCB atingiu uma popularidade e força política nunca antes vistas.¹

No Brasil, o PCB contornou a crise a partir de um processo de renovação entre os anos de 1958 e 1960. Principalmente, a partir de 1960 o partido comunista começou a adotar o discurso da via democrática para a construção da revolução, conseguindo assim grande inserção nos movimentos sindical urbano e rural, estudantil, entre os intelectuais, nas campanhas por reformas, na luta nacionalista e anti-imperialista. A ilegalidade do partido não impedia sua atuação junto à sociedade civil e política, o que levava seus membros a avaliar a situação como “uma legalidade de fato”, embora não de direito. A ordem do dia no PCB era inserir-se nas lutas e reivindicações dos trabalhadores.

Mas como a cidade de Blumenau estava inserida neste contexto nacional? De que forma a efervescência política e social do início da década de 1960 refletia ou reverberava na região? Como o PCB conseguiu adentrar

¹ SEGATTO, José Antônio. **Reforma e Revolução**. As vicissitudes políticas do PCB (1954-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, pp. 28, 29.

as disputas políticas da cidade? Estas são algumas questões que procuram inserir Blumenau no curso dos acontecimentos nacionais, que buscam levar em conta uma crítica muito perspicaz de Méri Frotscher, segundo a qual a historiografia tradicional buscou construir sobre Blumenau uma “história narcísica, voltada para si própria”, distanciada do contexto nacional. Onde “a cidade sempre é mostrada como uma ‘ilha’ em meio às ‘águas do território nacional’ [...]”.²

Mas quais eram as características dessa cidade de Blumenau no limiar dos anos sessenta? Desde o período da Segunda Guerra, Blumenau havia se tornado um ícone do progresso econômico, principalmente nas atividades do ramo têxtil que representavam 42% da produção total. Segundo o Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) no ano de 1955, Blumenau estava entre os cinco “municípios brasileiros de maior progresso”.³

Na esfera política, a redemocratização ocorrida depois do período varguista só acentuou a presença e a hegemonia dos empresários no governo municipal. A UDN, símbolo deste novo momento, elegeu entre 1947 e 1966 cinco prefeitos sucessivamente, perfazendo quase vinte anos ininterruptos de governo.

Para Roberto Caresia este período é marcado pelo discurso da modernidade em Blumenau. Tratava-se de superar aquilo que era considerado antigo, tradicional, antiquado e atrasado em nome do novo e do moderno. Construções antigas, como o hotel Holetz e a Igreja matriz São Paulo

² FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e trabalho alemão**: outros usos e outros produtos do labor humano. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998, p. VIII-IX.

³ SIMÃO, Vilma Margarete. “Da hegemonia passiva à hegemonia ativa”. In: THEIS, Ivo M.; MATTEDI, Marcos Antonio; TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas.(Orgs). **Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau**. Blumenau: Ed. da FURB, 2000. p. 78-79

Apóstolo, em estilo próximo ao gótico, foram demolidas e em seus lugares foram erigidas construções modernas segundo um modelo arquitetônico racional e retilíneo, que pouco lembrava os modelos europeus. Neste contexto do pós-guerra, houve uma ruptura com o passado germânico que impregnava a cidade, pois o exemplo a ser seguido não era o de uma Europa devastada pela guerra, mas sim o de um país como os Estados Unidos, país avançado tecnologicamente, “terra da liberdade” e da livre iniciativa – a típica sociedade de consumo. De forma sutil os produtos “made in USA” passaram a penetrar o mercado local, os hábitos de consumo começaram a se modificar. O melhor emblema desta mudança é inauguração da loja comercial “Casa do Americano” e a introdução de produtos alimentares como a “Coca-Cola”, até os automóveis “Ford”, eletrodomésticos como “Frigidaire”.⁴ Todos estes elementos trazidos pelo modelo americano modificaram o estilo de vida da população local, as práticas cotidianas e mesmo os valores políticos.

Neste contexto de transformações surge, clandestinamente, uma nova agremiação política na cidade, síntese das paixões políticas do período. Seria tal partido o pomo da discórdia na, aparentemente, pacífica Blumenau?

O PCB E SUA INSERÇÃO EM BLUMENAU: AS FONTES DA HISTÓRIA E A MEMÓRIA

A historiografia sobre o PCB em Santa Catarina ainda é bem reduzida. A escassez de documentos, por ocasião da ilegalidade do partido, tem ocasionado dificuldades para escrever a história do partido no Estado.

⁴ CARESIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960). In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. **Visões do Vale: Perspectivas Historiográficas recentes**. Blumenau: Nova Letra, 2000.

A maioria dos estudos vem utilizando a história oral e os jornais como fonte para a construção da narrativa.⁵

Segundo Jaci Vieira,⁶ o surgimento do PCB em Santa Catarina esteve atrelado à construção da Ponte Hercílio Luz, em Florianópolis, entre 1922 e 1926, tendo os estivadores à frente do processo. Dentre os membros destacavam-se Porfírio Gonçalves, militar; Manoel Alves Ribeiro (Mimo), eletricitista; Álvaro Ventura, estivador; Hipólito do Vale Pereira, contador; Mustafá, comerciante; João Brugnn, militar. No entanto o partido se constituiu oficialmente, através de estatutos, somente em 1939.⁷

Esse grupo que se constituiu nos anos 20 se intitulava “comunista”, ainda que não tivesse contato algum com o Comitê Central do partido no Rio de Janeiro. Foi a partir da Constituinte, em 1934, que os laços com o Comitê Central começaram a se estreitar, pois Álvaro Ventura havia sido eleito deputado classista para a Assembléia Constituinte.

Desde muito cedo houve grande dificuldade do partido em construir bases nas áreas de colonização alemã e italiana, como as cidades de Blumenau, Joinville, Rio do Sul, Brusque e alguns outros municípios no Vale do Itajaí. Uma das principais razões era a presença e a forte influência do integralismo, um dos principais opositores ao comunismo. Segundo

⁵ São os casos da dissertação de VIEIRA, Jaci Guilherme. **História do PCB em Santa Catarina**: Da sua gênese à Operação Barriga Verde – 1922 a 1975. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994. E também do livro de MARTINS, Celso. **Os comunas**: Álvaro Ventura e o PCB catarinense. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995, um ex-militante do partido. Há ainda o livro de memórias de RIBEIRO, Manoel Alves. **Caminho**. Edição do autor, Florianópolis 1990. Alves foi um dos fundadores do partido no estado. Recentemente foi produzida uma dissertação que privilegiou as fontes judiciais, ver TORRES, Mateus Gamba. **“A justiça nem ao diabo se há de negar”**: a repressão aos membros do partido comunista brasileiro na Operação Barriga Verde (1975-1978). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em história. Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

⁶ VIEIRA, Jaci Guilherme. Op. Cit., p. 6.

⁷ MARTINS, Celso. Op. Cit., p. 132.

Vieira, os integralistas tinham “uma forte penetração no interior, enquanto o partido comunista catarinense agia mais coesamente no litoral, e com uma penetração mais acentuada no sul, Criciúma, por exemplo.”.⁸

A partir da II Guerra Mundial, principalmente entre 1943 e 1944, o PCB iniciou uma mobilização em torno da busca pela legalidade do partido e pela reestruturação. Alinhado ao Comitê Central, o PCB catarinense fundou neste período vários diretórios municipais, em Concórdia, São Francisco do Sul, Criciúma, Lages, Tubarão, Mafra, Caçador, Laguna e Itajaí. Celso Martins menciona inclusive a constituição de um diretório em Blumenau, mas não descreve detalhes do trabalho realizado pelo grupo na cidade. Os integrantes eram Paulo Borba, Hélio Cabral Teive, Victor Cascaes Figueiredo, Antonio D’Avila e Altir Ramos.⁹

Com o fim da ditadura Vargas e do Estado Novo iniciou-se um novo processo democrático no país, como eleições e a elaboração de uma nova constituição. A legalidade do partido comunista brasileiro também foi reconhecida em 10 de novembro de 1945. Entre 1945 e 1947 o PCB catarinense atingiu o número de 400 filiados. Também fundou um jornal chamado “Folha Catarinense”.

No contexto da Guerra Fria o Brasil acabou por alinhar-se aos EUA e romper relações com a União Soviética. O Supremo Tribunal Federal classificou o PCB como uma organização estrangeira e internacionalista determinando o encerramento de suas atividades e a cassação de seu registro. Apesar da constante vigilância sobre o PCB, o partido conseguiu eleger alguns vereadores na capital do estado durante a década de 1950, através da legenda do PSP (Partido Social Progressista). No período anterior ao golpe militar o PCB catarinense viveu uma das melhores fases, inseriu-se nas disputas sindicais, conseguiu formar bases em cidades historicamente

8 VIEIRA, Jaci Guilherme. Op. Cit., p. 14.

9 MARTINS, Celso. Op. Cit., p. 169.

difíceis de atuar e reeditou o jornal “Folha Catarinense”, que circulou entre novembro de 1963 e março de 1964.

Escrever a história do PCB em Blumenau, diante das escassas fontes de pesquisa, ainda é um desafio. A inexistência de documentos deve-se, em grande medida, à ilegalidade do partido. Por outro lado, o uso da história oral permite construir uma narrativa, ainda que a maioria dos militantes já tenha falecido.¹⁰ Ao lado dos testemunhos orais, podem-se apreender fragmentos da história do PCB pelos jornais, na voz dos integrantes do PCB ou mesmo na voz dos “outros”, dos combatentes do comunismo. A imprensa escrita é uma fonte privilegiada para a escrita da história.¹¹ Outra fonte relevante para a história do PCB em Blumenau são os documentos judiciais. Especialmente o processo judicial Nº 251, que tramitou na Auditoria da 5ª Região Militar (Paraná e Santa Catarina)

10 A busca das fontes orais é sempre envolvida em dificuldades, no nosso caso as dificuldades se agravaram por se tratar de um período da história que deixou marcas profundas na memória daqueles que o vivenciaram. A fonte oral sofre recorrentes objeções, sendo que a principal diz respeito à sua própria natureza, ou seja, a fonte oral é uma fonte construída, “provocada” pelo historiador. No entanto, devemos argumentar que as fontes escritas também não “puras”, também são construídas e sob múltiplas coerções. Um dos aspectos mais importantes na construção da fonte oral é a solicitação da testemunha à memória, este fenômeno é bastante complexo, ainda mais quando se trata de acontecimentos que deixaram marcas afetivas na testemunha. A memória pode evocar emoções, sentimentos, ressentimentos, ódios e ao historiar memórias o historiador não raro se depara com esquecimentos, silêncios, ocultamentos, lapsos, não-ditos. Uma vez que tais memórias são marcadas pela violência simbólica e psicológica, em casos extremos pela violência física. Cf. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. V. 2, n. 3, 1989, p. 3-15; ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. pp. 15-36.

11 Capelato e Prado afirmam que a imprensa deve ser entendida “como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere”. CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino**: Imprensa e Ideologia no Jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: AlfaOmega, 1980, p. XIX.

do Superior Tribunal Militar, em que os comunistas foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional.¹² O processo contém 1952 páginas e está dividido em oito volumes. Apesar de estar bastante comprometida pelo tempo, a documentação nos oferece detalhes importantes dos membros e da organização do partido na cidade. Numa avaliação *à posteriori*, podemos dizer que, curiosamente, a justiça militar ao produzir provas contra os acusados, através da coleta de documentos, acabou, ainda que de forma involuntária, por preservar também fragmentos da história do partido.¹³ É no constante cruzamento destas três fontes que podemos construir uma narrativa histórica sobre o PCB em Blumenau.

O PCB em Blumenau começou a ser organizado ainda em 1960 por Francisco José Pereira, ou como era denominado na imprensa “o Chico comunista”. Nascido em Florianópolis no ano de 1933, Pereira, na sua adolescência presenciou a criação da célula Luiz Carlos Prestes em sua casa. Seu pai não fazia parte do Partido, mas como simpatizante cedeu a casa para as reuniões dos militantes. Já na sua juventude começou a cursar Direito na Faculdade de Direito de Florianópolis, nesta instituição teve contato com outros jovens militantes da União da Juventude Comunista e logo foi convidado para integrar a Juventude. Quando ingressou no Partido em 1955, tinha 22 anos de idade, começou atuando na Juventude Comu-

12 Esta documentação se encontra fotocopiada na sede da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) de Santa Catarina, em Florianópolis.

13 As fontes judiciais vêm adquirindo grande relevância na pesquisa histórica. Segundo Keila Grinberg, devemos encarar os processos judiciais como fontes fundamentalmente oficiais, produzidas pela justiça de um determinado contexto histórico, segundo o entendimento do que era crime ou violação da lei. Assim, a produção do documento judicial não objetiva reconstruir um acontecimento, mas “buscar produzir uma verdade, acusando e punindo alguém. Nessa perspectiva, todos os depoimentos seriam ‘ficções’, papéis desempenhados por personagens, cada qual procurando influenciar os desfechos da história”. GRINBERG, Keila. Processos Criminais. A história nos porões dos arquivos judiciários. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 119-139.

nista, passando mais tarde a responsável por esta organização nos morros do Nova Trento e do Céu (Florianópolis) e logo depois em Criciúma.

Quando entrei para a Juventude fiquei sabendo do processo, observava o comportamento, na época o partido era ilegal, muito perseguido, tanto pela polícia civil como pela militar. Então, depois de ter sido testado, fui convidado para entrar para o Partido Comunista. Em 1964, na oportunidade do Golpe, eu era um dirigente do partido, fazia parte do secretariado do partido. ¹⁴

Logo que concluiu sua formação, Francisco foi designado pelo partido a trabalhar em Criciúma, junto com Aldo Pedro Dietrich, outro advogado membro do Partido. Em Criciúma suas atividades giravam em torno do movimento grevista dos mineiros. Na greve de vinte e nove dias, realizada no mês de janeiro de 1960, muitos mineiros foram demitidos, Francisco trabalhou nos processos de demissão sem justa causa, quando o direito de greve era ignorado.

Na ocasião da greve o jovem advogado Francisco Pereira, com apenas 26 anos de idade, foi incumbido de liderar uma comissão de mineiros para negociar a situação dos trabalhadores no carvão de Criciúma, e principalmente reivindicar a criação de um vencimento sobre trabalhos insalubres. No Rio de Janeiro fez importantes contatos e denunciou a situação penosa dos mineiros.

No Rio, a comitiva buscou na sede do PSD apoio político, e no Ministério da Guerra fez “denúncias dos atos arbitrários praticados pelo 14º Batalhão de Caçadores”. Em seguida os mineiros se avistaram com o marechal Lott, a quem o jovem advogado denunciou o empresário Diomício Freitas, “por adotar uma ostensiva política de desemprego. Lott anotou a informação”. Pereira foi levado ao marechal pelo deputado José Joffily (irmão do juiz de direito Irineu Joffily, um dos maiores estudiosos do carvão nacional), que também o acompanhou

¹⁴ PEREIRA, Francisco José. Depoimento concedido ao autor. Florianópolis, 08 de maio, 2005.

numa audiência com o vice-presidente João Goulart, na residência de S. Thiago Dantas. Na segunda visita ao vice foi acompanhado por Doutel de Andrade, no Palácio Monroe. O advogado se avistou com Prestes, assim que chegou ao Rio, através dele conseguindo os contatos com parlamentares para que fossem denunciadas na Câmara as violências contra os grevistas.¹⁵

Francisco Pereira voltou do Rio de Janeiro com a garantia de a greve tinha sido vitoriosa, os mineiros receberiam a taxa de insalubridade sobre os vencimentos. De Criciúma Francisco rumou a Blumenau, ainda no ano de 1960. Em Blumenau não havia nenhum filiado ao Partido, apenas simpatizantes.

A história da constituição do PCB em Blumenau é bastante curiosa. Segundo Francisco Pereira, havia em Blumenau um relojoeiro chamado Erwin Loeschner, que tinha conhecido um senhor de nacionalidade tcheca, residente no caminho entre Blumenau e Brusque. Este homem lhe fornecia semanalmente um exemplar do jornal oficial do PCB, “Novos Rumos”. Loeschner criou um grupo de leitura do jornal junto com Hilton Zimmermann, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, e mais alguns simpatizantes das ideias do Partido. Posteriormente, o tcheco desapareceu e os integrantes do grupo se viram diante da necessidade de escrever uma carta para a redação do “Novos Rumos”, solicitando mais informações e manifestando vontade em conhecer o Partido. “... é claro que o comitê central deu um puxão de orelha no diretório municipal [estadual], afinal de contas Blumenau era uma das maiores concentrações operárias e ainda hoje é, e eles estavam pedindo para conhecer o Partido. Daí eu fui destacado para ir para lá, organizar o partido, como advogado.”¹⁶

Logo que chegou à cidade, Francisco instalou seu escritório na

15 MARTINS, Celso. **Os comunas** Op. Cit., p. 198.

16 PEREIRA, Op. Cit.

Rua XV de Novembro junto ao então edifício Nossobanco. Imediatamente iniciou seus trabalhos na área do direito trabalhista, começou a orientar o pequeno núcleo de comunistas e também assumiu a função de redator-chefe do jornal “Novos Dias”, do diretório estadual do PCB, dirigido em Florianópolis por Mário Bastos.¹⁷

Uma das primeiras referências ao trabalho de Francisco Pereira apareceu no periódico católico “Luzeiro Mariano”. O artigo procurava mostrar o insucesso do trabalho do advogado na “risonha cidade de Criciúma” e trazia o sugestivo título: “Advogado Comunista levou mineiros a pedir esmolas”.¹⁸ Segundo o jornal, “um traidor da Pátria, pago pela Rússia, semeou entre eles a discórdia, a cizânia da ilusão transformada em ouro e o tombo da massa iludida e inexperiente esborrachou-se na miséria”. Conforme o jornal, a “greve foi perdida, pois assim exigia o Partido Comunista. O advogado comunista cumpriu seu dever para com o Partido, mas traiu os mineiros que hoje se encontram pedindo esmolas pelas ruas de Criciúma [...]. Mas traidor, na calada da noite bateu o pé de suas sandálias e fugiu para outros recantos”. O jornal ainda incitava à vigilância, para que Blumenau tome Criciúma como exemplo, pois “O advogado veio a Blumenau, instalou-se num quarto na Rua XV e começou a preparar o terreno para nova traição”. Tal mudança para Blumenau era justificada pelo fato de que “era mister sacudir a paz e a prosperidade de outros lugares calmos e sossegados”.¹⁹

O trabalho de Francisco Pereira, como afirmamos acima, se concentrava na área do direito trabalhista. Segundo o advogado, em Blumenau havia um problema muito grave em relação aos trabalhadores

¹⁷ MARTINS, Celso. **Os comunas**. Op Cit., p. 200.

¹⁸ Advogado Comunista levou mineiros a pedir esmolas, **Luzeiro Mariano**. Blumenau, Julho de 1961, 2ª quinzena, p. 6.

¹⁹ Idem.

menores de idade, pois os patrões, principalmente da indústria têxtil, pagavam apenas a metade do salário para os menores, mesmo que a lei não autorizasse tal prática. A CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) previa que não poderia haver diferença salarial por causa de sexo, cor, religião e idade. Com o passar do tempo, os trabalhadores foram informados e passaram a procurar os serviços de Francisco Pereira. “Aí, meu escritório virou assim uma romaria de trabalhadores”, afirma o advogado. Logo, tal postura começou a encontrar a resistência dos indivíduos mais conservadores da imprensa.

Os jornais da época não deixaram de reproduzir tais inquietações. O jornal “Cidade de Blumenau” foi um dos primeiros a desferir críticas. Segundo este jornal, não havia contrariedade àqueles que queriam restabelecer os direitos dos empregados, dos oprimidos e injustiçados, todavia não concordava com a demagogia que poderia causar a desgraça a muitas pessoas, através dos conflitos entre empregados contra patrões, o que o jornal considerava um ato criminoso. Era justamente nesta alcinha que se enquadrava o trabalho de Francisco Pereira, através de seus “boletins esclarecedores”. Segundo o jornal, o trabalho de Francisco era de alto cunho demagógico pois,

dizendo-se defensor intransigente dos operários, fomenta a ideologia bolchevista entre nós, menores já não encontram mais emprego, num verdadeiro contraste dos dias ido. [...] e o que já começamos a notar é que menores estão sendo demitidos, por culpa e risco do advogado em tela que, a exemplo do que fez em Criciúma, fomentou greves e acabou por deixar várias famílias em situação difícil. E ao que tudo indica, por aqui os efeitos de uma ação nefasta já começaram a surgir, porque, ao invés de procurar a harmonizar capital e trabalho, o doutor esse quer é confusão, discórdia e muito barulho! claro! também pudera: é o COMUNISMO EM MARCHA.²⁰

20 Comunismo em marcha. **A Cidade de Blumenau**, 25 de julho, 1961, p. 1, 2

O anticomunismo na imprensa de Blumenau foi uma prática constante entre os anos de 1960 e 1964. Em linhas gerais, podemos identificar vários tipos de discursos anticomunistas: o discurso clerical, o militar, o partidário, o integralista travestido nos perepistas, o católico/feminino, o empresarial, etc.²¹

Mas voltemos à constituição do PCB em Blumenau. O Inquérito Policial Militar (IPM), uma das peças do processo judicial em que os comunistas estavam arrolados como acusados, expõe detalhes importantes da organização do comitê em Blumenau. O IPM foi instaurado com base no artigo 8 do ato institucional Nº 1, de 19 de abril de 1964 e era um mecanismo usado para investigar, colher material probatório, inquirir testemunhas e juntar documentos para a elaboração do relatório.

Segundo o relatório do IPM, havia em Blumenau

Um “comitê municipal do partido comunista”, com a finalidade precípua de tentar mudar a ordem política ou social estabelecida na constituição, mediante ajuda dos países socialistas, ajuda esta feita por meio de material de propaganda, como sejam: filmes, slides, livros, revistas e postais coloridos, bem como financiando viagens de pessoas, de ideologia socialista comunista e outras que poderiam interessar a propaganda, nos países socialistas. O referido “comitê” era composto das seguintes pessoas: Francisco José Pereira, Herbert Georg, Erwin Loeschner, Hilton Zimmermann, Afonso Schirmer, Alfredo José Gonçalves, Manoel de Souza, Edeluí Farias.[...] O “comitê municipal de Blumenau” tinha jurisdição sobre todo o vale do Itajaí, sendo seu chefe o Dr. Francisco José Pereira, tendo como primeiro-secretário o sr Erwin Loeschner e como o segundo secretário o sr Hilton Zimmermann. [...]. **O movimento liderado em Blumenau**

21 Falar sobre o anticomunismo em Blumenau escapa aos objetivos deste texto. Para mais informações sobre o tema, remeto ao meu trabalho: FABRICIO, Edison Lucas. **A produção do espectro comunista**: imprensa, política e catolicismo (Blumenau 1960-1964). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2011. E ao artigo Willian Spengler, que privilegiou o jornal “Ronda Barriga-Verde” como fonte histórica. SPENGLER, Willian. O santo guerreiro versus o grande dragão da maldade – A “cruzada” anticomunista desenvolvida pela imprensa jornalística na região de Blumenau – 1960-1965. **Blumenau em Cadernos**. Tomo XLVIII – Nº 09/10, 2007. P. 20-54.

por Francisco José Pereira, Herbert Georg, Erwin Loeschner, Hilton Zimmermann, propagava a ideologia “socialista e comunista” e a subversão da ordem, principalmente em no seio dos trabalhadores, tendo sua missão altamente facilitada pela corrupção administrativa vigente em todo o território nacional. O “comitê” reunia-se semanalmente e das reuniões eram emanadas ordens que deveriam ser executadas pelos membros participantes. **O partido comunista dispunha de um jornal, “A Folha Catarinense”, que era um dos maiores condutores da desordem, subversão e propagação da ideologia comunista.** Os elementos integrantes do “comitê” pagavam uma mensalidade para o partido, que variava com as possibilidades de cada um. O doutor Herbert Georg era o presidente do Partido Socialista Brasileiro, em Blumenau tendo cooperado sobremaneira com o Partido Comunista, principalmente como agente encarregada de remeter e receber informações e material de propaganda dos países socialistas. Em virtude do “comitê” possuir dois advogados, e ter a cooperação do agente encarregado do ministério do trabalho, que não por ter ideologia comunista, mas por ganância de projeção política, lhes enviava trabalhadores necessitados de justiça, teve certas facilidades em conseguir adesões, pois as causas trabalhistas eram apreciadas, estudadas e executadas com dedicação, grande parte das mesmas, sem qualquer remuneração, para que o trabalhador, normalmente pobre e sem cultura, fosse uma presa fácil a introdução da ideologia comunista. Ultimamente, observava-se que as atitudes dos comunistas estavam se expandido sobremaneira, tanto na parte interna, como no tocante às ligações com o exterior. A propaganda dos países socialistas, motivado pelo número crescente de pessoas que viajavam para a zona comunista, aumentava e melhorava sensivelmente. Foram ministradas aulas para todos os simpatizantes sobre o “curso básico do comunismo”. Como prova de valor inestimável e que não podem ser refutadas pelos indiciados, temos os relatórios e o depoimento do sr Horst Krischnegg, a gente R-11 da Dops de Porto Alegre, que conseguiu se introduzir no “comitê municipal de Blumenau” e, durante quase dois anos, testemunhou todas as atividades dos comunistas militantes.²²

Através das fontes judiciais podemos afirmar que o núcleo dos comunistas em Blumenau estava bem estruturado. Na época, Francisco José Pereira, principal líder do grupo, era também o secretário executivo

22 Tribunal Superior Militar. Auditoria da 5ª Região Militar (Paraná e Santa Catarina). Processo 251. Volume 1, p. 77-82.

do PCB em Santa Catarina. Os documentos probatórios juntados no IPM atestam a expansão dos contatos entre os comunistas de Blumenau e os países comunistas. As correspondências apreendidas nas residências e escritórios dos membros do partido revelam a comunicação entre eles e indivíduos de países como União Soviética, Cuba, Alemanha Oriental, China, etc.

Segundo o IPM, o núcleo central do grupo comunista de Blumenau era de origens sociais diversas. Havia dois advogados, Herbert Georg e Francisco José Pereira; Hilton Zimmermann era ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e mecânico, Erwin Loerschner era relojoeiro, Edeluí Farias, comerciante. Alfredo Gonçalves, cobrador da Companhia de Energia Elétrica Força e Luz, Manoel de Souza funcionário da Companhia de Energia Elétrica Força e Luz, e Afonso Schirmer, ex-empregado da empresa têxtil Artex.

Outra peça importante do Processo Judicial para história do PCB é o conjunto de relatórios das atividades do Comitê do PCB em Blumenau. Estes relatórios foram elaborados por Horst Krischnegg, químico e conhecido como agente R-11, da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) de Porto Alegre. Krischnegg se infiltrou na célula comunista de Blumenau para espionar as atividades do partido e enviar relatórios detalhados das atividades dos comunistas para a DOPS de Porto Alegre-RS. Francisco lembra vagamente do agente do DOPS:

Apesar de todos os cuidados, houve um caso de infiltração de um espião, esse era um cara que era da policia, lá em Blumenau ele era químico e trabalhava numa empresa de produção de tinta, se aproximou e também não havia muito exagero, o cuidado não era muito rigoroso nessa época, havia emitido a famosa carteirinha do Prestes, o partido estava na semilegalidade. [...] E aí, não lembro o nome desse rapaz, ele apareceu nos jornais, então ele se portava normalmente, a policia também era competente. [...] Então esse cara ficou lá, passando informação.²³

²³ PEREIRA, Francisco José. Depoimento concedido ao autor. Florianópolis, 08 de maio, 2005.

Dentre as ações do PCB relacionadas por Krischnegg destacamos a formação da Cooperativa Geral de Consumo. Esta entidade foi idealizada pelo engenheiro Nilton Borges dos Reis (presidente do PSP da cidade), e pretendia fornecer produtos aos trabalhadores cooperados a preços mais satisfatórios, posteriormente ambicionava também construir casas populares. A cooperativa foi lançada em 1º de maio de 1961, dia do trabalhador. Francisco Pereira ocupava o cargo de consultor jurídico da entidade.

Nilton Borges dos Reis, segundo Krischnegg, era também integrante do comitê municipal do PCB no período de formação da cooperativa. Numa das reuniões com os outros membros do partido teria dito: “Só nós os comunistas mesmos poderemos, com nosso espírito de cooperativismo e amor, levar à vitória a nossa causa – esta cooperativa que representa uma das pedras fundamentais do proletariado blumenauense”.²⁴

A inserção dos comunistas nos partidos políticos legais era comum neste período. Em Florianópolis, havia dois vereadores comunistas eleitos pelo PSP, Manoel Alves Ribeiro (Mimo) e Genésio Leocádio da Cunha. Em Blumenau, o comunista Alfredo Gonçalves também era membro do PTB. Nos anos de ilegalidade do PCB essa era uma prática comum, pois, como afirma Gonçalves: “o PTB era a atuação legal, politicamente legal”.²⁵

Com o passar do tempo, alguns membros da cooperativa foram se inteirando da filiação ideológica do consultor jurídico da entidade, o advogado Francisco Pereira. Isso causou muitos desentendimentos e abandonos da entidade por parte de alguns membros, uma vez que Francisco Pereira havia sido convidado para o cargo e não eleito, como os

24 Tribunal Superior Militar. Auditoria da 5ª Região Militar (Paraná e Santa Catarina). Processo 251. Volume 1, p. 103

25 GONÇALVES, Alfredo. Depoimento concedido ao autor. Blumenau, 13 de agosto de 2008.

outros membros foram. Um destes membros, presidente do conselho fiscal, era o jornalista Israel Costa, diretor do jornal “A Cidade de Blumenau” e candidato a vereador pela UDN. O argumento do jornalista era de que a cooperativa havia entrado numa “fase de colapso originado pelas controvérsias a respeito da ideologia que professa o seu consultor jurídico, inclusive por alguns outros elementos que já identificaram plenamente com a causa vermelha”. A renúncia ao cargo também havia sido ocasionada pelo fato de Israel Costa ser candidato para o próximo pleito e, segundo suas palavras, estar obedecendo aos ditames da sua consciência, tendo em vista seu espírito patriótico e, sobretudo por ser um democrata convicto.²⁶

Segundo Celso Martins, Francisco Pereira também esteve envolvido numa outra situação embaraçosa por causa da cooperativa. Havia um indivíduo chamado Apolônio Fernandes, que durante algum tempo pertenceu ao PCB e contribuiu para a criação da cooperativa, ficando como tesoureiro. Durante o período de crise, motivada pela campanha difamatória, “o indivíduo Apolônio Fernandes, sem maiores explicações, pede irrevogável demissão e, [...] foi à polícia caluniar o Dr. Francisco José Pereira e o Sr Erwin Loeschner, queixando-se de que os mesmos tentaram extorquir-lhe dinheiro, que eram fundos da cooperativa”.²⁷

O mesmo Apolônio, na noite de 6 de outubro de 1961, juntamente com outro indivíduo, chamado Rufino Gaertner, invadiram o escritório do advogado, levaram vários documentos e processos trabalhistas contra importantes empresas da cidade e cerca de 500 exemplares de uma edição do jornal “Novos Dias”. Segundo Francisco Pereira, depois da prisão, o rapaz acabou confessando que “estava lá em função do frei, da Igreja Católica. Ele era aliado, não sei o que era lá esse rapaz e ele disse isso no

²⁶ COSTA, Israel. Porque a minha renúncia da “Cooperativa Geral”. *A Cidade de Blumenau*, 25 de julho, 1961, p. 1

²⁷ MARTINS, Celso. *Os comunas*. Op. Cit. P. 201, 202.

depoimento, claro que eu não utilizei, mas o padre soube que eu sabia”.²⁸

O combate às ações comunistas na cidade de Blumenau encontrou no clero católico um dos principais expoentes, principalmente nas pessoas dos freis Efrem e Brás Reuter, ambos vigários da Paróquia São Paulo Apóstolo. Nos documentos do processo judicial há várias referências aos dois sacerdotes.

Uma das testemunhas de acusação no processo, Eustácio Sansão, conta que frequentava as reuniões realizadas no escritório do Dr. Francisco José Pereira, em ligações com o vigário da paróquia, frei Brás Reuter. Segundo o relatório, “o depoente atendeu a uma solicitação do vigário católico de Blumenau, o então frei Brás Reuter, a fim de se infiltrar nos meios comunistas desta cidade, colaborando assim na neutralização da atividade desses elementos”.²⁹

Segundo Horst Krischnegg, havia uma campanha por parte do clero contra a Cooperativa Geral de Consumo. Para fazer um “levantamento das acusações feitas pelo clero”, foi realizada uma reunião na sede da cooperativa, no dia 5 de julho de 1961, uma vez que “a cooperativa nos dias anteriores foi violentamente atacada pela Igreja de Blumenau”. Segundo Krischnegg, na reunião, Francisco Pereira tomou a palavra e disse que

as acusações feitas são agressões sem fundamento e usam a palavra (comunistas) para incitar o povo a retirar-se da mesma e assim distraí-la, ainda disse que a cooperativa no futuro não venderá comunistas em quilos, nem propaganda ou literatura marxista, mas sim venderá feijão, arroz e outros alimentos básicos ao favor do povo blumenauense”.³⁰

Horst Krischnegg ainda informa em seus relatórios o

28 PEREIRA, Francisco José. Depoimento. Op. Cit.

29 Superior Tribunal Militar. Auditoria da 5ª Região Militar. Curitiba. Processo 251. Volume 8.

30 Superior Tribunal Militar. Auditoria da 5ª Região Militar. Curitiba. Processo 251. Volume 1. Relatório a DOPS - Porto Alegre. Atividades do PCB em Blumenau - SC. p. 112)

envolvimento de Frei Efrem em disputas sindicais. Segundo Krischnegg, no mês de agosto de 1961 o comunista “Manoel de Souza iniciou seus trabalhos por ordem do Partido Comunista de Blumenau, para sua candidatura como presidente do Sindicato Hidro-elétrico”. Mas graças ao esforço de Frei Efrem e de outras autoridades, Manoel de Souza não conseguiu eleger-se presidente sindical. Sigamos a descrição de Krischnegg: “após um serviço de máximo esforço feito por autoridades da segurança pública do estado, como também pelo frei Efrem, Dr. Roberto Mattar etc, conseguiu-se a derrota da chapa a presidência do Sindicato dos Hidro-elétricos – Manoel de Souza. Os eleitores foram 260, o Sr. Erwim Muller foi reeleito com a diferença de 11 votos”.³¹

Outra fonte importante para a história do PCB é o próprio jornal editado pelo partido. O jornal “Folha Catarinense” tinha como principais objetivos, atingir o público operário e denunciar os abusos cometidos pelos empresários. Segundo Francisco Pereira, “o jornal não tinha uma circulação assim expressiva, era vendido na banca e tudo mais, mas a distribuição era feita nos bairros pelo partido”.³² No primeiro número do jornal, no mês de novembro de 1963, o editorial anuncia o nascimento de um modesto jornal, com limitações financeiras, mas “dentro do máximo do nosso esforço, um bom jornal”. E prossegue:

Nossas páginas espelharam a luta do povo brasileiro pela emancipação econômica da Pátria e o anseio do catarinense por um efetivo desenvolvimento econômico, que tire Santa Catarina da estagnação, sem energia elétrica, sem estradas e sem novas indústrias.

É teu jornal, trabalhador, lavrador, possessor, estudante, homem do povo. As páginas são tuas para a reivindicação, o protesto, a denúncia, e a mobilização.

Seremos uma trincheira no combate aos espoliadores de nossa Pátria, e na luta contra a atual estrutura de nossa sociedade,

³¹ Idem, p. 120, 117
³² PEREIRA, Op. Cit.

arcaica e desumana, pugnada pelas Reformas de Base; Reforma Agrária (com alteração da Constituição), Reforma Bancária, Reforma Tributária, Reforma Universitária e Reforma Urbana. Defenderemos as Liberdades Democráticas contra quaisquer tentativas de implantação de Estados de Exceção, golpes e manobras escusas, úteis somente às forças anti-povo e anti-nação, bem caracterizados hoje num Lacerda e num Ademar.
[...]

Aqui estamos leitor, sabes de nossa posição, conheces a nossa definição política. Se concordas conosco dá-nos teu apoio indispensável.³³

O editorial comunista reflete bem o instável contexto político brasileiro da época, marcado pela radicalização das esquerdas e pelo recrudescimento das forças conservadoras. A partir de 1958, com a Declaração de Março, o PCB mudou sua atuação política e tornou-se uma força decisiva na política nacional. O partido “passou a reconhecer a questão democrática e a possibilidade da passagem pacífica ao socialismo”,³⁴ ao mesmo tempo em que buscou criar uma ampla frente nacionalista e democrática que deveria lutar contra o imperialismo norte-americano e contra o latifúndio. Esta frente deveria ser composta por diversos setores sociais, desde estudantes, passando pelos militares e incluindo até a burguesia nacional.³⁵ O PCB na conjuntura do golpe de 1964 se tornou um partido político decisivo – embora na ilegalidade. Naqueles anos teve importante atuação ao lado do PTB nos sindicatos de trabalhadores rurais e urbanos, no movimento estudantil, no movimento dos subalternos das Forças Armadas.

Neste contexto o editorial da Folha Catarinense faz coro às reivindicações nacionais pela emancipação política e econômica, pelas

33 Nossa apresentação. **Folha Catarinense**. Florianópolis, semana de 21 a 27 de nov. 1963, p. 1.

34 FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. in: _____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 352.

35 SEGATTO, José Antonio. **Reforma e Revolução**. Op. Cit. p. 123, 124.

Reformas de Base, pela união dos diversos agentes sociais na luta contra a “espoliação da pátria” e contra os conspiradores “entreguistas”. Todavia, os comunistas catarinenses procuravam estar atentos também à realidade social e política do Estado. Num dos editoriais do mês de dezembro do mesmo ano de 1963 temos o seguinte título: “É chegada a hora de mudar”. Este texto é direcionado aos problemas enfrentados pelos trabalhadores do Estado, agravados pela política do governo de Celso Ramos. Segundo o editorial, o governo de Celso Ramos (PSD) “além de manter Santa Catarina estagnada, sem novas indústrias, sem energia elétrica e sem estradas, mostra a sua face de inimigo dos trabalhadores, muitos dos quais, enganados, o elegeram”. O texto alerta os trabalhadores para que nas próximas eleições não votem em seus inimigos de classe, uma vez que o atual governo representava o interesse das classes economicamente dominantes. Tais grupos econômicos “no legislativo e executivo, elaboram e executam as leis contra o povo” e tornam-se “algoz de seus trabalhadores diretos”.³⁶

A maioria das matérias do jornal “Folha Catarinense” se concentrava na descrição da situação dos trabalhadores no Estado de Santa Catarina. Todavia, havia colunas sobre a política estadual, “Galeria do Legislativo Catarinense”, sobre direito trabalhista, “Orientação Trabalhista”, e mesmo cartas dos leitores, poemas e poesias, “Canto Literário”. O advogado Herbert Georg, também publicou uma série de dez artigos sob o título “Eu vi Berlim”, tratava-se de um relato de viagem à Checoslováquia e República Democrática Alemã (Alemanha Oriental), feita pelos comunistas Herbert Georg e Erwin Loeschner.

Mas como o jornal “Folha Catarinense” destinava-se prioritariamente aos operários, não poderia deixar de estar sintonizado com suas demandas e com os abusos praticados pelos patrões da região

³⁶ Editorial. **Folha Catarinense**. Ano I, nº 3, semana de 05 a 11 de dezembro de 1963, p. 3

de Blumenau, ou mesmo do Estado, uma vez que o jornal pretendia ter abrangência estadual. No âmbito das indústrias, o jornal publicou matérias bastante ácidas, criticando a prática das empresas que, por exemplo, pagavam os vencimentos referentes às férias somente quando os trabalhadores retornavam ao trabalho. O jornal também tecia severas críticas a empresas que realizavam contratos questionáveis com os trabalhadores, sendo que em alguns casos, o trabalhador que decidisse rescindi-los deveria pagar multas exorbitantes.

Logo que foi editado, o jornal comunista “Folha Catarinense” encontrou a resistência da imprensa católica, indisposta compartilhar o espaço com um jornal que concorria com sua ideologia. No jornal “Luzeiro Mariano” havia um espaço chamado “Carta à Redação”, onde os “leitores” escreviam cartas questionando a redação sobre os mais diversos assuntos. Sempre na mesma edição do jornal as questões eram respondidas num outro espaço chamado “A Redação Responde”, geralmente as respostas eram assinadas por Frei Êfrem, um dos responsáveis pelo jornal.

Acompanhemos a edição da primeira quinzena de fevereiro do ano de 1964.

Prezados redatores, há mais ou menos dois meses certos indivíduos começaram a distribuir nas nossas fábricas um jornal, intitulado “Folha Catarinense”. Eu, lendo diversos números do jornal, fiquei em dúvida, se o jornal era comunista ou não. Conversando com alguns companheiros sobre o jornal, uns me disseram que é um jornal democrático, outros declaram abertamente o jornal comunista e que somente quer agitar a classe operária. Se o jornal é realmente comunista, as autoridades deveriam proibir a circulação e principalmente a distribuição entre os operários. Mas gostaria de ouvir a opinião dos senhores sobre o jornal. ³⁷

Tal carta, conforme o jornal, fora escrito por “Um Operário”,

37 Carta à Redação. **Luzeiro Mariano**. Blumenau, 1ª quinzena de Fevereiro de 1964, p. 1.

jamais saberemos se realmente o foi. O que importa para nossa análise é que para o “suposto leitor” havia uma oposição clara e evidente entre a democracia e o comunismo, e tal jornal deveria ser proibido pelas autoridades, principalmente entre os operários. Afinal, o que poderia ocorrer se os operários fossem contaminados com as ideias subversivas dos comunistas?

A resposta da redação, na mesma edição, é bastante significativa.

Prezado Operário, antes de o senhor nos ter mandado a sua carta consulta, já tínhamos conhecimento da circulação do jornal “Folha Catarinense”. Quando o primeiro número veio à luz, sabíamos que tinha nascido mais um jornalesco agitador que tem por única finalidade a sublevação da classe operária e a subversão da ordem. O jornal não esconde a sua cor. As manchetes, os títulos de seus artigos, o conteúdo, a sua demagogia, tudo corresponde à cor vermelha do cabeçalho do jornal. Se não conhecêssemos o seu diretor, redator e colaboradores do “Folha Catarinense”, só pela análise do jornal, poderíamos dizer, sem medo de errar que o jornal é comunista e se quiserem também socialista que, no fundo, é a mesma coisa. Sugere o senhor que as autoridades deveriam proibir a circulação e distribuição do jornal entre os operários. A sua sugestão é muito boa, porém, impossível de ser executada. As autoridades já não têm autoridade no nosso país. [...] **Prezado Operário, o Brasil está no fim. A única esperança que nos resta ainda são as Forças Armadas e é com elas que o povo conta nesta hora aflitiva pela qual passa o Brasil.**³⁸

E as Forças Armadas não frustrariam as expectativas e esperanças da Igreja e dos setores sociais conservadores durante esse período de aflição. Em Blumenau, logo no dia seguinte ao golpe, foram presos os comunistas e todos os indivíduos que lutavam por mudanças profundas na estrutura social. Vejamos como estas prisões políticas repercutiram nas páginas do jornal “Ronda”. O periódico anunciou as prisões como uma “Vigorosa Operação Limpeza” empreendida pelas autoridades de Blumenau.³⁹

³⁸ Carta à Redação. **Luzeiro Mariano**. Blumenau, 1ª quinzena de Fevereiro de 1964, p. 6. (grifo meu).

³⁹ Vigorosa Operação Limpeza empreendem as autoridades de Blumenau. **Ronda Barri-ga-Verde**. Blumenau 09 abr. 1964, pp. 3, 4.

Foi inequívoca a participação das forças vivas da democracia nos acontecimentos desenrolados no país, e cujos reflexos se fizeram sentir, de modo expressivo, nesta cidade. Blumenau, pela sua população, em esmagadora maioria, apoiou a Liberdade e a Ordem. Líderes expressivos das classes democráticas já haviam tomado, de há muito, posição de expectativa e de ação, no caso de um choque que se presumia, e acertadamente, viesse a suceder. Somos agradecidos ao sr. Érico Müller, a quem criticamos como homem público, mas que é inegavelmente um idealista de altos predicados de honradez, e que tem excelentes serviços prestados ao povo. Ao Revmo. Frei Efrem, um sacerdote de combate e ação, que teve papel destacado na organização de grupos de choque, prontos a intervir no primeiro instante em que a luta descesse as ruas. O Dr. Werner é outra figura de proa, também líder de considerável facção democrática, e que pessoalmente tomou parte na captura de comunistas. O Dr. Hécio Reis Fausto, que formou a Liga de Defesa Democrática e que vinha orientando a população, adotando atitude de ação frente ao avanço vermelho. Muitos e muitos outros, também, mereceriam, citação, não fosse a grande lista e nosso espaço pequeno.⁴⁰

É importante notar o lugar social destes sujeitos envolvidos neste fato histórico. Érico Muller era o presidente do diretório regional (ou estadual) do Partido de Representação Popular (PRP) e havia sido candidato pelo mesmo partido ao governo municipal. O PRP era um partido criado por Plínio Salgado para reagrupar antigos militantes integralistas. Frei Efrem era o diretor do periódico católico “Luzeiro Mariano” e diretor da Congregação Mariana; Bernardo Wolfgang Werner era industrial e vereador pela UDN; e Hécio Reis Fausto foi um dos oradores na Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

A formação desta força civil se fez necessário, pois grande parte do contingente militar do 23º RI (Regimento de Infantaria) havia se deslocado para outras regiões “subversivas” do Estado. Um dos contingentes militares foi deslocado até Itajaí, pois, segundo informações,

40 Vigorosa Operação Limpeza empreendem as autoridades de Blumenau. **Ronda Barri-ga-Verde.** Blumenau 09 abr. 1964, pp. 3, 4.

na cidade havia um forte movimento sindical dos operários estivadores. Já em Criciúma o movimento era expressivo, a ponto de oferecer resistência e ter inclusive ocupado uma rádio na cidade. Há que se ressaltar aqui o papel destacado que o 23º RI teve na consolidação do golpe no Estado de Santa Catarina. Por esses motivos os soldados foram recebidos como heróis quando retornaram a cidade.

Passados os momentos de crise, era a hora de comemorar ou empreender ações no sentido de legitimar a ação militar. Uma dessas ações foi a chamada “churrascada da vitória da democracia”, que se realizou nas dependências do tradicional Grêmio Esportivo Olímpico. O jornal “A Tribuna” anunciou que a homenagem aos militares encontrou a receptividade de aproximadamente 1.300 pessoas. Dentre os ilustres convidados estavam o General Dario Coelho, comandante da 5ª Região Militar, e o governador do Estado, Celso Ramos.⁴¹

Outra iniciativa que mobilizou a população blumenauense, logo nos dias posteriores ao golpe, foi a “Campanha Ouro de Blumenau para o Brasil”. A campanha do “Ouro para o bem do Brasil” havia sido lançada em São Paulo pelos “Diários Associados”, naquele Estado, só nas primeiras duas semanas conseguiu arrecadar 400 quilos de ouro e meio bilhão de cruzeiros. Em Blumenau, o jornal “A Tribuna” assim convocou a população:

Consumado o golpe certo contra os inimigos da Pátria, contra aqueles que tudo fizeram para nos encaminhar ao nefasto regime comunista, surge agora a grande cruzada que redenção da nação brasileira. Nessa grande cruzada que empolga todos os brasileiros, a preocupação tem sido a recuperação financeira do País. São Paulo deu o grito de alerta, conclamando a ação de todos os patriotas. E Santa Catarina, através de Blumenau, deu de imediato à sua adesão a iniciativa dos paulistas. De imediato também

⁴¹ Êxito absoluto alcançou a churrascada da vitória. **A Tribuna**. Ano VI, Nº 286. Blumenau, 18 de maio de 1964, p. 1

as diversas classes da nossa comunidade, uniram-se e foi lançada a campanha “OURO DE BLUMENAU PARA O BEM DO BRASIL”. [...] Quando redigíamos essa nota mais que 18 milhões de cruzeiros já haviam sido arrecadados e aproximadamente 3 quilos de ouro. Não há dúvida de que a campanha obterá inteiro êxito, demonstrando de que Blumenau mais uma vez está de pé pelo Brasil.⁴²

Se a imprensa, os setores conservadores da igreja, os militares e as elites comemoraram o êxito da vitória sobre o comunismo, por outro lado, as prisões dos comunistas alteraram profundamente as trajetórias de suas vidas. Francisco Pereira foi conduzido alguns dias depois do golpe a Florianópolis, onde permaneceu até setembro daquele ano, quando foi conduzido, juntamente com os outros presos, para Curitiba. Em Curitiba, com ajuda do partido, fugiu juntamente com Herbert Georg, e logo se dirigiram ao Rio de Janeiro. Posteriormente, Francisco exilou-se na Embaixada da Bolívia, depois seguiu para o Chile onde viveu por cerca de quatro anos, tendo representado o PCB junto ao Partido Comunista Chileno. Fez pós-graduação em Ciência Política, na Bélgica, e logo após foi convidado para trabalhar em projeto da FAO/ONU (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), primeiro na República Dominicana, depois em Honduras, Equador, México e depois na África, como diretor do Programa Mundial de Alimentos (PMA). Com a Anistia de 1979, voltou ao Brasil, em 1980, totalizando quinze anos de exílio.

Herbert Georg depois de haver pedido asilo na Embaixada da Bolívia, juntamente com Francisco Pereira, seguiu para Montevidéu no Uruguai, onde se encontrou com a esposa Gertrudes Georg. Do Uruguai o casal rumou para a Alemanha. No ano de 1969, Georg faleceu acometido de doença cardíaca.

Os outros comunistas permaneceram presos na Prisão

42 Ouro de Blumenau para o Brasil. Sucesso absoluto da campanha. **A Tribuna**. Ano VI, Nº 287. Blumenau, 25 de maio de 1964.

Provisória do AHU em Curitiba até abril de 1965, quando conseguiram um habeas-corpus junto ao Superior Tribunal Militar. Segundo Alfredo Gonçalves, a partir da libertação o grupo se dispersou e ele, juntamente com Manuel de Souza e Edelui Farias, retornou a Blumenau. Dos outros integrantes, Erwin Loeschner foi para a Alemanha, Afonso Schirmer foi para São Paulo. Manoel de Souza, que trabalhava na Empresa Força e Luz voltou a Blumenau e foi reintegrado, pois possuía estabilidade. Alfredo Gonçalves foi demitido por justa causa, no dia 8 de abril de 1964.

Gonçalves assinala que foi enorme a dificuldade para conseguir trabalho, pois sabedores de sua história de militância, os empresários não estavam dispostos a empregá-lo. Com esposa e três filhos, a solução foi tentar a vida em Curitiba, “porque aqui a perseguição era muito grande”. Em Curitiba, Gonçalves conseguiu emprego e esqueceu que o processo ainda estava tramitando na justiça militar, e numa manhã, ao pegar o Diário do Paraná, teve uma surpresa nada agradável: “o meu nome e os dos outros todos na primeira página, tinham sido julgados no quartel-general, do lado onde eu trabalhava, só que eu não sabia”. Gonçalves foi condenado a oito anos de reclusão, Pereira e Georg a dez, mas estavam asilados, Manuel de Souza já havia morrido, Edelui Farias também, Afonso Schirmer não foi localizado, o mesmo ocorreu com Hilton Zimmermann, e Erwin Loeschinger havia ido embora para a Alemanha.

Em Curitiba, Alfredo Gonçalves procurou seu patrão e expôs a situação, afirmando que era o seu nome que estava no jornal. Gonçalves assinala que seu patrão lhe perguntou o que iria fazer e Gonçalves respondeu: “Agora, o que eu vou fazer não sei, eu sei o que eu não vou fazer. [...] Eu não vou fugir, eu não sou de fugir e não vou fugir. [...] Vou fazer o quê? Esculhambar tudo de novo, tudo, a vida?”.

Os tempos eram difíceis, o partido havia se desestruturado, a repressão do governo Médici prendia, torturava, assassinava e desaparecia

com os presos políticos. Gonçalves viu-se diante de um dilema, fugir ou não? A família, os filhos falaram mais alto: “refleti que eu não tinha esse tem direito, tirar eles da escola, [...] eles deviam sofrer muito, eu sempre tive muito amor aos meus filhos e pensei sempre neles e depois em mim”. Então Gonçalves decidiu se entregar, mesmo sabendo dos riscos que corria. Pegou suas roupas e ao se apresentar disse: “pesa contra minha pessoa uma sentença de oito anos de reclusão, sentença que eu considero injusta, porque eu não devo isso aí, mas como acredito que ainda resta um resquício de justiça nas pessoas que tomaram conta deste país, estou me apresentando para rever, se eu dever me prove que eu devo, eu quero pagar. Fiquei oito meses, ganhei de 8 a 0 no Superior Tribunal Militar e aí pronto, fui trabalhar”.⁴³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procuramos mostrar que Blumenau, durante os anos iniciais da década de 1960, não estava isolada da efervescência política e social que tomava conta do Brasil. A modernização, o crescimento e a prosperidade material alçaram Blumenau às mais altas posições do progresso econômico. Por outro lado, a presença dos comunistas nas disputas políticas tornaram latentes e fizeram aflorar as contradições sociais presentes na sociedade blumenauense, principalmente nas relações entre trabalhadores e empregadores.

A penetração do PCB no Vale do Itajaí ocorreu no período em que havia uma abertura política para a democracia e para novas ideias de mudança social. Todavia, durante a década de 1960, em matéria política, Blumenau ainda carregava nítidos traços conservadores. A presença da

43 GONÇALVES, Alfredo. Depoimento concedido ao autor. Blumenau, 13 de agosto de 2008.

UDN no executivo municipal por quase vinte anos atesta a força política de uma agremiação de tradição e vocação reconhecidamente golpista. A política do PRP na cidade também assinala que os ideais integralistas ainda sobreviviam na cidade.

O sentimento de comunidade que prevalecia na cidade, e que se materializava nos discursos da imprensa, acentuava e alimentava a repulsa por sujeitos, projetos e agremiações que representassem a alteridade política. Neste contexto, emerge um discurso que destoava daqueles considerados aceitáveis, o discurso comunista.

A atuação dos membros do PCB na imprensa, nas lutas sindicais, na defesa dos direitos trabalhistas e na criação de entidades beneficentes e mutualistas de trabalhadores, alimentavam o imaginário político e arrefeceram as ações anticomunistas numa tentativa de minimizar as influências comunistas sobre a “comunidade”.

Pode-se afirmar que em Blumenau havia, ao mesmo tempo, o desejo pelas mudanças estruturais que trariam a equidade social e uma apreensão diante do crescimento e da radicalização das esquerdas, que alimentavam o imaginário anticomunista. Neste sentido, a cidade de Blumenau participava dos anseios e temores que eram vivenciados pelo restante do país, não estava isolada e imune à efervescência e ao processo político pelo qual passava a nação.

No desfecho da radicalização das esquerdas e do recrudescimento das forças conservadoras ocorreu o golpe civil-militar de 1964. O golpe de Estado foi desferido em nome de uma suposta ameaça à democracia, alimentada por uma paranoica campanha anticomunista. Para os diversos sujeitos envolvidos nas lutas sociais daquele contexto, o golpe civil-militar significou uma ruptura e uma dura derrota naquele momento. De maneira autoritária, sindicalistas, estudantes, professores e políticos foram mandados para o exílio, aqueles que tentaram resistir ainda carregam

no próprio corpo as marcas da repressão. Sonhos, ideias e utopias foram detidos nos porões da ditadura. Em Blumenau os comunistas foram presos, suas trajetórias pessoais foram alteradas pela repressão que se abateu não apenas sobre eles, mas sobre todos os que tinham qualquer relação com movimentos de transformações sociais mais profundas.

Que os fragmentos, pistas e indícios apresentados neste enredo narrativo possam contribuir para a construção da história do PCB em Blumenau, sempre aberta a novas descobertas e na certeza de que a narrativa exaustiva já não é mais uma perseguição do historiador de nossos tempos. Pois, como ensina Paul Veyne, é preciso assumir a nossa parcialidade e esquecer a quimera da totalidade. Uma vez que, “[...] a História é senão respostas a nossas indagações, porque não se pode materialmente fazer todas as perguntas, descrever todo o porvir e, porque o progresso do questionário histórico se coloca no tempo e é tão lento quanto o progresso de qualquer ciência, sim, a história é subjetiva, pois não se pode negar que a escolha de um assunto para um livro de história seja livre”.⁴⁴ Daí, Veyne comparar a história a um caleidoscópio, pois nunca poderemos ver todas as faces de um objeto ao mesmo tempo. A observação do objeto está condicionada à subjetividade do observador, ainda que façamos conexões entre documentos, vestígios, indícios, a história sempre poderia ser escrita de outra forma.⁴⁵

REFERÊNCIAS

1. Documentos.

Tribunal Superior Militar. Auditoria da 5ª Região Militar (Paraná e Santa Catarina). Processo 251.

44 VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da UnB, 1982, p. 37

45 Idem, p.30.

GONÇALVES, Alfredo. Depoimento concedido ao autor. Blumenau, 13 de agosto de 2008.

PEREIRA, Francisco José. Depoimento concedido ao autor. Florianópolis, 08 de maio, 2005.

A Nação. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

A Tribuna. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Cidade de Blumenau. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Folha Catarinense. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Luzeiro Mariano. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Ronda Barriga-Verde. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

2. Bibliografia

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) **Memória e (re)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino: Imprensa e Ideologia no Jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: AlfaOmega, 1980.

CAREZIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960). In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. **Visões do Vale: Perspectivas Historiográficas recentes**. Blumenau: Nova Letra, 2000.

FABRICIO, Edison Lucas. **A produção do espectro comunista: imprensa, política e catolicismo (Blumenau 1960-1964)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2011.

FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. in: ____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

GRINBERG, Keila. Processos Criminais. A história nos porões dos arquivos judiciários. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Celso. **Os comunas**: Álvaro Ventura e o PCB catarinense. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. V. 2, n. 3, 1989.

RIBEIRO, Manoel Alves. **Caminho**. Edição do autor, Florianópolis 1990.

SEGATTO, José Antônio. **Reforma e Revolução**. As vicissitudes políticas do PCB (1954-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

SIMÃO, Vilma Margarete. “Da hegemonia passiva à hegemonia ativa”. In: THEIS, Ivo M.; MATTEDI, Marcos Antonio; TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas.(Orgs). **Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a historia e a historiografia em Blumenau**. Blumenau: Ed. da FURB, 2000.

SPENGLER, Willian. O santo guerreiro versus o grande dragão da maldade – A “cruzada” anticomunista desenvolvida pela imprensa jornalística na região de Blumenau – 1960-1965. **Blumenau em Cadernos**. Tomo XLVIII – Nº 09/10, 2007.

TORRES, Mateus Gamba. “**A justiça nem ao diabo se há de negar**”: a repressão aos membros do partido comunista brasileiro na Operação Barriga Verde (1975-1978). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em história. Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da UnB, 1982.

VIEIRA, Jaci Guilherme. **História do PCB em Santa Catarina**: Da sua gênese à Operação Barriga Verde – 1922 a 1975. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994.



AULAS DE DATILOGRAFIA

AULAS DE DATILOGRAFIA

Ellen Crista da Silva*

“Técnicas de Secretariado”... este era nosso curso: sairíamos do Segundo Grau aptas a exercer a profissão de Secretária Executiva. Até aí a profissão de secretária não era vista com muitos bons olhos e por vezes era tratada como sendo uma atividade de menos consideração, por vezes até descriminando a mulher. Mas ser chamada de “secretária executiva” era diferente... tinha seu valor! Ser Secretária Executiva era mais, muito mais que ser simplesmente ‘secretária’. Aprendemos taquigrafia; arquivamento; noções de contabilidade, com o Prof. Boing, e noções de direito, com o Prof. Anselmo, carinhosamente chamado de ‘teacher’. Tivemos também aulas de Andamento e Postura, além de Etiqueta e Maquiagem, aulas estas ministradas pelas mulheres da Socilca, especialmente contratadas.

E havia urgência em aprender Datilografia. O jovem que não tivesse feito um curso de Datilografia podia contar que não conseguiria um bom emprego. Não havia como escapar de um curso. Aliás, cursinhos especializados pipocavam em todos os cantos da cidade. Mary e eu frequentamos o curso de Datilografia do Senac por um ano! Isso mesmo: um ano inteirinho todos os dias, por uma ou duas horas tínhamos curso de Datilografia no Senac. Mas o Colégio também entrou na ciranda e oferecia o curso. Só que era mais dispendioso que no Senac, por exemplo. Este era um detalhe que me tinha fugido da memória, e que Sueli recordou: “*Tu*

¹ Esta é a última parte das memórias escrita por Ellen Crista da Silva referente o Colégio Sagrada Família, a qual contou com a colaboração da amiga Sueli Scharf da Costa.

fizeste aulas de datilografia com a Irmã Dalila? Lembro que ela ficava de costas pra gente, bordando. Mas tinha um ouvido...ela sabia direitinho quando a gente errava a tecla ou fazia alguma “escorregada”. Era bronca na certa...”

Estes cursos, via de regra, eram torturantes, pois o aprendiz deveria dar ‘tantos toques’ num determinado tanto de tempo, num determinado tanto de minutos. Quem não alcançasse o número de toques exigidos, tinha de repetir o curso. Fazer tudo de novo!

O bom era que entre uma aula e outra, um professor e outro, havia a “santa pausa”! Era quando se podia descer as escadarias e sentar nos compridos bancos do terraço ou mesmo ficar pelos corredores e se recostar no balcão da enorme sacada e ficar papeando. Ou paquerando o professor que acabava de sair da sala! Havia uma Cantina. E chique era comprar uma Laranjinha e bananinha ou pastel! Mas não era nem um pouco chique continuar trazendo lanche de casa. Só que, como era inviável comprar lanche todos os dias, a gente tinha que trazer de casa, sim. Uma opção mais barata eram umas balinhas, como lembra Sueli: *“Outra lembrança boa eram as balinhas vermelhas e azedinhas que a gente comprava lá na cantina e comia escondido durante as aulas”*.

Por vezes havia um cheiro de café no ar, mas não era do Refeitório das Freiras: *“Também me lembro dos grãos de café que as freiras colocavam no sol pra torrar. (cheirinho bom...)”*

Os grãos eram dispostos em enormes bandejas, ao sol, no pátio dos prédios de moradia das Freiras. Aliás, elas tinham uma enorme horta com todos os tipos de verduras e hortaliças. E cultivavam também algodão. Não sei dizer ao certo o porque do cultivo de algodão, sei apenas que o cheiro, após a florada, quando virava fruto e se rompia em algodão, é bem característico. O cheiro ficava degradável quando o tempo enveredava a chover e o algodão se encharcava. Surpreendia-me por apresentar-se,

ao se abrir, com uma aparência “suja”, muito diferente daquele algodão branquinho, embalado.

E falando em cheiro, Sueli lembrou de algo que estava me passando despercebido, mas que fazia parte de nossa vida escolar desde o Ginásio: *“Me lembro de outro detalhe; as meninas que iam fumar no banheiro. Lembro que quando a gente entrava lá, saía fumaça por baixo de todas as portas. Fumavam escondidas das freiras, mas não sei se conseguiam disfarçar o cheiro...hehehe.”*

Muitas meninas levaram anotação na caderneta e foram advertidas por causa destes lances. Elas ficavam muito, muito indignadas, pois já se consideravam ‘adultas’ o suficiente para curtirem um cigarrinho.

GINCANAS E FESTAS

1975 estava avançando... o Colégio fazia aniversário! Estava completando seus 80 anos! E a grande novidade do ano foi a Gincana “OITENTA” organizada pelo Colégio e da qual participariam as várias equipes de cada sala. Sueli ainda lembra de alguns detalhes: *“Tenho uma vaga lembrança do cartaz.....era um OI bem grande, e um TENTA meio encaixado. Mais ou menos isso...”* Começou uma corrida frenética atrás de nomes e confecção de camisetas! Equipe-nico, equi-pada... e por aí vai. Lembro que participei da ‘equi-pada’ e foi meu irmão Harry quem confeccionou o desenho e as camisetas. O desenho era em contornos pretos e a camiseta era azul clara, comprada nas Lojas Hering, loja famosa por seus artigos em malha de algodão. Só não lembro mais qual foi a equipe vencedora da Gincana.

Outro evento marcante deste ano foi a festa junina organizada lá em casa, na Rua Araranguá e que contou com a presença dos Prof. Nicanor

e sua noiva Crista. Meu pai ajudou a montar uma enorme fogueira com muitos pneus de carro e madeira que tinha recolhido do mato, nos fundos de nossa casa. Também cozinhamos pinhão, fizemos quentão, pipoca, batata-doce e tudo o mais. Não tinha música, mas contamos tantos causos e piadas que não nos fez falta a música. E a fogueira crepitava e estourava os pneus e bambus – sim, havia ramos de bambu também, pois eles estouraram com o calor, fazendo barulho... e às fagulhas subiam aos céus em brasa e desciam apagadas... cobrindo o chão de um preto invisível no negrume da noite. Mas completamente visível no piso branco, branquinho da cozinha: as pegadas pretas dos tênis e calçados ficaram marcando carreirinho no piso da cozinha em direção ao banheiro! Mas foi divertido! O que vale é que a festa foi divertida! Sueli também lembrou. Aliás, foi Sueli quem lembrou desta festa: *“Quando vi a foto que me mandaste lembrei dos tempos em que a gente ia na tua casa lá na Rua Araranguá. Me lembro de uma festa junina. Com fogueira e tudo. Foi na tua casa, não foi?”*

Foi sim!

O CADERNO DE POESIAS

Era de praxe, desde o Ginásio, as meninas terem o seu caderno de “poesias”. Este funcionava assim: parecido com um diário, do tamanho dos cadernos de aula, tinha uma capa em geral revestida com plástico, couro ou napa e as folhas pautadas e decoradas com algum detalhe nas margens. O caderno era então oferecido às amigas do peito, às preferidas e estas, por sua vez, escolhiam uma das páginas e introduziam um poema ou uma frase de efeito que marcasse, que selasse a amizade. Se fosse do agrado, poderia ser colada uma foto ou uma gravura. Lembro que escrevi nos cadernos de muitas das colegas. Sueli também tinha um desses cadernos: *“Eu tenho um*

livro (caderno) de poesias que fazíamos naquela época. Não sei se lembras, e se também tinhas. A gente copiava poesias uma da outra, e colava figuras que representavam a poesia. Guardo até hoje. Eu também fiz algumas. Acho que na adolescência, todas escrevem poesias. Pelo menos as meninas...lembro de uma que fiz pra aula de inglês, que a Dna Lillo mandou fazer. Ela gostou da minha, ganhei nota 10. Tenho guardado também”.

Eu tinha uma amiga no Colégio, a Mary, com a qual compartilhava um caderno de poesias que nós mesmas bolamos e montamos: compramos um daqueles cadernos grandes, de atas, e copiávamos em cada folha uma poesia, uma letra de música ou algum pensamento que fosse de nosso agrado. Em geral fazíamos assim: na folha do lado direito escrevíamos e na folha do lado esquerdo colávamos uma figura criteriosamente escolhida e recortada de revistas. Ou colávamos um desenho que tínhamos feito. Muitas vezes nós mesmas escrevíamos as poesias. Continuei com esta prática pelos anos vindouros.

A FORMATURA

Não, não foi nada fácil decidir a Formatura de 1975! As divergências de opinião, próprias da idade, da adolescência, da juventude, preponderaram em muitos momentos. Rolou muita discussão, muita briga e choro. Enquanto algumas queriam oferecer coquetel aos familiares, outras declinavam de sua necessidade. Algumas questionavam os custos: convites, coquetel, roupa nova, etc.etc.etc. Foi assim que na Formatura nem todas compareceram. Nem todas participaram do coquetel e da entrega dos certificados. Quem foi, conferiu! Salvou-se uma foto do evento!

Eu nem me lembrava mais de como era nosso convite, mas qual não foi minha surpresa quando Sueli disse que ainda guardava um

exemplar! E emocionada senti-me ao recebê-lo em anexo, escaneado, via e-mail! Lembra Sueli: *“Aí vão as fotos do convite.... Lindo não? e tudo sem recursos de computador....A gente na época era muito criativa...!!!”*



Alunas do Colégio Sagrada Família com seus trajes de gala.

O modelo escolhido fazia jus ao que tínhamos vivido nestes três anos de Segundo Grau, pois era todo datilografado e mimeografado. Havia dois tipos de mimeógrafos: à álcool e à tinta. Nosso convite foi reproduzido no mimeógrafo à tinta. De cor preta. E o desenho que foi o motivo escolhido para a parte frontal, a capa, foi um trabalho de xilogravura realizado por uma das colegas, nas aulas de arte. A arte da xilogravura estava em voga na época e, para sua realização, para podermos cavar na madeira, tivemos de comprar várias goivas. Depois pintava-se a parte entalhada com tinta preta, com o cuidado da tinta não penetrar nas canaletinhas entalhadas e assim aplicava-se o desenho como um carimbo, um grande carimbo.

Terminadas as cópias no mimeógrafo, recebemo-las para

entregar aos convidados da nossa Formatura! Prof. Nicanor foi escolhido como paraninfo e participou da entrega de certificados juntamente com sua esposa Crista. Ainda no último dia de aula, juntamo-nos Mary, Cida, Karin, Marise e eu e tiramos algumas fotos no Colégio. Sabíamos que seria muito difícil retornarmos algum dia. À saída do Prof. Anselmo do Colégio, naquele dia, fomos-lhe ao encontro e tiramos algumas fotos junto ao seu carro, um Passat branco. Estávamos felizes! E estávamos ansiosas: o que nos reservaria o futuro? Estávamos exultantes por vencer esta etapa! E aguardávamos a entrada para um 'novo mundo'... será que estávamos suficientemente preparadas para o que o futuro nos requeria? Perguntas, perguntas, perguntas...

Havia quem estivesse noiva e de casamento marcado. Ou quase marcado! Havia as que iam prestar concurso vestibular. Havia as que já estavam inseridas no mercado de trabalho. Outras se preocupavam com um novo emprego...

1975 chegava ao seu final carregando consigo nossa etapa vivida no Segundo Grau do Colégio Sagrada Família. 1975 chegava ao final... novos conceitos pululavam nas mentes das pessoas, nas famílias, nas diversas estruturas organizacionais... à mulher era exigido inserir-se no mercado de trabalho. Fazer curso superior – a grande meta! A grande chance! Questiona-se a obrigatoriedade do alistamento militar. Novas perspectivas surgem. O computador surge e instala-se na FURB em uma enorme sala! Sistema Cobol é a revolução! Ninguém ainda imagina que teríamos computadores miniaturas, laptop domiciliares em um pouco mais de anos! O celular é inquestionável – inexistente! Continua existindo o sonho! O sonho de ser feliz, sempre... seja como for, seja onde for!

Foi-se um tempo. Ficaram as amizades e as felicidades! Naquele dia não voltei logo pra casa. Fui caminhar ao longo da Rua XV...

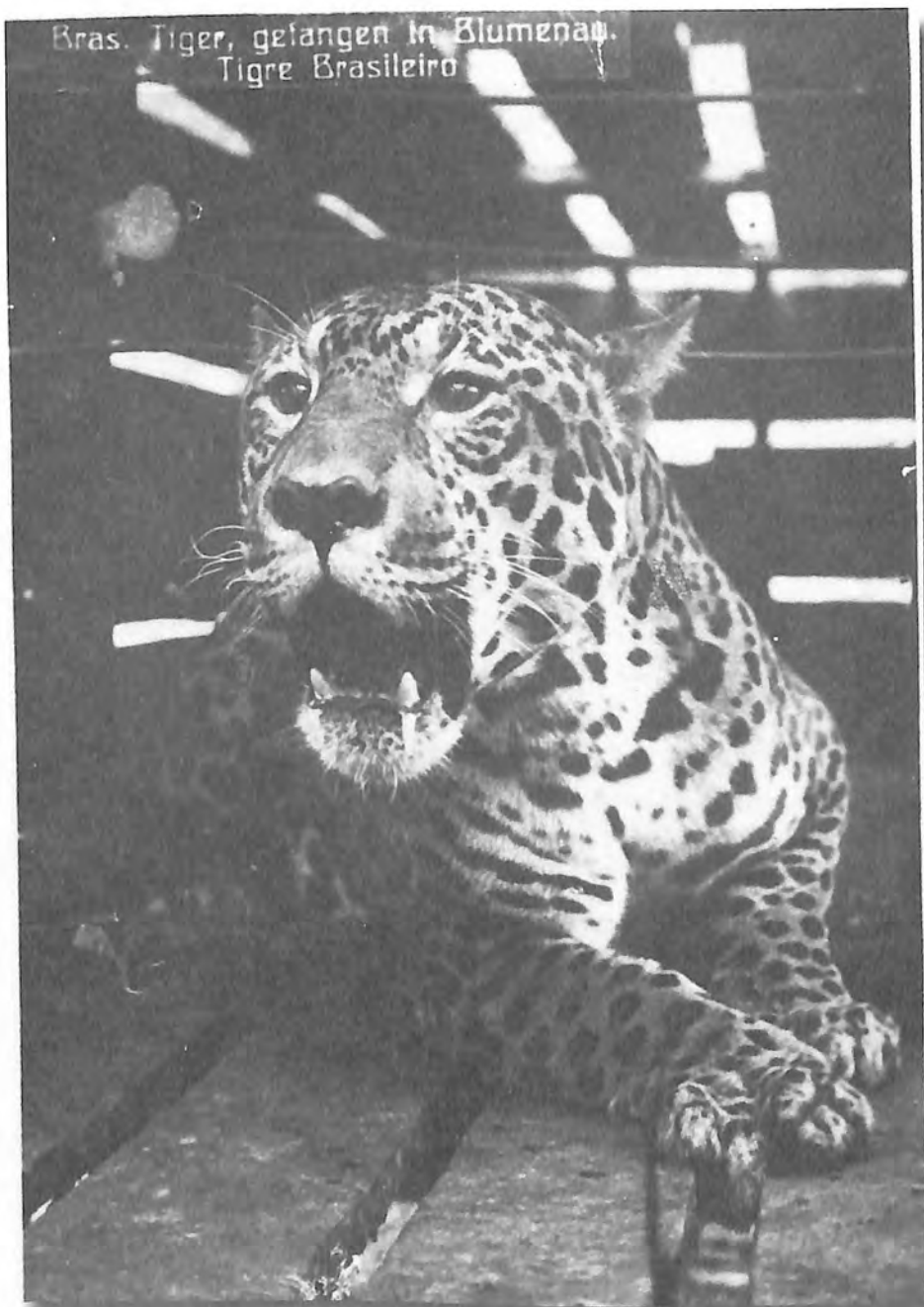


Marise, Cida e Ellen



Cida, Ellen e Marise

Bras. Tiger, gefangen in Blumenau.
Tigre Brasileiro



UM JARDIM ZOOLOGICO NO SUL DO BRASIL

UM JARDIM ZOOLOGICO NO SUL DO BRASIL*

Wilh. Schlüter de Halle a.S

O texto abaixo descreve a existência de um Jardim Zoológico na Blumenau Colônia na década dos anos setenta do século XIX. Foi escrita por um imigrante residente enviada a um irmão na Alemanha. Este pô sua vez a encaminhou para publicação na Revista de Observação, Cuidado e Criação de Animais, editada pelo professor na Escola Superior Cidadã e docente de Zoologia no Museu Senckenberg Dr. F. C. Noll. Este personagem era também na época membro de diversas sociedades e associações na área das ciências e história natural.

“Partilhei com vários membros da sociedade a ideia que tinha já há algum tempo de instalar no jardim da casa de tiro, que é justamente o local apropriado para isso, um pequeno jardim zoológico. O projeto foi muito bem recebido por eles e encontrou uma disposição tão favorável, de modo que a execução seguiu rapidamente. Deixo uma descrição detalhada do lugar, porque o esboço em anexo será a melhor maneira de ilustrar minha pequena criação. A casa dos macacos, que resolvi abordar primeiro, é octogonal, e tem cerca de 24 metros de altura e foi preenchida imediatamente, após a conclusão, com 9 macacos, a saber: 5 *Cebus fatuellus* e 4 *Myrcetes seniculus*.

Entrão a sociedade permitiu, a meu pedido, cavar uma lagoa, que será cercada, e servirá provisoriamente para peixes e tartarugas. Mais tarde, será adornada com aves de mangue e aquáticas e com uma *Victoria Regia* que esperamos irá prosperar também.

* Revista de Observação, Cuidado e Criação de Animais. Órgão Conjunto da Alemanha e Regiões Fronteiriças. Ano XIII Frankfurt a. M. Editora da Sociedade de Zoologia. 1872
– Tradução: Valéria C. de Oliveira Mailer (47)9903-0352

Em seguida, vem, sucessivamente, o galinheiro, um curral de porcos selvagens e um para um filhote de anta (*Tapirus americanus*). À bondade do senhor Diretor, Dr. Blumenau, devo a encantadora gaiola de pássaros de arame, preenchida com vários tipos de papagaios. A gaiola grande foi um presente dos Srs. Meyer & Spierling, abriga Jacu-Tinga (*Penelope Pipile*) e Ingambu (*Crypturus cinereus*), animais estes que são extremamente mansos e fazem os preparativos para o acasalamento.

Para uma capivara (*Hydrocoerus Capybara*), presente do Senhor Engenheiro Odebrecht há alguns dias, preciso ainda erguer uma cerca. Os restantes pontos da imagem mostram a cozinha e estábulos, a casa de tiro (minha moradia), a varanda, no fundo, é o Morro Schützen.

Aqui um breve esboço do tamanho do jardim zoológico da colônia Blumenau, um empreendimento privado, apoiado pela Sociedade de Tiro local e seu capitão e presidente, o cônsul alemão, Sr. V. Gärtner, e por doações dos moradores da colônia. Sobre a entrada e saída dos animais e outros vou relatar mais tarde. Sobre os ocupantes terão lugar, de vez em quando, as minhas observações individualmente. Hoje, eu começo com os Macacos, *L. Cebus Fatuellus*. Eles formam a parte mais interessante do meu jardim, e a juventude blumenauense rodeia todo dia a jaula, para deliciar-se com os exercícios de ginástica dos Macacos também.

Com auxílio de seus longos membros e caudas longas e flexíveis balançam e escalam com tanta velocidade, dando voltas tão rápidas e graciosas, que se pode ficar horas admirando e se divertindo, sem se entediar. Dos cinco macacos desta espécie, um deles chamado Peter é o protagonista, ele é o mais antigo de todo o clã e já há três anos é mantido em cativeiro.

Ele age como pai de todo o grupo. Se há perigo, protege os mais jovens e coloca-os nas costas ou em caso de frio e chuva, atrai-os em uma caixa, que eu coloquei como proteção contra mau tempo; mas, se preciso, distribui também com prazer bofetadas, conforme o comportamento deles.

Com crianças dos 3 aos 4 anos ele demonstra carinho incomum, joga continuamente beijinhos com as mãos e até mesmo as abraça carinhosamente. Por outro lado, mostra um tremendo ressentimento com meninos dos 12 aos 14 anos, quando os mesmos se aproximam dele, os morde com força ou rasga sua roupa.

Um dia, ele fugiu do viveiro quando era alimentado, avistou a cerca de 20 metros um menino já conhecido dele provavelmente, atacou-o imediatamente e cravou-lhe uma mordida que o menino uivou de dor. Fui chamado para salvar o garoto, que teve que ficar oito dias de cama.

Mais tarde, soube por outras crianças, que este menino sempre provocava e até debochava do macaco e isso foi, para Peter, um grande insulto, do qual ele não se esqueceu. Deu-me muitos problemas para trazê-lo de volta no viveiro, ele estava tão agitado que não comeu nada neste dia e sua boca ainda espumava de raiva.

Ele gosta de mim, pois eu procuro trazer pontualmente seu desjejum, almoço e jantar, converso com ele sempre carinhosa e amavelmente e ele reconhece isso.

Alguns dias mais tarde, depois de um Fandango, que dou todo mês na Casa de Tiro, estavam sentados em frente à minha cama, uma bela manhã ao acordar, o meu Peter e seu discípulo Hans jogando beijinhos com as mãos; e eu não estava menos surpreso de como os dois saíram do viveiro. Depois de ter prendido ambos com uma corrente, notei que uma tábua da Casa dos Macacos foi propositalmente quebrada, provavelmente por um dos muitos jovens, que, anteriormente, tinham me visitado.

Os dois macacos demonstram tanto apego por mim, que vão me visitar até na cama, e ambos são tão mansos e dóceis que posso deixá-los andar livres, sem medo que adentrem a floresta. Contudo, os palhaços fazem tanta asneiras, como, por exemplo, experimentar com pequenas pedras se os

vidros das janelas ainda estão inteiros ou vão ao buffet e se servem de cerveja ou outra bebida até que a garrafa esteja vazia e assim por diante.

Os macacos só podem ser capturados jovens: procura-se um bando e atira-se no animal que carrega um filhote nas costas. Quando o animal adulto cair, pode-se capturar facilmente o filhote, pois ele geralmente fica junto do pai ou da mãe.

No cativeiro é possível domesticá-los em pouco tempo, e aceitam somente alguns alimentos crus ou cozidos, entretanto gostam muito de laranjas e bananas, que são descascadas com tamanha destreza, que poderia se pensar tratar-se de um ser humano. Esta espécie alcança um tamanho adulto de 2,5 pés¹ com a cauda, só o comprimento dessa chega a 15 polegadas², de modo que o comprimento do corpo e da cauda são iguais. São magros e elegantes, seu pelo é negro até o rosto e um pouco comprido até a ponta da cauda.

A cauda sinuosa, a mais importante de todas as ferramentas de agarrar, não é utilizada somente para se segurar, mas também, na falta de mãos e pés, para trazer objetos para si. Quando ele escala, não solta sua cauda, que ele enrolou em algum objeto qualquer, até que ele tenha nas mãos o novo objeto. A força de sua cauda parece ser tão grande quanto à de suas mãos e penso que a perda de um pedacinho dela levá-lo-ia em pouco tempo à morte. A cabeça muito interessante é preta e com pelos curtos, o rosto em volta dos olhos, nariz e boca também são pretos, mas sem pelos, o resto é branco com pelos curtos, seus dentes afiados equipados com caninos pontiagudos. Os polegares são totalmente desenvolvidos, ele tem cinco dedos; as unhas não são afiadas e não servem nem como garras nem para se coçar; eles têm uma força descomunal, no entanto, só podem dispor dos dentes.

Os macacos vivem na selva muitas vezes em bando de mais de

¹ 0,38 cm

² 0,76cm

30 em cima das árvores. Por meio de seus longos braços e caudas balançam-se de uma árvore a outra e só vêm à terra, quando querem tomar algo, seu alimento é em grande parte frutos da selva. Geralmente procriam somente uma vez, nos primeiros dias o filhote é carregado sob a barriga, mais tarde nas costas por geralmente até seis meses. Esses macacos são muito consumidos pelos nativos, tanto pelos brasileiros como pelos índios e conta aqui no país como uma das carnes de caça.

A carne, se bem preparada, é bem saborosa, mas, nós alemães, temos certa aversão em abater este animal, por causa da grande semelhança com uma criança e porque sua pele não tem utilidade. Sua voz é uma espécie de assobio, para a qual fazem bico com a boca, como criancinhas, que querem aprender; se estão em perigo, começam a gritar terrivelmente e produzem um som tão desagradável, que gostaríamos de ficar com os ouvidos fechados.

As famílias de macacos parecem-me compor-se mais de machos do que de fêmeas, pois dos 20 exemplares vivos e mortos que passaram pelas minhas mãos, estavam somente duas fêmeas. Meus cinco exemplares na Casa dos Macacos são machos e já ofereci muito dinheiro para ter em posse uma fêmea para reprodução, até agora sem sucesso.

No decorrer do mês de novembro de 1870, quando eu caçava pássaros em um afluente do grande Itajaí, notei de repente em uma árvore alta um macaco sozinho, o que me surpreendeu, já que os via somente em grandes bandos; eu atirei e acertei na barriga e o animal caiu; embaixo, se levantou novamente, sentou-se nas patas traseiras, lambeu e limpou o sangue, que saía do ferimento, com as mãos e me encarou tão tristemente que senti pena por um instante; depois de alguns minutos o macaco caiu morto, eu o levei para casa e o preparei.

Uma outra vez tive a oportunidade de atirar em um entre muitos, que, contudo, ficou dependurado pela cauda em um dos últimos

galhos da árvore. Esperei por um longo tempo, o animal parecia abatido, mas não caía e, irritado, tive que abandoná-lo.

Mais tarde soube por um colono, que havia me trazido um bugio vermelho, que algo semelhante havia lhe sucedido. Os músculos da cauda dos bugios são em grande número e de longe mais fortes do que dos macacos e tão logo a cauda, ao cair de uma árvore, encoste em um galho e chegue até os músculos, esta se enrola em volta dele e o animal fica preso, e antes que a cauda se solte o corpo já está decomposto.

Para comprovar isso, um colono fez a experiência. Tocou com o dedo indicador vagarosamente na parte interna da cauda, pouco antes dos músculos flexores e essa fez uma meia volta para dentro e o dedo ficou preso, de modo que o animal, que pesava suas 8 ou 10 libras³, mesmo depois de morto conseguia ficar dependurado por si mesmo. Para determinar os efeitos que exercem nos macacos um modo de vida modificado e um outro clima, realizei diversos experimentos. Retirei alguns do viveiro, coloquei em uma corrente, deixados durante 14 dias sem qualquer abrigo, de dia no maior calor do sol e à noite no clima frio e úmido, que chegava a baixar até 10° C⁴. Ficavam a essa temperatura, amontoados uns sobre os outros, até aparecerem os primeiros raios de sol. Contudo, consequências adversas não foram encontradas.

Uma outra vez, coloquei-os presos por muitos dias em um caixote, no qual não podiam nem subir e nem ficar em pé, antes mais precisavam ficar sentados ou deitados, e foram alimentados por semanas somente por pão. Os animais suportaram tudo bravamente, e dessa forma penso que aguentarão muito tempo na Alemanha, pois não são tão dóceis quanto os bugios vermelhos. Mas, sobre isso relato mais tarde ”.

³ 4,5 a 5,5 kg

⁴ No original está em REAUMUR, tipo de escala de medição de temperatura criada em 1731 pelo físico francês Renè-Antoine de Réaumur.

O QUE O SAMAE ATENDE HOJE EM BLUMENAU?



O QUE O SAMAE ATENDE HOJE EM BLUMENAU?

Entrevista realizada pelos jornalistas Luiz Antonio Soares (L.A.S.) e Danilo Gomes (D.G.), com o diretor do Samae Guelfo Roveri¹ (G.R.).

L.A.S. Guelfo, como é que você chegou a ser dirigente de um serviço desse gênero, um serviço difícil, porque a água tem um aspecto muito singular. Quando o cidadão recebe, abre a torneira em casa e a água cai tudo bem, ele não tem nenhuma reação de contentamento, de alegria, de satisfação, ele simplesmente acha aquilo uma coisa normal. Agora, quando a água não vem, aí ele se lembra de descarregar o pau em cima do SAMAE, né? Como é que você chegou a essa condição de dirigente de um órgão dessa natureza, Guelfo?

G.R. – Bom, eu cursei faculdade, sou administrador, e o prefeito Renato Vianna achou por bem me nomear diretor, um homem de confiança do prefeito até o fim do seu mandato ou antecedendo o fim do mandato. Achei que administrar uma empresa pública era uma coisa muito importante, ainda mais aqui em Blumenau, que é uma cidade de porte médio, mas que é uma cidade de peso pra todo o Estado. E procurei desenvolver essa função dentro da melhor maneira possível. Acho que eu saio do SAMAE, no fim do nosso mandato, consciente de que nós cumprimos com a nossa obrigação.

D.G. – O Guelfo, quem é você ?

G.R. – Eu sou italiano de nascimento. Nasci em Mantova, vim de lá com

¹ Entrevista gravada no Programa Censura Livre em 03/03/1982 - **Transcrição:** Fernanda Sasse e Dayse Sehnem - 01/2011 – Monitoras do Centro de Memória Oral e Pesquisa – FURB.

nove anos. Meu pai era fascista, teve que fugir da Itália [risos] e consequentemente a família veio junto. Me criei no Paraná, cursei duas faculdades e em setenta, comecei a frequentar Blumenau, conheci a minha esposa aqui em Blumenau. Casei-me aqui, uma das minhas filhas é blumenauense e mudei de malas e bagagens pra cá em setenta e cinco, estou ajudando e colaborando para o progresso de Blumenau.

L.A.S. – Você acha, foi válida essa experiência, admitida a hipótese de que você possa sair no final do mandato do prefeito Renato Vianna ou talvez possa até continuar, é claro. Mas admitida a hipótese de que o seu mandato terminaria com o final do governo Renato Vianna, você achou válida essa sua experiência, profissionalmente, deu pra colher subsídios que permitam seguir uma carreira com brilhantismo daí por diante, em função dessa atividade na frente do SAMAE?

G.R. – Bom! Isso espero. Se os jovens acharem conveniente e acharem que eu tenho capacidade para que possa seguir nessa carreira pública, tudo bem. Mas a experiência foi válida, nós tivemos os nossos prós e contras, tivemos as alegrias e tivemos as tristezas também como você deve ter acompanhado o nosso desenvolvimento. Mas eu realmente acho que a experiência foi válida.

L.A.S. – Foi válida. O que o SAMAE atende hoje em Blumenau?

G.R. – Nós atendemos a 92,8% da população urbana de Blumenau, estamos acima 12,8% da meta estabelecida pelo PANASI em 1970. E nós tínhamos em torno de 12.500 ligações em fevereiro de setenta e sete. Hoje estamos perto de 27 mil ligações. Nós tivemos muitas dificuldades porque a nossa topografia é muito bonita de se ver, mas em matéria de saneamento básico pra nós é muito dificultoso. Onde houve condições técnicas nós passamos a

nossa rede, então nós fizemos. Onde não houve condições estamos tentando, estamos tentando abastecer essas famílias com o carro pipa.

D.G. – Quais são, Guelfo Roveri, as outras atividades do SAMAE, além da distribuição de água á população? É só isso que ele faz?

G.R. – Só isso.

L.A.S. – Eu queria saber de você o seguinte: Esses 7,2% da população urbana que não são atendidos, onde é que se localiza essa população?

G.R. – Bem. Tu sabes, Luiz Soares, que a nossa área rural é muito restrita, é muito pequena realmente. Essas famílias se localizam em pontos longínquos onde, tecnicamente, o SAMAE não tem condições de atingi-las. Se há condições, evidentemente, dentro de um projeto que já foi desenvolvido, está pronto, e nós temos que investir altas quantias para podermos chegar até essas famílias.

L.A.S. – O Guelfo, pra dar um exemplo. Você sabe que nós temos as antenas da rádio Blumenau, instaladas aqui na Rua Araranguá. É uma área praticamente central da cidade, certo? Nós temos água lá no local dos nossos transmissores, mas há uma série de residências ali nas periferias que se queixa, toda vez que eu vou lá se queixa pra mim que não tem água do SAMAE, que o SAMAE não chegou com a água naquela área. Seria esse um dos pontos graves de atendimento do SAMAE em função do morro, em função da topografia? O SAMAE não pode chegar ali, por exemplo?

G.R. – Luiz Soares, na área da Rua Araranguá o nosso reservatório está localizado numa cota de 96 metros. Em fevereiro de setenta e sete a prefeitura atendia, através de 3 carros pipas, aproximadamente 225 famílias. Nós procuramos estender a rede para suprimos o serviço do carro pipa, porque é um serviço deficiente financeiramente

falando. Nós fizemos oito recalques, atingindo as pessoas que residiam em pontos mais altos. Houve uma avalanche de migrações pra cá, tanto é que hoje nós atendemos com o carro pipa - em vez de esse número ter diminuído - estamos atendendo mais de 800 famílias. Porque o que ocorre é muito curioso, nós chegamos com a nossa rede num ponto alto da cidade e consequentemente essas pessoas de baixa renda que ali moram passam a vender essas suas propriedades porque ela se valoriza e passam a subir o morro mais ainda onde nos criam problemas sérios dentro do saneamento básico. Nas regiões da Rua Araranguá, da Rua Ascurra, da Adolfo Tallmann, da Rua Coripós onde nós fizemos os nossos recalques, estão se dando isto. As pessoas de baixa renda vendem o seu imóvel porque se valoriza e sobem mais o morro ainda, então. O problema do carro pipa, que deveria ser extinguido ou suprido, passa a atender mais famílias ainda.

L.A.S. – O SAMAE condena o uso de poço, Guelfo? Em áreas onde não existam...

G.R. – Bem. Se nós formos acatar o Departamento de Saúde Nacional, teríamos que fechar esses poços através da saúde pública, através do departamento estadual de saúde pública. Porém eu não posso fechar um poço onde o SAMAE não chega com a sua rede [interrompido]...

L.A.S. – Senhor Guelfo, me dá uma explicação. A humanidade, o Guelfo, passou a milênios aí, a usar poço. Não havia água encanada, isso é coisa recente, água encanada é coisa recente.

G.R. – Não! A Roma antiga já usava. Há lá um aqueduto que foi edificado.

L.A.S. – Sim. Mas o aqueduto apenas para conduzir a água de uma fonte até o local de consumo. Água encanada que eu digo, eu me expressei mal. A água tratada. Essa água que nós consumimos hoje que é

tratada.

G.R. – Eu não diria recente, porque o sistema convencional que é usado no tratamento da água já data de algumas décadas.

L.A.S. – Bom, mas algumas décadas em relação à humanidade é coisa recente. Sempre se usou poço. E sempre se disse que o poço é uma água muito boa, uma água muito pura, porque não contém todos aqueles elementos de poluição química e orgânica oriundos dessa avalanche gerada pelo progresso. Porque que hoje se condena o uso do poço? O cidadão mora lá em cima do morro, ele consegue com muito sacrifício, faz um poço, alcança pedra, alcança água, tem até cidadão que usa uma varinha, né, Danilo?!

G.R. – E onde ela se entorta.

L.A.S. – É pra procurar água. Bom, então o poço está condenado mesmo?

G.R. – O negócio é o seguinte, Soares. Eu te respondo a essa pergunta de uma forma muito simples. Não existe água in natura que seja pura. Toda água in natura, venha ela de fonte ou de poço, ela está sujeita a contaminação de bactéria fecal. Então tu podes pegar uma água, ela parece estar límpida, como esta, por exemplo, mas se nós levarmos essa água para o laboratório, nós vamos ver que ela contém bactérias, tá?! Então, não existe uma água in natura que seja pura. Os elementos químicos colocados na água são elementos necessários para purificar essa água. O hipoclorito de cálcio, que mata as bactérias, o sulfato de alumínio, ele adere às impurezas, ele condensa as impurezas e o sulfato regula o PH da água. Este é o sistema convencional do tratamento de água. Pegase a água do rio e passa por esse processo. E quando ela cai dentro de uma cisterna totalmente fechada e sem contato com o exterior até chegar à sua torneira, nós podemos dizer realmente que essa

água é pura.

D.G. – Quantas estações de tratamento de água nós temos hoje em Blumenau?

G.R. – Temos duas. Uma aqui no morro.

L.A.S. – É preciso dizer que aqui no morro, o pessoal não sabe qual é o morro. É a antiga caixa d'água.

G.R. – Perfeitamente.

L.A.S. – No morro da Boa Vista.

G.R. – Todos vêm quando passam ali pela Beira rio.

G.R. – Esse sistema foi inaugurado em 1943. E temos a nossa estação principal que se localiza na Rua Bahia.

L.A.S. – Aquela não é no morro, aquela é na baixada.

G.R. – Na baixada.

L.A.S. – Na grotá.

G.R. – Infelizmente. Com 9 metros e 40 centímetros já entra água. E para nós o grande problema lá não é entrar 1 metro ou 5 metros. Entrou meio centímetro já contaminou a água e temos que parar a estação.

L.A.S. – Como é que se justifica aquilo hein, Guelfo?

G.R. – Isso aí são erros de cálculos que não se admite, porque ali cego se fosse levado lá e ele apalpassse o chão em si, o território em si, ele diria que ali jamais seria viável que se construísse uma estação. Foi investida uma alta soma, onde esta futuramente deverá ser esquecida. E construídas mais estações, como era o projeto.

D.G. – Ah, deverá ser desativada?

G.R. – Deverá ser.

D.G. – É.

G.R. – Até 2005 por aí.

D.G. – Quem é que construiu aquilo, quem foi que calculou aquilo lá?

G.R. – Olha, foi a DNOS. O DNOS construiu e fez a doação para o município.

L.A.S. – Ô Guelfo, sei que você deve, é natural isso na gestão do serviço público, deve lealdade e até como princípio ao [interrompido]

G.R. – Aos meus princípios?

L.A.S. – Não, isso evidentemente. Mas você deve lealdade ao prefeito Renato Vianna. Mas a título de esclarecimento, e vamos deixar aqui de lado, eu pediria isso, qualquer vínculo político partidário. Vou fazer uma pergunta a você que é técnico, porque é diretor do SAMAE. Essa história SAMAE e CASAN, deixando de lado a política, você acha que seria vantagem nós entregarmos o serviço de água à CASAN para, por extensão, obtermos as possibilidades para implantar a rede de esgoto? Segundo: Sem entregarmos o serviço de água a CASAN, nós temos chances de implantar uma rede de esgoto? São as duas perguntas que eu quero deixar para você, mas pedindo que realmente você se abstenha do aspecto político partidário.

G.R. – Luiz Soares. Então vou dar minha opinião como homem, como cidadão esquecendo a paixão política, correto? É evidente que qualquer cidade do território nacional sonha com o esgoto sanitário. Não é só Blumenau onde não existe o esgoto sanitário. Eu não diria que para esse esgoto sanitário seja implantado e executado, seja necessário que o SAMAE passe para a CASAN,

porque a execução desse projeto só será viável com verbas federais. Não é possível com verba municipal, muito menos com verba estadual. Porque a soma é volumosa. Então não haveria condições, por exemplo, da CASAN fazer o esgoto de Blumenau e deixar de fazer o esgoto em Joinville, deixar de fazer esgoto em Camboriú, ou que não se fizesse o esgoto em Florianópolis que é a capital, e que a CASAN fosse fazer o esgoto aqui em Blumenau. Eu acho como homem, agora como homem administrativo, que esse projeto que aí está é inviável, praticamente inviável.

L.A.S. – Qual é o projeto?

G.R. – Este que está pronto. O que nós, o que seria, [interrompido] ...

L.A.S. – Mas que projeto nós temos em Blumenau?

D.G. – Aquele feito pelo Saturnino de Brito.

G.R. – Perfeitamente. Inviável [pausa], ele não pode ser implantando, porque envolve uma soma muito grande e mexeria com toda a cidade. Correto? Ele deveria ser utilizado não de maneira global, mas sim por bacias hidrográficas. Correto? Seria uma aplicação financeira bem menor, correto, e se faria o esgoto dentro das possibilidades financeiras do município e do estado. O projeto existe, e Blumenau foi a primeira cidade que teve esse projeto.

L.A.S. – Então ele é tecnicamente viável, mas economicamente inviável. Em curto prazo, é isso que você quis dizer?

G.R. – Perfeitamente, dentro da maneira específica como ele foi feito. Ele pode ser utilizado, evidentemente, em várias cidades. Que se faça outro projeto, porque este projeto é de um nível técnico único, muito elevado. Mas ele deverá ser, em minha opinião, usado por bacias hidrográficas, e não de maneira global como ele se apresenta.

D.G. – Guelfo Roveri, recentemente falando com o prefeito sobre esse assunto, ele disse o seguinte sobre o esgoto sanitário: “Não falo mais no assunto, quando Jaison Barreto ganhar o governo do estado vai ser a primeira obra que ele vai fazer. Uma das primeiras providências dele vai ser o esgoto sanitário e nós não vamos cobrar nada do povo por isso”. Seu pensamento é o mesmo? É isso, não se deve falar em esgoto sanitário agora.... [interrompido]

G.R. – Eu acho que sim. Eu acho que sim porque realmente o esgoto aqui em Blumenau ficou impossível, envolve uma soma voluptuosa e nesses próximos meses não vejo possibilidade de que haja a execução deste projeto.

L.A.S. – Olha, eu aqui me coloco na posição de muita isenção, pensando em termos de Blumenau. Então a gente ouve um lado e ouve o outro e faz a sua avaliação para chegar ao equilíbrio. Veja a contradição, o Guelfo, você mesmo acabou de dizer e não disse uma inverdade, porque não é você o primeiro a dizer isso aqui, de que uma implantação de uma rede de esgoto no município de Blumenau só seria possível com verbas federais. Certo? Bom, nós sabemos que o governo federal, através de seus órgãos técnicos só implanta recursos na rede de esgoto desde que o órgão gestor, o órgão gestor do esgoto seja também o dono, quer dizer o mentor do serviço de água. Confere isso?

G.R. – Correto.

L.A.S. – De maneira que se o SAMAE... [interrompido]

G.R. – Mas não, mas isso não é necessário que seja esse mentor, que esse mentor seja necessariamente de poder [interrompido]

L.A.S. – CASAN?

G.R. – Isso aí se diz... [interrompido]

L.A.S. – O SAMAE pode implantar uma rede de esgoto?

G.R. – Mas é evidente que pode. Mas o governo ... [interrompido]

D.G. – A liberação de recurso deve estar nesta cláusula.

L.A.S. – Mas o governo federal não dá recursos ao SAMAE, não porque o SAMAE é municipal, e não porque a prefeitura seja vinculada a um partido de opositor, não é este o aspecto. O governo federal tem suas linhas definidas no sentido de que os recursos para as redes de esgoto sejam concedidos ao órgão que ele preconiza como credenciado para este tipo de implantação, que no caso é a CASAN.

G.R. – Não, isso não está escrito em lei nenhuma.

L.A.S. – Mas então por que o planalto indica....

G.R. – Porque ele também tem poucos recursos, daí o que ocorre? O maior recurso destinado no ano passado, em saneamento básico, foi para cidade de porte médio, e é ele que fiscaliza e que incrementa o saneamento básico no Brasil, ele acha que deve se levar antes do esgoto a água tratada. Então nós temos no Brasil muitas cidades que ainda não possuem água tratada. Então ele prefere, antes de tudo, levar água tratada para essas cidades para depois pensar em matéria de esgoto.

D.G. – Tá bom. [interrompido]

L.A.S. – Só queria completar o que eu vinha dizendo em termo de contradição. Você mesmo falou, e não foi o primeiro, eu quero repetir isso, de que a implantação de uma rede de esgoto no município de Blumenau só é possível, só é viável com recursos federais.

G.R. – Perfeitamente.

L.A.S. – Nós não dispomos na nossa cidade de recursos orçamentários do município, e nem o governo do estado poderia descartar do seu orçamento recursos suficientes para implantar aqui uma rede de esgoto.

G.R. – Perfeitamente.

L.A.S. – Então, a afirmação do prefeito Renato Vianna de que vai fazer o esgoto no ano que vem, quando ele supõe que o senador Jaison Barreto venha a ser o governador, é uma figura de retórica, porque ainda que o senador Jaison Barreto se eleja como governador do Estado, não está dito que o governo federal ficará com as suas caixas abertas ao governo de Santa Catarina, que é um governo de oposição.

G.R. – Mas daí o prefeito diz que o Estado faz. [interrompido]

L.A.S. – Mas daí o estado não tem recursos. Eles estão cansados de dizer isso.

G.R. – Mas então, você acha Luiz Soares, que o governo federal não vai dar recursos pro Jaison, para o senador Jaison Barreto pelo simples fato de ser governo de oposição?

L.A.S. – Não, não é isso. Isso é o que sempre se alega.

D.G. – Ah, mas eu acho que não vai dar.

L.A.S. – Não, eu não quero levantar esta questão. Mas o que se alega é que a prefeitura não implanta o esgoto porque não conta com o apoio do governo estadual e do governo federal, pelo fato de que ela está nas mãos de um administrador do PMDB. Então não muda a figura. Se o senador Jaison Barretos é o governador, continuaremos tendo ... [interrompido].

G.R. - Bom, o negócio é o seguinte: Eu não acredito que o Governo

Federal não dê recursos a Santa Catarina pelo simples fato de que o governo está na mão da oposição.

L.A.S. – Eu também não acredito nisso. E até temos exemplo...
[interrompido]

G.R. – Eu não acredito nisso. Acho que os homens do governo federal são conscientes [interrompido]

D.G. – Vocês são muito otimistas.

G.R. – Então eu acho que se eles usarem essa estratégia em matéria de saneamento básico, onde o saneamento básico, saúde, educação são prioridade pra qualquer governo, então realmente...
[interrompido]

L.A.S. – Eu não quero ser otimista, eu quero ser realista. O Governo Federal estendeu as mãos a Blumenau com o projeto CURA. O ex-prefeito Félix Theiss conseguiu, encaminhou e recebeu toda a abertura para a implantação do projeto CURA que iria resolver os problemas da Escola Agrícola

D.G. – Enxurradas, enxurradas.

L.A.S. – Tudo isso seria resolvido.

G.R. – Bom, a enxurrada não existe só em Blumenau, qualquer enxurrada, qualquer temporal que se dê em qualquer cidade, inclusive...
[interrompido]

D.G. – Isso é fantasma de qualquer prefeito, né?!

G.R. – Perfeitamente.

D.G. – Uma pergunta agora, Dr. Guelfo Roveri... [interrompido]

L.A.S. – Só, só pra completar, Danilo, o Governo Federal, além do mais, está dando recurso para esgoto em Joinville.

D.G. – Perfeito. O esgoto em Joinville está sendo implantado?

G.R. – Eu desconheço.

D.G. – É, eu acho que agora eles têm o projeto, porque agora têm recursos, e não pode conseguir recurso sem projeto? Eu acho que não cabe a nós discutir um caso de Joinville. Dr. Guelfo Roveri, os pratos prediletos da bancada de vereadores do PDS aqui no nosso legislativo, de vez em quando, levam lá um calhamaço, de dívidas, porque o SAMAE está enterrado até os olhos. É comum a gente ouvir, é frequente. Até agora parece que eles pararam um pouco. Qual é a dívida do SAMAE? Existe essa dívida?

G.R. – Vou te contar uma coisa. As portas do SAMAE estão abertas. Estão abertas para qualquer um e verificar que o SAMAE não possui dívida. O que ocorreu, inclusive nós estamos terminando agora em março, terminamos de pagar aquela famosa dívida do BNH, contraída em sessenta e seis. Nós pagamos a última prestação agora em março, aquela famosa dívida que era a única dívida. O que nós devemos aqui na praça é justamente aquilo que nós compramos e que o “Santa” diz e que pagamos dentro ... [interrompido]

D.G. – Dívidas naturais.

G.R. – Dívidas naturais.

L.A.S. – Aliás, eu vou dar um depoimento pessoal aqui sobre aquele assunto. Eu, se fosse prefeito de Blumenau, não trocaria o SAMAE pela CASAN.

G.R. – Muito obrigado.

L.A.S. – Porque o serviço da CASAN é precaríssimo, eu o conheço, morei dois anos em Florianópolis. Nós temos pesquisas junto a consumidores de outras áreas onde funciona a CASAN e a CASAN

é um desastre, é um desastre em termos de atendimento, e aí é preciso fazer justiça. O SAMAE realmente até onde me consta tem atendido satisfatoriamente às necessidades da população, é claro que, em determinadas áreas deve haver precariedade. Eu não faria a troca [interrompido]

D.G. – Você está analisando aquela sua premissa de que enquanto está saindo água na torneira está tudo bem.

L.A.S. – Não é premissa minha. Essa aí é premissa de um amigo nosso que diz que o pessoal só fala em esgoto, esgoto e aperta o botão... [interrompido]

D.G. – Perfeito.

L.A.S. – Da hidro e nunca volta. Claro que isso aí é uma dedução simplista. É lógico que a gente sabe que nós precisamos de uma rede de esgoto a médio prazo, nós temos que pensar nisso. Mas trocar o serviço de abastecimento de água de Blumenau, hoje entregue ao SAMAE, e não estou dizendo isto aqui porque nós estamos entrevistando o diretor do órgão. Trocá-lo pelo serviço da CASAN, para Blumenau é um desastre. Se nós tivermos outra saída, realmente será o melhor caminho.

D.G. – Dr. Guelfo Roveri... [interrompido]

L.A.S. – Mas, tem uma perguntinha que eu quero fazer ao Guelfo sobre CASAN e SAMAE. O SAMAE cobra mais caro que a CASAN.

G.R. – Bom, eu justifico porque isso. Eu justifico porque ... [interrompido]

L.A.S. – A água é a mesma.

G.R. – Não.

L.A.S. – O produto é o mesmo.

G.R. – Eu justifico rápido e simplesmente. Primeiro eu vou dizer por

quer que não é mais cara, pois você veja uma coisa: Eu tenho uma casa em Bombas e pago 627 cruzeiros por mês, porque lá a tarifa mínima deles é mais barata que a nossa, correto? Porém a água deles não é 100% medida. Talvez seja medida numa faixa de 30%. Essas ligações que não possuem hidrômetro eles contam por pontos. Então eu pago de tarifa mínima lá na praia, 627 cruzeiros.

D.G. – Quer dizer, eles tiram a diferença nisso aí.

G.R. – Perfeitamente.

D.G. – Compensam.

G.R. – Perfeitamente. Veja uma coisa. Uma casa com 5 pontos, com 5 torneiras é uma casinha, é uma meia-água. Um chuveiro, um bacio, uma torneira da cozinha, outra torneira lá fora são 5 pontos. Vai pagar em torno de 570 cruzeiros. Eles contam por pontos. Uma casa com um número maior de pontos vai pagar muito mais do que isso. Bom, em segundo lugar, Luiz Soares, o nosso custo operacional é muito mais elevado, porque enquanto nós fazemos em média 600 reparos em rede mês, a CASAN, onde é de meu conhecimento, como Joinville, Itajaí, Itapema e outras não fazem tanto conserto, por quê? Porque são cidades mais planas, com uma pressão constante, não há rompimento de rede tão comum como há em Blumenau. E terceiro lugar, Luiz Soares, nós temos um sistema de plantão permanente 24 horas por dia o mês todo, isto também custa ao SAMAE. Então, além de você pagar o seu consumo de água esta pagando também a comodidade sua, porque se de madrugada arrebenta a o cavalete ou coisa parecida ou se num edifício estourar uma boia de retenção e o porteiro telefonar para o SAMAE, o SAMAE vem fazer o conserto. Então isso também se paga, é um serviço prestado. Em quarto lugar ainda temos a estação de deslizamento onde realmente o custo

operacional é muito elevado. Em Florianópolis nós sabemos que a CASAN não possui estação, a água é captada do manancial, jogada simplesmente na adutora e é dosada com cloro. Ela não passa por um tratamento através de uma estação. Então... [interrompido]

D.G. – Deixa eu ver se entendi bem. Continua.

G.R. – Então o custo operacional deles é muito mais barato que o nosso. Não podemos comparar, por exemplo, Blumenau com Florianópolis. Nós temos mais de 500 quilômetros de rede pra 27 mil ligações. Eles têm 500 quilômetros de rede pra 50 mil ligações.

D.G. – É mais topografia.

G.R. – Exatamente. É uma cidade mais densa, mais coesa, correto?

D.G. – Há quem reclame, eu ainda vinha subindo no elevador agora com um companheiro da rádio, perguntou quem era o entrevistado de hoje. Eu disse que era o diretor do SAMAE. “Ah, pergunta para ele sobre o excesso de cloro na água”. Então há quem reclame. Eu, francamente, particularmente, concordo com o Luis Antônio Soares. Acho excelente o trabalho do SAMAE e não vejo excesso de cloro na água.

L.A.S. – Às vezes a gente toma cloro com água.

D.G. – É mesmo, é? É mesmo, Dr. Guelfo?

G.R. – A nossa água bruta, que é água in natura, captada lá na [gaguejando] acima da ponte do Salto, captada na represa da CELESC. O índice de poluição é quase inexistente, correto, a nossa água ... [interrompido]

D.G. – Por ali na ponte do Salto, aquela que vem lá do Alto Vale?

G.R. – Perfeitamente.

L.A.S. – Sim, você acha que essa minha luta pela ponte do Salto não tem vinculações com essa área também!

G.R. – Mas a água bruta lá não está poluída. Ainda não, graças a Deus. Ainda não. O índice de poluição é muito baixo. Sabemos que o Rio Itajaí-Açu tem um volume de água muito grande. É evidente que se fosse um ribirãozinho onde a evasão fosse menor, o índice de poluição já seria sentido. Porque o que não se tira da água é o chumbo, herbicida, inseticida e pesticida. O resto se tira da água através do processo de tratamento.

D.G. – Mercúrio?

G.R. – O mercúrio não se tira.

D.G. – Não se tira? O mercúrio é danado.

G.R. – Sim, é danado. Mas aqui, esse não é nosso caso ainda, graças a Deus. Mas em Blumenau, felizmente, existem “n” número de mananciais, estamos muito bem de mananciais. Essa estação pode ser abandonada para o futuro e se construir mini-estações em diversos pontos.

D.G. – Estações menores?

L.A.S. – Você já não tem projeto pra fazer isso?

G.R. – Temos e estamos iniciando isso.

L.A.S. – Quais são os pontos? Pode falar que eu conheço essas áreas.

G.R. – Do primeiro ponto, já estamos iniciando o levantamento. Está praticamente pronto o processo de desapropriação. E queremos inaugurar este sistema até outubro, é a ETA I na Itoupava. O segundo ponto será Itoupavazinha, naquele rio, o rio Itoupavazinha, correto?

D.G. – Do lado do estádio municipal.²

² Havia na época um projeto para edificar um estádio de futebol nesta região.

G.R. – Depois será o Garcia, que é um bairro muito rico em mananciais.

L.A.S. – Lá no Jordão?

G.R. – Perfeitamente. Nós temos o ribeirão Garcia com a confluência com o Ribeirão da Prata onde a vasão foi medida. Não sei se vocês se lembram naquela seca que deu em setenta e oito, uma seca tremenda que nos deu. Uma vasão de 900 litros por segundo.

D.G. – Você vê o que é...

L.A.S. – Vamos fazer um elogio aqui ao seu Schadrack. Você vê o que é a preservação da natureza, não é? A preservação do Spitzkopf, que é onde nasce o Rio da Prata. Ou nasce ou pelo menos corre por ali, acho que nasce lá, né?

G.R. – Nasce ali em cima e inclusive aquela área, aqui da Russolândia, já foi decretada de preservação permanente.

L.A.S. – Tenho que dizer pro Danilo que Russolândia é a região da Nova Rússia !

G.R. – Nós temos um homem aqui em Blumenau que é uma celebridade em matéria de água, em matéria de sistema de água e a grande ideia dele sempre foi que em vez de se fazer uma estação só, se fazer várias estações em diversos pontos da cidade e interligá-las depois. O SAMAE hoje está gastando praticamente quase 2 milhões e meio em energia elétrica. Hoje todas as companhias de saneamento básico e mesmo em matéria de esgoto, não procuram fazer recalques, justamente para que a vasão seja mais barata, não usando bombas para recalque. Infelizmente aqui em Blumenau não há condições para isso.

L.A.S. – Eu queria saber de você, sobre a região da velha, lá no Gebien.

G.R. – Vai ter uma captação também.

L.A.S. – Vai ter uma captação, lá no Ribeirão do Gato.

G.R. – Não, Ribeirão do Gato não porque são praticamente próximas. Vai até naquele grupo escolar ali.

D.G. – Eu sei, Hercílio Deeke.

G.R. – Hercílio Deeke, perfeitamente. Vai até ali. Vai longe, né? Vai muito longe.

D.G. – Lá pros loteamento do Aparecido Marchiori, Jorge Giraldi, aquele pessoal lá.

G.R. – Pra frente ainda. Só que ali é ponta de rede ainda. Nós abastecemos a população que lá existe.

L.A.S. – Mas aquela é uma área de crescimento violento e de indústrias.

G.R. – Eu sei, por isso que nós estamos pensando em fazer essa captação ali na velha.

D.G. – O Aparecido não dá muita folga ao SAMAE também não.

G.R. – Bom, o vereador Aparecido Marchiori tem a função dele como vereador de oposição, critica e é de um direito que ele tem de criticar.

L.A.S. – Guelfo, o SAMAE dá lucro?

G.R. – Bom, é evidente que toda empresa, mesmo sendo empresa pública, o administrador que administra tem por sua obrigação fazer que esta empresa dê lucro. Se diz, nossa receita é “X” e não passa disso.

D.G. – Eu até estranhei a questão levantada de que o SAMAE devia, e ouço dizer que o SAMAE rola em dinheiro.

G.R. – Não é bem isso. Ele não rola em dinheiro. Nós temos uma renda suficiente para desenvolver nossas obras. Nós temos um problema de um pequeno caso com a CELESC porque, veja bem, eu vou

retornar a um espaço de tempo. Em 1979 no início nós pagávamos, a estação pagava em média de 90 mil cruzeiros por mês. Então, de junho a julho foi para 180, dobrou, dobrou esse consumo. O SAMAE reclamou. A resposta da CELESC foi de que nunca havia sido lido o consumo da estação e daquela data em diante passou a fazer a leitura. Eu não acreditei, porque eu não posso admitir que a CELESC tenha tido prejuízo desde o dia que a estação entrou em funcionamento até junho de 1979. Dentro de nosso orçamento estava previsto até junho ,90 mil cruzeiro por mês. De repente, esse consumo, vai para 180 por mês. Então realmente foi um baque para nós. E nós começamos a discutir, e ficamos um ano discutindo, e o SAMAE não pagou. Então, evidentemente, esse montante está acumulando.

L.A.S. – Estranho, porque quando a gente não paga a luz eles cortam. Não cortaram a luz do SAMAE.

G.R. – Não, eles não podem cortar. O que houve foi que quando nós íamos ativar uma subestação eles vinham com aquela história de que só fariam a ligação daquela subestação se o SAMAE pagasse aquele atraso.

D.G. – E a anunciada fluoretação da água?

G.R. – Bom, a fluoretação é uma matéria muito extensa, muito grande, que abrange inclusive estudos científicos e não técnicos. Eu participei de várias convenções onde cientistas alemães, americanos, ingleses, russos, inclusive são contra a fluoretação. Mas há outros a favor. Então, é uma matéria muito discutível onde eu, como simples Diretor da SAMAE e não sou técnico no assunto, prefiro aguardar e que esses homens digam: “Pode colocar o flúor que é excelente”, pra depois começar a pensar em implantar isso aqui em Blumenau. Porque o sistema de produção da água poderia ser

muito bom para uma cidade de duas ou três mil ligações onde o controle seria mais fácil de ser feito. O que me preocupa é levar água tratada aos mais distantes pontos da cidade.

L.A.S. – Temos duas perguntas dos nossos ouvintes. Uma pergunta aqui é do João Carlos, um ouvinte nosso: Está prevista a estação de tratamento de água para o Garcia Alto?

G.R. – Seu João Carlos, nós acabamos de dizer agora aqui que o projeto está pronto para aquela região.

L.A.S. – Ah, essa nova lá, que pega o manancial do Rio da Prata.

G.R. – Perfeitamente.

L.A.S. – Outra pergunta aqui: Quando será estendido a rede de água no bairro Passo Manso?

G.R. – O Passo Manso, no Badenfurt, Três Peixinhos, ali pra dentro está na nossa meta de investimento dentro de uma restrição financeira. Também a base de....

D.G. – Subestações.

G.R. – Mini-estações, isso seria o mais concreto. Mas como nós temos regiões prioritárias, tem que olhar onde existe mais densidade demográfica, correto? Para que essa obra seja feita com mais rapidez, temos que trazer essa água da nossa estação principal. É uma obra mais barata e é um projeto que também tem condições que seja executado com mais rapidez.

L.A.S. – Bem! Vamos agradecendo ao Guelfo Roveri, diretor da SAMAE, pela sua participação no programa Censura Livre, e amanhã vamos entrevistar aqui, a partir de oito e quinze, o Secretário de Educação do município, Dr. Ingo Fischer.



AVENIDA BEIRA RIO

AVENIDA BEIRA RIO*

Faz muitos anos que o engenheiro Landriani, um dos velhos batalhadores de Blumenau, projetou uma extensa Avenida Beira Rio, desde a desembocadura do Rio Garcia até o do Ribeirão Velha. Uma obra monumental para aqueles tempos e que foi orçada por três mil contos de réis, enorme quantia para o município, que dispunha de diminuta renda. Muita gente imaginou que Landriani estivesse possuído do espírito de Julio Verne ou atacado de alguma moléstia mental. Para Landriani não passou, sua idéia, de um grande sonho de visionário. Sonho que o acalentou até os últimos dias de sua vida. Ninguém acreditou que se pudesse por em execução uma obra de tal grandiosidade. Não sabemos si, na época, fizeram alguma tentativa para executá-la.

A Avenida Beira Rio, um dia será levada a efeito. Dizem que a verba necessária, uns trinta milhões de cruzeiros já vem estourando por aí... que breve será concretizado a idéia daquele sonhador e grande visionário que foi Landriani. Blumenau uma das cidades mais pitorescas do Brasil banhada pelo sinuoso Itajaí Açu; enfeitada de floridos jardins; com um sabor europeu pelos seus telhados pontudos; cidade de trabalhos e de grandes realizações; cidade que deve seu progresso e o conforto que desfruta, exclusivamente à iniciativa particular dos seus habitantes, um dia terá a sua Av. Beira Rio. Talvez os poderes públicos resolvam atacar essa importante obra o mais breve possível. Talvez pretendam contemporizar mais alguns anos. Porém um dia, nós ou nossos filhos, veremos a realização que será o nosso orgulho. Pela grande contribuição aos cofres públicos, municipais, estaduais e a Fazenda Federal, nossa terra espera merecer dos poderes públicos seus olhares benevolentes. Que nos devolvam, com

* Jornal LUME – nº 5 – 27 de Novembro – ANO I de 1949.

benfeitorias, uma pequena parte do que estamos contribuindo há várias dezenas de anos. Isso é o que esperamos da clarividência dos nossos homens públicos.



Vista da Beira Rio, década de 60.

VAI SER INICIADA A CONSTRUÇÃO DA AVENIDA BEIRA-RIO¹

Providenciada pela Prefeitura Municipal a desobstrução dos terrenos marginais do Itajaí-Açu. Segundos fomos informados, já foram iniciados os trabalhos de alinhamento da futura Av. Beira Rio, há tempo projetada e que será construída à margem direita do Rio Itajaí-Açu, no trecho em que o mesmo contorna a cidade.

¹ Jornal LUME - nº 54 - 5 de Julho - ANO II de 1951



Trabalhos de estrutura e base para a construção da Beira Rio.

A prefeitura Municipal acaba de avisar a todos os ocupantes dos terrenos marginais do citado rio que renovam as construções porventura existentes dos mesmos, deixando-os livres para que possam ser procedidos os serviços necessários às obras.

Desse modo ao que parece, a obra projetada pelo competente Patrício, Sr. Landriani, vai finalmente ser tornada realidade. Como se sabe a construção da Avenida Beira Rio foi tratada com mais empenho após os desmoronamentos verificados nas barrancas do Itajaí-Açu e que chegaram a ameaçar a maioria dos prédios edificadas nessa margem, pois a mesma viria a se construir, além de mais uma via de acesso à cidade, uma proteção contra a perigosa erosão que lentamente vem sendo praticada pelas águas do rio. Por outro lado, a nova avenida virá grandemente contribuir para o

descongestionamento do tráfego da rua XV de Novembro, que até agora tem sido praticamente a única utilizada pelo intenso tráfego de veículos em nossa cidade. Igualmente a par dessa parte útil da futura Av. Beira Rio, irá ela dar novo aspecto à cidade que ficará embelezada pela inovação.



Colocação de pedras para a formação da base da Beira Rio - 1968.

Mario Tessari

Momentos



Editora Unisul

CURIOSO CAPÍTULO DE NOSSA HISTÓRIA

Enéas Athanázio*

Faz muito tempo que escrevo sobre este assunto, embora o interesse a respeito seja ínfimo. Muitos capítulos da história catarinense são negligenciados e até desconhecidos, o que é lamentável porque, com o correr do tempo, suas fontes se apagam e mais difícil se torna reconstituí-los. Refiro-me à atuação da célebre Companhia Lumber (Southern Brazil Lumber & Colonization Company) em Três Barras e, acima de tudo, em Calmon, localidades onde ela mantinha suas sedes, ambas dirigidas pela administração central, no Rio de Janeiro. Tais temas têm sido abordados por estudiosos do Contestado, apontando a Companhia como uma das causadoras daquela Guerra (1912/1916), mas sempre de maneira marginal ou secundária. Seria necessário, antes que seja tarde, realizar um estudo em profundidade de tão interessantes episódios da história catarinense.

Com o término da construção da chamada Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, entre Porto União (SC) e Marcelino Ramos (RS), passando pelo Vale do Rio do Peixe, a Lumber deu início à serragem dos pinheiros e madeiras de lei da fazenda que havia recebido em troca da ferrovia em ambas as suas margens. A serragem foi realizada em serraria própria, instalada diante da estação de Calmon, e mais tarde incendiada durante o conflito, e serrarias de suas associadas. Pertencente ao chamado Sindicato Farquhar, seguia os métodos de administração americanos, mantendo inclusive um corpo de segurança próprio, cujos integrantes se trajavam como caubóis do oeste daquele país. Percival Farquhar era íntimo do senador Pinheiro Machado, o todo-poderoso da época, e tinha como

* Escritor e advogado

advogado o próprio vice-governador do Paraná, Afonso Camargo. Contava ainda com as simpatias de Assis Chateaubriand. Ele também construiu a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, na Amazônia, no atual Estado de Rondônia, e hoje extinta.

Segundo algumas publicações históricas, a Lumber adotou como método de ação o sistema dos “coronéis” que dominavam a cena política da região. “No Contestado, – afirma uma revista – a Lumber adotava os mesmos métodos dos coronéis: mantinha seu próprio exército, chefiado por “fiscais” armados; controlava os empórios e armazéns onde os trabalhadores faziam compras; submetia a castigos físicos (chibata) e encerrava nas cadeias de suas cidades os funcionários que desobedeciam às ordens da empresa” (*). Além disso, desalojou daquelas terras os antigos posseiros, contribuindo assim para a eclosão da revolta que ensangüentou a região. Todas essas informações são baseadas em pesquisas e fundadas em fontes confiáveis.

Entre os fiscais da Lumber, acumulando a função de Inspetor de Quarteirão, estava o senhor Nicola Codagnoni (ou Codagnone), figura que conheci bem, já bastante idoso, em Porto União. Durante muitos anos ele viveu em Calmon, exercendo essas funções, além de manter um armazém de secos e molhados e fornecer lenha para a ferrovia. Nascido na Itália, falava o português com acentuado sotaque, e seus “editais” se tornaram muito conhecidos, em especial o que foi publicado na referida revista e que vai a seguir transcrito:

“Editalos. Aos moradores da Fazenda da Lumbros. Faço sientos que todos aquellos que vírus o presente editalos fica proibitos de carregaros espingarda e faco nas cinturas, quando vieres fazers compras neste negocio. Fica também proibito beberos cachaça quando estiveros presente estrangeiros bé vestidos do porto. Os cabuks que desrespetaros estos será ponhados pra fora da fazenda e metidos nos cadeios, também comunico-los de nem unos

sobre-bereteros e seus cabuks té direto a reclamaço dos precios deste negocio e né tão poco compraros do porto e né permitos que otros negociantes ponhas budegas entre a estaço de San Juó e o rio Caçadores. (Ass.) Nicola Codagnoni, MD fiscalos da Lumbros e Inspetoro de Quarteró.” (Edital afixado em um pequeno armazém da cidade de Calmon).

Como se vê, além de outras medidas, o edital proibia a reclamação relativa aos preços das mercadorias vendidas, assim como a instalação de qualquer concorrente entre as estações de São João, hoje Matos Costa, e Rio Caçador, hoje Caçador. Proibia ainda que os moradores fizessem suas compras em Porto União. Para causar boa impressão, proibia os caboclos de beberem cachaça na presença de estrangeiros e pessoas bem vestidas que vinham de Porto União. Afinal, era preciso guardar as aparências.

Não sei onde se encontra o original deste edital, mas ele tem sido publicado em jornais e revistas de várias cidades.

Ainda tive oportunidade de ver as fichas que eram usadas pela Lumber em substituição ao dinheiro e que só valiam no armazém da própria Companhia. Lembro-me de fichas de três cores e tamanhos, cada uma de valor diferente. Isso acontecia muitos anos depois, quando a Lumber já estava incorporada ao patrimônio nacional. Mas nessa época o “truck-system” já estava proibido pela CLT.

A Lumber, suas associadas e sucessoras cortaram milhões de árvores na região de Calmon, empobrecendo-a e prejudicando seu futuro. Toda essa imensa riqueza fugiu pelos vãos dos dedos e nada ficou. Nem uma estrada, um hospital, uma escola, uma obra pública de vulto. A própria ferrovia foi desativada e se encontra entregue ao vandalismo e à intempérie. Nada restou.

Mario Tessari foi um dos integrantes do reduzido grupo literário de Canoinhas nos tempos em que lá residi. Não será demais lembrar que ele lançou o livro “Momentos” (Editora Unissul – Tubarão – 2004). Trata-se de uma coletânea de poemas muito bem escritos, instigantes e inspirados. O poeta é um erudito, cultua a linguagem com fervor, e sabe usar desses ingredientes sem se tornar pedante ou presunçoso. São poemas cuja leitura provoca satisfação. Meus parabéns ao velho amigo Mario, hoje vivendo em aprazível sítio, no sul do Estado, em contato direto com a natureza. Sempre com um olho nas letras.

(*) “Revista Nosso Século”, S. Paulo, Abril Cultural, 1980, “A política das Salvações”, Capítulo I, pág. 37.

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de matérias da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

Registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

Tem um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

É dividida em várias seções ou colunas:

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias. Devem estar, preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As notas de conteúdo precisam constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto. Os artigos poderão ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando, preferencialmente, resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Com comentários, críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Seção dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Para publicação de documentos oficiais que sejam de interesse da história regional.

Crônicas do cotidiano

Coluna que contempla autores que narram, sob a forma de crônicas, aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngue, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para o português.

Entrevistas

Coluna dedicada a depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau, revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Setor que contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcbu.com.br, digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas, além de virem no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. Este se reserva o direito de publicar ou não os textos encaminhados à sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da revista, referentes ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores.

Para proceder à assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Encadernação: R\$ 150,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante. Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento).

a) () Desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2011.

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

b) Outras opções acima: _____ Preço: R\$ _____
(_____ reais)

Formas de pagamento:

() Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

() Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 0095-7. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

() Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - CEP 89015-010 - Fone: (47) 3326-6990 - Fax (47) 3326-4237

Blumenau (SC) - E-mail: arquivohistorico@fcbu.com.br

prevenção...
o efetivo total na
ando com a Guarda
ira, foi recebida a notícia
se dirigia para Blumenau,
erdistas-trabalhistas assumi-



O PCB EM BLUMENAU

Entre a história e a memória.

Edison Lucas Fabricio - Páginas 54 a 76

A história da constituição do PCB em Blumenau é bastante curiosa. Segundo Francisco Pereira, havia em Blumenau um relojoeiro chamado Erwin Loeschner, que tinha conhecido um senhor de nacionalidade tcheca, residente no caminho entre Blumenau e Brusque, este homem o fornecia semanalmente um exemplar do jornal oficial do PCB, "Novos Rumos". Loeschner criou um grupo de leitura do jornal junto com Hilton Zimmermann, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, e mais alguns simpatizantes das ideias do Partido. Posteriormente, o tcheco desapareceu e os integrantes do grupo se viram diante da necessidade de escrever uma carta para a redação do "Novos Rumos", solicitando mais informações e manifestando vontade em conhecer o Partido. "... é claro que o comitê central deu um puxão de orelha no diretório municipal [estadual], afinal de contas Blumenau era uma das maiores concentrações operárias e ainda hoje é, e eles estavam pedindo para conhecer o Partido. Daí eu fui destacado para ir para lá organizar o partido, como advogado.

Operação Limpeza empreendida pelas autoridades de Blumenau

RELATO COMPLETO SOBRE AS OCORRENCIAS NESTA CIDADE

neq. advoca a participação das forças vivas da democracia...
eimentos desenvolvidos no país, e cujos reflexos...
sentir, de modo expressivo, nesta cidade. Blumenau,
oulação, em esmagadora maioria, criou a Liberdade e a...
expressivos das classes democráticas...
de ação, no caso...
sucedem...
sua...
Quando... desenvolviam as operações...
do Rio Grande do Sul, foi r...
ONZE. Havia em aq...
agrupamentos subv...
comunistas e ag...
v...